

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

REDACÇÃO	D. Pedro Segundo	387
MARTIM FRANCISCO	Patria Morta? (De Pombal a Pires Ferreira — Ex- cerpto)	392
JOSE MARIA BELLO	Iniciação Literaria	398
RICARDO GONÇALVES	Do "CYRANO DE BER- GERAC" (Edmond Ros- tand)	405
LEO VAZ	A Rifa	409
F. BADARÓ	O clero brasileiro	414
MONTEIRO LOBATO	O Imposto Unico (Conto do Natal)	419
MARTIM FRANCISCO	Viajando (V)	430
HELIO LOBO	A America e a Guerra	447
PORFIRIO SOARES NETTO	Impressões de viagem	452
J. A. NOGUEIRA	Paiz de ouro e esmeralda	460
LAMARTINE MENDES	Versos — Leziria	467
MUCIO LEÃO	Um livro nobre	471
ALBERTO TORRES	Ultimas palavras de uma nobre consciencia	478
REDACÇÃO	{ Bibliographia	483
	{ Resenha do mez	486

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 36 - ANNO III

VOL. IX

DEZEMBRO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 62
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Significação histórica do maximalismo (*José Ingenieros*) — A reacção da cultura (*Brenno Ferraz*) — Cyrano de Bergerac (*Celso Vieira*) — O arsenico e a hygiene da mesa (*Dr. L. P. Barretto*) — O café brasileiro nos Estados Unidos (*Medeiros e Albuquerque*) — Caricaturas do mez — Gravuras antigas — **ILLUSTRAÇÕES**: retratos de D. Pedro Segundo, D. Luiz de Orleans e Bragança e D. Pia de Bourbon.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: Dr. José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: Dr. J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande: do Sul: Dr. João Pinto da Silva.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

Caixa Postal, 2-B — Telephone, 1.603, Central.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario

RESENHA DO MEZ — Significação histórica do maximalismo (*José Ingenieros*) — A reacção da cultura (*Brenno Ferraz*) — Cyrano de Bergerac (*Celso Vieira*) — O arsenico e a hygiene da mesa (*Dr. L. P. Barretto*) — O café brasileiro nos Estados Unidos (*Medeiros e Albuquerque*) — Caricaturas do mez — Gravuras antigas — **ILLUSTRAÇÕES**: retratos de D. Pedro Segundo, D. Luiz de Orleans e Bragança e D. Pia de Bourbon.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: Dr. José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Belo Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: Dr. J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: Dr. João Pinto da Silva.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

Caixa Postal, 2-B — Telephone, 1.603, Central.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario

Aviso aos Assignantes

Approximando-se o fim do anno, época em que termina a maioria das assignaturas, lembramos aos nossos assignantes que é opportuno fazel-as reformar quanto antes, afim de evitar interrupção na remessa. Para facilitar a reforma, vem abaixo um boletim para ser devidamente enchido. Aproveitamos o ensejo para chamar a attenção dos nossos assignantes para o annuncio da pagina 5 — AOS LEITORES.

BOLETIM A ENCHER

Ilmo. Snr. Gerente da "Revista do Brasil" — Caixa 2-B
— S. PAULO.

Segue em vale postal a quantia de _____, para a reforma da minha assignatura.

Nome _____

Residencia _____





BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

Livros de segunda mão em perfeito estado

O PANORAMA — 15 vols. enc.	100\$000
DIDEROT — Obras completas, edição Garnier de 1875	120\$000
Van RIEVELLIET — Elements de pedagogie experimentale — 2 vols. grandes	20\$000
T. SANFORD — Cours de psychologie experimentale	10\$000
MONTESSORI — Antropologia pedagogica	7\$000
A. COLLIN — Le developpement de l'enfant	5\$000
G. ROUMA — Pedagogie sociologique	5\$000
PIZZOLI — Quaderni didattici	6\$000
— Pedagogia scientifica	6\$000
P. ROMANO — Psicologia pedagogica	4\$000
BINET — Les modernes idées sur les enfants	4\$000
P. ROUSSELOT — Pedagogie	4\$000
BINET — La psychologie du raisonnement	3\$000
G. GROMAIRE — Democratie et education	3\$000
F. QUEYRAT — La logique chez l'enfant	3\$000
VAISSIERE — Elements de psychologie experimentale	3\$000
NUSSBAUM — Le probleme de l'école secondaire	3\$000
C. HENON — Elements de psychologie pedagogique	2\$000
JOÃO CESCA — Teoria da Educação	3\$000
L. BAUDRIT — L'évolution des forces psychiques	4\$000
V. H. FRIEDEL — Problemas pedagogiques	4\$000
H. CHANTEVOINE — L'éducation joyeuse	4\$000
V. H. FRIEDEL — La pedagogie dans les pays étrangers	4\$000
J. LOCKE — Pensées sur l'éducation des enfants	3\$000
J. DEWEY — L'école et l'enfant	2\$000
V. MERCANTE — Metodologia	5\$000
F. GARCIN — L'éducation par la methode froebellienne	4\$000
KOSTYLEF — La crise de la psychologie exp.	3\$000
BUNGE — E'volution de l'éducation	3\$000
E. KEY — Il secolo dei fanciulli	4\$000
A. BAIN — La science de l'éducation	4\$000
G. BRAUNSCHVIG — Notre enfant	4\$000
H. POINCARÉ — La science et l'hypothèse	4\$000
P. GAULTIER — La vraie éducation	3\$000
R. ETCHART — Psychologie énergétique	3\$000
A. CULLERRE — Les enfants nerveux	4\$000
PAUL BONCOUR — Les anomalies mentales chez les écoliers	3\$000
H. JOLY — L'homme et l'animal	3\$000
A. REY — L'énergetique et le mecanisme	3\$000
P. HARTENBERG — Traitement des neurastheniques	4\$000
RICHTER — Psychologie generale	3\$000
P. DIDON — L'éducation present	4\$000
A. AULARD — Les grands orateurs de la revolution française	6\$000
NYSENS — Comment lire et étudier	3\$000
LEVY WOGUE — Pages scientifique et morales	4\$000
A. MOSSO — L'educazione fisica della donna	3\$000
E. PICARD — La science moderne	4\$000
P. SOURIAU — Les conditions du bonheur	4\$000
M. BREAL — L'instruction publique en France	3\$000
LITTRE — Medicine et medecins	3\$000

Pedidos por obsequio á Revista do Brasil — Pelo correio mais 500 reis por volume.

AOS LEITORES

Ha um ponto em que a superioridade da Argentina sobre o Brasil é indiscutivel: nas suas revistas. Tem-nas optimas, prosperas e em melhora crescente. Porque não havemos nós de conseguir o mesmo? Já possuímos uma por todas as razões em caminho e digna de ser a grande revista nacional. Pela sua tiragem, pela sua collaboração, pela sua independencia, a "Revista do Brasil" está destinada a occupar esse lugar. Indica-o a entrada crescente de assignantes novos, cerca de 200 por mez, de Julho para cá. E' muito, dado o marasmo em que sempre viveram entre nós as revistas sérias; mas é pouco diante do objectivo que temos em mira: dotar o paiz de uma revista que marque época.

Para conseguil-o nenhum auxilio mais precioso do que o prestado pelos seus proprios assignantes. São elles os que melhor a conhecem, os que lhe tem amizade, os que podem, portanto, propagal-a com maior efficacia. Foi tendo em vista esta circumstancia que nos lembramos de pedir aos nossos assignantes, em circular, o inestimavel auxilio duma sympathia activa, e que hoje voltamos ao assumpto.

--- ATENÇÃO ---

Cada assignante que nos angariar QUATRO assignantes novos terá a sua assignatura gratuita. Se nos angariar apenas uma terá 3\$000 levados a credito; angariando duas terá 6\$000; tres, 9\$000, e assim por diante. Estas verbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das suas assignaturas ou na aquisição das obras editadas pela revista

--- BOLETIM A ENCHER ---

Ilmo. Sr. Gerente da "REVISTA DO BRASIL

Junto seguem.....\$. importancia das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)
(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)

Peco-lhe, pois, que me credite a importancia de

.....\$.....

..... de de 19.....

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & C.^{ia}

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

— EM PARIS

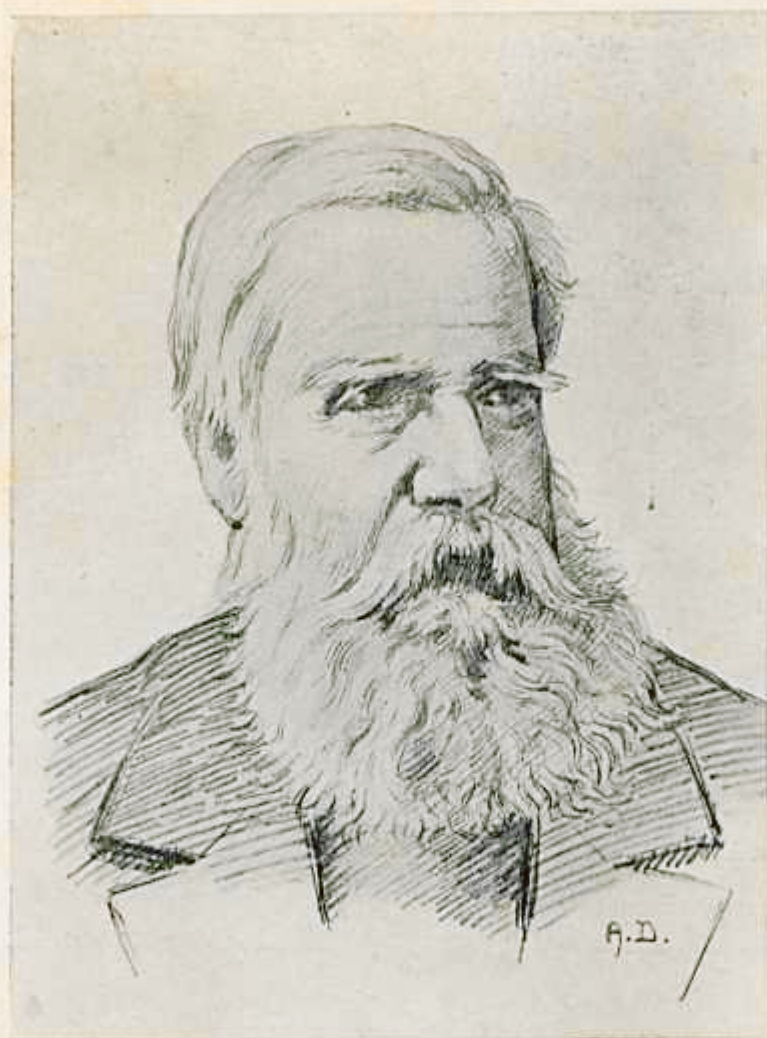
17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,
Porcellanas, Objectos de
Arte para Presentes,
Baterias de Cozinha.

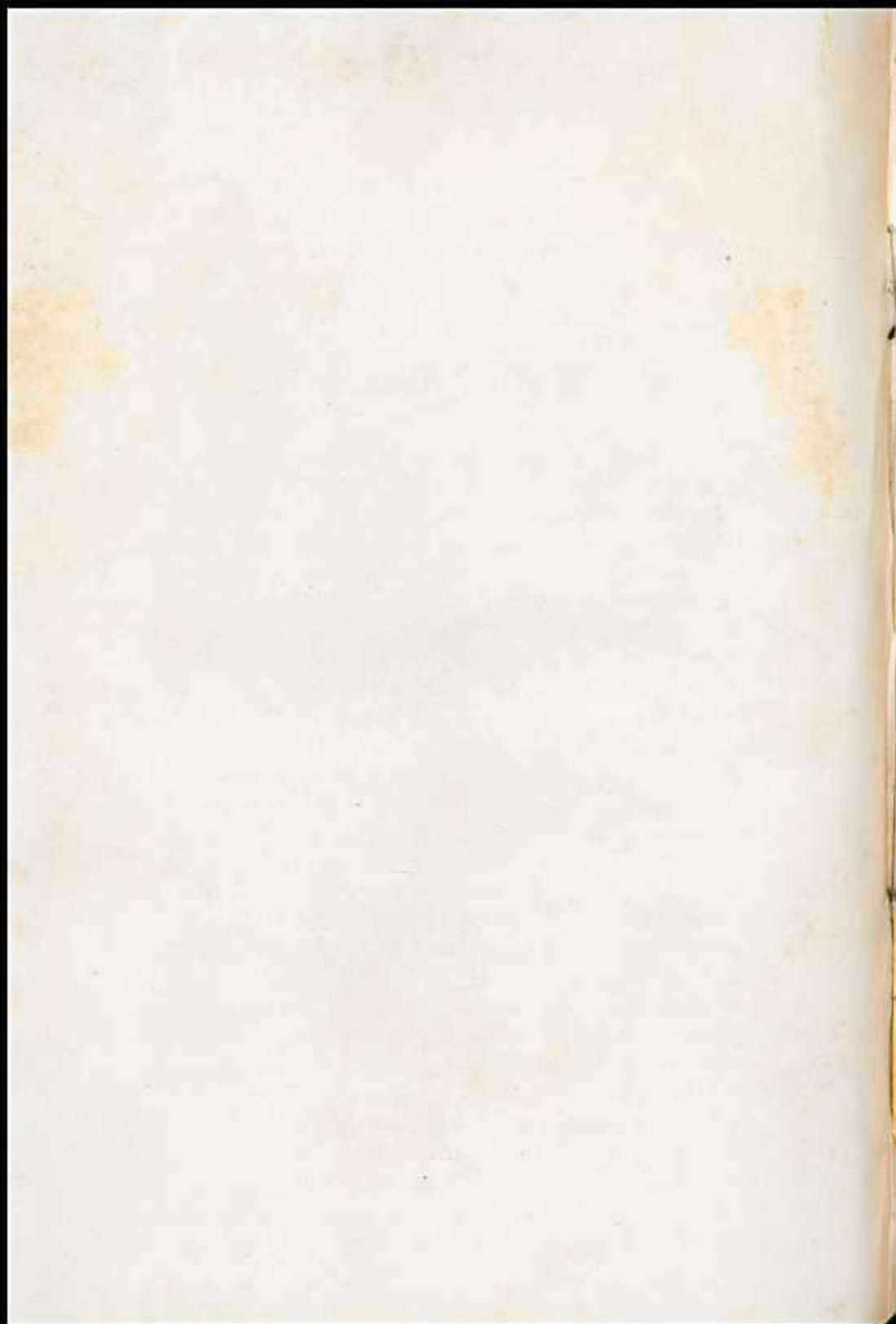


VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::



D. PEDRO II (desenho de A. Dutra)



D. PEDRO SEGUNDO

Despercebidos de todo passaram-se este mez dois anniversarios. A 2 de Dezembro nasceu, a 5 de Dezembro falleceu D. Pedro II. Quem foi este homem que não deixou lembranças neste paiz? Apenas um imperador... Um imperador que reinou apenas durante 58 annos... Tyranno? Despotico? Equiparavel a qualquer facinora coroado? Não. Apenas a Marco-Aurelio...

A velha dynastia bragantina alcançou com elle esse apogeu de valor mental e moral que já brilhou em Roma, na familia Antonina, com o advento de Marco-Aurelio. Só lá, nesse periodo feliz da vida romana, é que se nos depara o sosia moral de Pedro Segundo.

A sua funcção no formar da nacionalidade brasileira não está bem estudada. Era um ponto fixo, era uma coisa seria, um corpo como os ha na natureza, dotado de força catalitica.

Agia pela presença.

O facto de existir na cuspide da sociedade um symbolo vivo e activo da Honestidade, do Equilibrio, da Moderação, da Honra e do Dever, bastava para inocular no paiz em formação o virus das melhores virtudes cívicas.

O juiz era honesto, se não por injunções da propria consciencia, pela presença da Honestidade no throno. O politico visava o bem publico, se não por determinismo de virtudes pessoaes, pela influencia catalitica da virtude imperial. As minorias respiravam, a opposição possibilitava-se: o chefe permanente das opposições estava no throno. A justiça era um facto: havia no throno um juiz supremo e incorruptivel. O peculatório, o defraudador, o politico negociista, o juiz venal, o soldado covarde, o funcionario relapso, o mau cidadão enfim, — e mau por for-

ça de pendores congeniaes, passava, muitas vezes, a vida inteira sem incidir num só deslize. A natureza o propellia ao crime, ao abuso, á extorsão, á violencia, á iniquidade — mas soffreava as redeas aos maus instinctos a simples presença da Equidade e da Justiça no throno.

Ignoravamos isso na monarchia.

Foi preciso que viesse a republica, e que alijasse do throno a Força Catalitica para patentear-se bem claro o curioso phenomeno.

A mesma gente, — o mesmo juiz, o mesmo politico, o mesmo soldado, o mesmo funcionario até 15 de Novembro honesto, bem intencionado, bravo e cumpridor dos deveres, percebendo na ausencia do imperial freio ordem de soltura, desaçamaram a aleatêia dos mãos instinctos mantidos em quarentena. Dahi, o contraste dia a dia mais frizante entre a vida nacional sob Pedro II e a vida nacional sob qualquer das boas intenções quadriennaes que se revezam na currel republicana.

Pedro Segundo era a luz do baile.

Muita harmonia, respeito ás damas, polidez de maneiras, joias d'arte sobre os consólos, dando o conjuncto uma impressão generica de apuradissima cultura social.

Extingue-se a luz. As senhoras sentem-se logo apalpadas, trocam-se tabefes, ouvem-se palavriados de tarimba, desaparecem as joias...

Como, se era a mesma gente!

Sim, era a mesma gente. Mas gente em formação, com virtudes civicas e moraes em início de cristallisação.

Mais um seculo de luz acesa, mais um seculo de catalise imperial, e o processo cristallisatorio se operaria completo. O animal, domesticado de vez, dispensaria agamo. Consolidar-se-iam os costumes; enfiar-se-ia o caracter. E do mau material humano com que nos formamos, sahiria, pela creação duma segunda natureza, um povo capaz de hombrar com os mais apurados em cultura.

Para esta obra moderadora, organisadora, cristallisadora, ninguém mais capaz do que Pedro Segundo; nenhuma forma de governo melhor do que sua monarchia.



Mas sobrevem, inopinada, a republica.

Idealistas inintelligentes, empareirados com a traição e a inconsciência da força bruta, substabelecem-se numa procuração falsa e destróem a obra de Pedro Segundo "em nome da Nação".

A nação não reage, inhibida pela surpresa, e tambem porque lhe acenam logo com um programma de maravilhas, especie de paraizo na terra.

E' sempre assim. Não variam com a longitude nem com a latitude os processos psychologicos de assalto ao poder.

Aqui, assaltado o poder e conquistadas as posições, houve um geral arrancar de mascaras: — Enfim, seus!

O "Alagôas" levava a bordo a luz importuna, a luz que empatava. E começou a revista de anno que ha trinta annos diverte o paiz.

Que diverte, mas que envenena.

Que envenena e arruina.

O que havia de crystallisação social dissolve-se, volta ao estado de geléa.

Sucedem-se na scena os actores, gingam-se as mesmas attitudens, murmuram-se as mesmas mensagens, reeditam-se eternas promessas.

O povo, cansado e descrente, farto de uma palhaçeira destituida da minima originalidade, cochila nas archibancadas. Nem applaude, nem assobia, — dorme, e sonha, entre outras coisas, com o inopinado surto em scena de um delegado de policia loiro e dez praças de uniforme desconhecido que ponham fim á pantomina...

Não intervem para realisar por mãos proprias o "basta", porque se sente tão gelatinoso como os actores. Nada o galvanisa, não o espanta nenhum jangotismo de tony. Abudhistado, assiste até ao indecoroso matar-se em massa.

As scenas do anno 1000 desenroladas na capital da republica, durante a ultima epidemia, são "os nove fóra nada" da obra do 15 de Novembro. A machina governamental, carissima, não funciona nos momentos de crise. Não é feita para funcionar, senão para sugar com furia acarina o corpo doente do animal empolgado.



De Norte a Sul o povo lamuria a sua desgraça e chora envergonhado o que perdeu.

Tinha um rei. Tem satrapas.

Tinha dinheiro. Tem dividas.

Tinha justiça. Tem cambalachos de toga.

Tinha Parlamento. Tem ante-salas de famulos.

Tinha o respeito do estrangeiro. Tem irrisão e desprezo.

Tinha moralidade. Tem o impudor deslavado.

Tinha soberania. Tem consules estrangeiros assessorando ministros.

Tinha estadistas. Tem pégas.

Tinha vontade. Tem medo.

Tinha leis. Tem estado de sitio.

Tinha liberdade de imprensa. Tem censura.

Tinha brio. Tem fome.

Tinha Pedro Segundo. Tem... Não tem!

Era. Não é.

Numa época terrível para a vida universal, em que cada paiz procura chefiar-se por intermedio dos homens de suprema energia, Wilson, Lloyd George, Clemenceau, Ebert, o Brasil apalpa o pescoço e não sente cabeça. Chegou á maravilha teratologica duma acephalia inédita...

Annos atraz foi apresentado á Camara dos Deputados um projecto de lei mandando trasladar os restos de Pedro Segundo para a terra natal. A consciencia desse ramo do Legislativo, num assomo de revivescencia, votou, em apothese, a lei. Mauricio de Lacerda definira, nesse dia, a politica republicana, como feita de alcouces e corrilhos. A Camara desmentiu-o por cinco votos. Mas o Senado confirmou-lhe o asserto, por quasi unanimidade. Não convinha á turba de *sarcorhamphus* pacificamente accomodada em torno da presa a devorar — a Patria — a transladação dos restos mortaes. Quem sabe, conservariam essas cinzas algo da mysteriosa força que caracterizou em vida Pedro Segundo? E viriam ellas — agindo pela presença — perturbar a paz do festim? "Nada, não perturbemos nossa digestão" — pensou o Senado. E o projecto cahiu.



.....
O Brasil é uma nação a fazer. Ou refazer, já que destruíram os alicerces da primeira tentativa séria. Cortado o fio da evolução natural, baralhados os materiaes, dispensados os operarios honestos e habeis, hypothecadas as suas rendas, a politica de hoje vive de uma industria nova: aluguel da consciencia. Cada empresa estrangeira aluga uma série. De uma, a mais poderosa de todas, é sabido que chegou á perfeição de fichar commercialmente o preço de homens publicos.

E' a deliquescencia final, o esverdear...

Este estado de coisas é, entretanto, galvanisavel. Bastaria repôr na machina a peça mestra que tudo coordena, — essa força catalitica sem a qual nenhum povo como o nosso, instavel, em formação, producto dos mais dispareos elementos ethnicos, conseguiu jamais alcançar as etapas successivas da nacionalidade.

Um homem, uma continuidade de acção, um pulso — o biseneto de Marco Aurelio ou Rosas.

A força mansa que norteia o evoluir ou a força violenta que arraza, desespera, e crêa pela dôr o instinto de defesa.

Tudo é preferivel ao reino manhoso dos guzanos de bocca dupla — uma que mente ao povo, outra que o rõe até aos ossos.

Esperemos em Anhangá, o deus brasileiro. Peçamos-lhe, neste mez dos anniversarios imperiaes, que resuscite e reponha no seu lugar o espirito bom que neutralisava a influencia dos espiritos máus.

E' a nossa derradeira esperanza, Anhangá...



PATRIA MORTA?

DE POMBAL A PIRES FERREIRA
(EXCERPTO)

Começa o segundo reinado. Fitemol-o respeitosos. O edificio, levantado em cincoenta annos e derribado em cincoenta minutos, lá está, erecto, inteiriço, nos humbraes da historia, alongando sobre a Patria moribunda sua sombra benefica e amena, acordando a nossa saudade e prestando, mesmo aos dementes que o derruíram, o obsequio de defendel-os contra os appetites robustos da voracidade estrangeira.

Sim; não nos illudamos: a reminiscencia do Imperio, a repercussão da sua respeitabilidade, e, acima disso, mas consequencia disso, o receio de que, enxotando os phariseus do militarismo, o brio nacional ordene ao paiz amortecido: — Ergue-te e caminha! — são para a nossa integridade territorial e para a nossa independencia politica defesas mais valentes do que uma marinhagem briosa, mas sem navios, e um exercito bem pago, mas sem disciplina.

Em tamanho, a allucinação acovardada de que o Brasil foi victima em 15 de Novembro de 1889 só vê um paralelo no pasmo com que as mentalidades sensatas e os centros civilisados do planeta receberam a noticia de que dezoito milhões de almas haviam, estolidamente, obedecido á intimação de seiscentos soldados traiçoeiros com a mesma resignação com que, ao pôr do sol, o gado das fazendas, obediante ao assovio do feitor, procura cabisbaixo a porteira do curral!

Pelos fructos conhecereis a arvore — preceitua a lição

bíblica. Pois bem: como o segundo reinado recebeu o Brasil? como o entregou? Recebeu um pygmeu adoentado, entregou-o um gigante vigoroso. Recebeu-o com cinco milhões de habitantes de habitantes: entregou-o quasi quatro vezes mais povoado. Recebeu-o com a moeda depreciada e com a crise do cobre a atrapalhar a administração; entregou-o com o papel valendo mais do que o oiro. Recebeu-o revolucionado; entregou-o em completa paz. Recebeu-o dos braços do povo; foi obrigado a entregal-o á esteira das tarimbadas. Recebeu-o das mãos de estadistas eminentes; foi obrigado a entregal-o a falsarios da liberdade. Recebeu-o entre acclamações á luz do dia; teve de entregal-o, á noite, á força que o insultava, que o embarcava escondidamente, sorrateiramente, com a mesma argucia com que o visitante nocturno, espreitando, reparando, occulta o objecto subtraído á propriedade alheia.

— Como cresce um povo! dizia-se no decurso do segundo Imperio. Diziam-no Agassiz e Couty; pensava-o Victor Hugo.

— Como apodrece o Brasil! é o que se sabe, é o que se sente, é o que se pensa, é o que se affirma irretorquivelmente depois de doze annos de escravidão, de martyrio, de plebiscito contra o caracter nacional, contra o direito, contra a lavoura que soffre, contra o commercio que geme, contra a moral que estrebucha, contra a Patria que morre!

Vêde: ninguém está contente. Ide a qualquer das grandes cidades do paiz; encostae-vos a uma das esquinas de rua frequentada e notae: ninguém ri. Tambem de nossos lares desertou a alegria; e ainda nos menos desditosos residem as apprehensões. A gargalhada expansiva dos nossos antepassados desapareceu ao contacto dessa hypocondria que a solidão produz e que a loucura visita.

Como que o padecimento se totalisa! Oh! a Republica não é, no Brasil, uma fórma de governo; é uma molestia. Não argumenteis com ella: eliminae-a. Eliminae-a ou eliminae-vos. O dilemma que ella nos impõe é: — mata-me ou morre! — como o monstro antigo impunha ao viandante tremulo: — decifra-me ou devoro-te!

Quadro afflictivo! Prestito funerario encommendado por



herdeiros illegitimos que já esbanjaram da fortuna do enfermo o que lhes esteve ao alcance da mão; presa tombada aos golpes das manoplas dos que em terra imitam a convicção daquelle pirata cujos cantares terminavam com o verso: — tudo quanto avisto é meu! — eis o que é, eis a que está reduzido o Brasil, a cujos amigos dedicados, a cujo sentimento monarchico só é permittida a profunda convicção de que a Patria será maior do que o seu esquite!

Senhores: o segundo Imperio foi a harmonia do prestigio na politica externa com a bondade na politica interna. Amnistiou os revolucionarios de 1842, 1844 e 1848; recusou comparecer ao *Te-Deum* que a colera partidaria cantava no Rio Grande do Sul; deu do bolso particular do Imperante pensão á viuva de Nunes Machado, livrando-a das agruras da fome; tentou e alcançou durante alguns annos — excepção interessantissima ás normas dos prelios politicos — a conciliação dos partidos; conseguiu, a despeito do pendor absenteista do brasileiro, melhorar o regimen eleitoral, dando cadeiras nos parlamentos aos portadores de todas as ideias. O paço de S. Christovam, pobre de moveis luxuosos, rico de honestidade, exemplo inexcédível desse sentimento de familia que é a associação de todos os dias, sem fausto, mas com bibliothecas e instrumentos scientificos, era a suprema instancia a que recorriam o direito desattendido e o padecedor torturado.

Com que empenho, com que minuciosidade, com que carinho, com que dedicação o imperante, alli e dalli, tudo examinava, tudo esquadrinhava. O presidente de provincia, recém-nomeado, ouvia com o accrescimo de recommendações especiaes sobre os serviços publicos, o relatorio de tudo o que fizera o funcionario ao qual tinha de succeder; e, ao deixar a administração, soffria em S. Christovam prolongada sabbatina. O imperante trabalhava muito, trabalhava sempre. Dormia tarde; acordava cedo. Nunca a indolencia lhe interrompeu a actividade. Consagrou dez lustros da existencia ao estudo e á solução dos problemas de sua terra.

Ganhava bastante, é verdade: ganhava oitocentos contos por anno, mas os empregava de maneira tão original, que



partiu para o exílio pobre, deixando o paiz rico, ao passo que os seus successores vivem ricos deixando o paiz pobre.

Desprendido da subserviência ao dinheiro, jamais suspeitado de uma cogitação improbidosa, seu exemplo fructificava duplamente: animando os bons a persistirem no bem, decidindo os maus a respeitarem a virtude. Não raro, a posição politica saliente era a synonymia da indigencia; o cargo de ministro de estado equivalia a um posto de sacrificio.

Para occorrer ás despesas do funeral do visconde do Rio Branco a familia entregou a livraria do estadista ao martello do leiloeiro. Buarque de Macedo morreu com 2\$400 rs. na carteira. Lidei com ex-ministro que, para retirar-se da côrte, acceitou de alguns amigos o pagamento da passagem a bordo de um paquete. Só quando em funcções, tinha o conselheiro de Estado passe gratuito nas estradas de ferro. O pudor dos deputados governistas não consentia durante o imperio a acceitação de trens especiaes. As próprias ajudas de custo, estabelecidas por lei, eram objecto de caprichoso exame na repartição do Thesouro.

Como isso era nobre! como era limpo! como era brasileiro! E como vae tão longe! A pobreza não correspondia a um estigma. O poder, os louros, as eminencias da vida publica abriam-se ao merito, desde que o merito fosse honesto. Democracia coroada, como a chrysmou Bartholomeu Mitre, nella os estadistas, fortalecidos na opinião e na consciencia do dever, replicavam ao imperante, contrariavam-no de frente, sempre que o julgavam mal enveredado, e sem que essa sobranceria patriotica os incompatibilisasse com as sympathias do throno. Em pleno conselho de estado, o velho marquez de Olinda proferia a conhecida phrase: — "Os descendentes daquelles que sabiam desobedecer o rei para melhor servir o rei são capazes de desobedecer a vossa magestade para melhor servir o povo." — "Não assigno esse desacerto; prefiro a demissão immediata" — pronunciava Zacarias de Vasconcellos, sem que o imperante duvidasse dos seus sentimentos monarchicos.

Que de mais natural, senhores, que de mais coherente,



que de uma governação assim dirigida, assim observadora da probidade, assim frequentadora da honra, ad viessem actos grandiosos? Que de mais explicavel que a viação-ferrea atravessasse as montanhas que separam os nossos planaltos dos portos que bordam o nosso alongado littoral? Que o decreto da emancipação dos escravos fosse escripto não com o sangue das victimas mas com as lagrimas da alegria? Que as discussões de 1856, 1861, 1867 e 1870 titulassem de gloria os nossos annaes parlamentares? Que a tolerancia tivesse tão repetido ascendente em nossos costumes, tanto se avantajasse em nossas divergencias internas, que passasse quasi despercebida, como procedimento banal, como acto vulgarissimo, a magnanimidade com que o paulista José Manoel da Fonseca, conservador teimoso, depois de haver fornecido ás forças governistas dinheiro, mantimentos, armas, para a derrota dos revolucionarios de 1842, quando os visse batidos e destroçados, lhes offercesse, nas suas fazendas, o asylo contra os provaveis exageros da victoria?

E na politica externa? Os empecilhos desfaziam-se á evidencia da nossa força moral; os choques armados epilgavam-se nos nossos triumphos; os nossos triumphos tinham como fecho a bizzarria da generosidade. Era a poderosa Inglaterra, superada pela arbitragem na questão Christie, só obtendo o reatamento de relações com o Imperio annos mais tarde, quando o primeiro magistrado da nação, fardado de voluntario da Patria, concedia a vida e a liberdade a seis mil prisioneiros nas linhas de Uruguayana. Era o protesto, elevado e firme, humanitario e brioso, contra o bombardeamento de Valparaíso. Eram Tonelero, Paysandu', Riachuelo, onde ao lado de cada soldado que morria havia um bravo que chorava. Era o Paraguay vencido, completamente vencido, com os seus limites respeitados, sem ter que entregar ao Brasil um palmo de territorio! Eram Arinos, Lafayette, Andrade Figueira, Aguiar de Andrada, representando nosso paiz nos congressos internacionaes, ouvidos com voto deliberativo no desenlace dos grandes problemas



da civilização e no desembaraço dos complicados interesses dos povos os mais adeantados e poderosos da terra!

Não; os banquetes do poder nas festas do Imperio não eram interrompidos pela importunação dos fornecedores. Não! as iguarias distribuidas aos convivas desconheciam esse destempero de telegrammas londrinos a produzirem indigestão da paciência. O banqueiro inglez guardava para as paginas humoristicas de Carlos Dickens a originalidade do criado intervallando de apartes as garfadas saborosas dos patrões. Não! Mil vezes: não! No Brasil monarchista, nem por mera conjectura, nem por estúpido agoiro se poderia imaginar que o primeiro funcionario do paiz, em orgia solemne, mas afinal em occasião claramente politica, convencionalmente nacional, abatido, alvarmente sorridente, confuso, escutasse de um negociante, que sem talher designado lhe examinava o cardapio e os guardanapos, essa insolencia sem precedentes: — Brasil, repara bem que estás comendo á minha custa!

No segundo reinado, os protocollos e as indemnisações aos governos estrangeiros não terminavam pela distribuição de saldos — confissão tacita de excesso nos recebimentos — porque... porque elle não conheceu indemnisações e o saldo que então avultava era o saldo da dignidade nacional.

MARTIM FRANCISCO

INICIAÇÃO LITERARIA

(Para um joven escriptor)

Raras pessoas poderão falar sem ridicula petulancia da sua formação literaria. Quem já conseguiu encher a medida da curiosidade intellectual? O primeiro e mais positivo dos lucros que adquirimos com as leituras sérias, feitas num desejo de cultura, não só do espirito, que muito vale mas que não é tudo, e sim tambem do caracter e dos sentimentos affectivos, deve ser a certeza, inquieta ou serena, da nossa propria ignorancia.

Pelo pouco que conseguimos saber, ensina o velho rifão, julgamos do muito que nos falta. E' tão vasto o mundo do pensamento e tão curta a vida, que ficamos sempre em meio da jornada.... Entretanto, todos nós gostamos ás vezes de falar sobre nós mesmos, numa especie de soliloquio, em que vamos evocando docemente as leituras passadas, os dias idos, as cousas que se foram, e que nem sempre deixaram saudades. Vaidades... Quem vive do publico e para o publico, pela palavra ou pela penma, soffre ineuravelmente de semelhante mal. E' uma triste contingencia da profissão, como as caimbras dos tabelliães, e que, de todo, não conseguimos evitar. Os moralistas arripiam-se e protestam. Os psicologos, que são creaturas muito mais interessantes e senhores de uma tolerancia que falta áquelles, explicam e perdôam...

A producção intellectual é, segundo elles, uma extensão ou projecção da personalidade, representando, em sua essencia, um desejo de conquista e predomínio. Ninguém escreve pelo prazer vão e egoistico de escrever; deseja sempre convencer,



fazer-se admirar, impor-se, abrir o seu caminho. Se tomamos da penna para nos derramar vaidosamente através das paginas de um livro ou, mesmo, das columnas de um jornal, estamos a murmurar para o leitor: "vêde a minha superioridade, sei de cousas que ignoraes ou ignoraveis sempre, e consigo articular-as com elegancia e graça, que vos não foram permitidas. Crêde e admirae..." Como o leitor, bem ou mal, está também convencido da sua superioridade, sorri e passa além. No fim, se estabelece o equilibrio, e nos convencemos de que este mundo é o mais perfeito de todos. Não nos irritemos, pois, com a vaidade alheia, e não nos esqueçamos de que nos homens de letras, ella constitue uma fatalidade psyeologica, *gens irritabile vatum*...

Quando temos um pouco de espirito, evitamos o mais possível falar de nós, e nos cobrimos pudicamente com o véo da modestia. Perigosa sub-especie... Para que importunar a quem nos lê com as nossas proprias historias? Os nossos leitores ficarão no direito de nos responder: "só a vossa intelligencia nos interessa; trabalhae, escrevei, cançae os vossos olhos e o vosso cerebro sobre os livros e o papel, e contaes-nos cousas agradaveis. Depois, que Deus vos proteja ou que o diabo vos leve..." Mais tarde, duas ou três gerações passadas, se conseguimos tornar-nos **alguem**, a nossa **humanidade**, a nossa vida íntima, os nossos desejos, as nossas ambições, os nossos amores, os nossos vicios e as nossas virtudes, começam de interessar tanto quanto os nossos livros. A indiscreção alheia, mais perfida do que sympathica, não nos poupará. Que valem as historias de amor das heroínas de George Sand, comparadas com a do seu proprio coração? Não devemos precipitar as cousas, invadindo a seára que pertence aos nossos netos. O mal está em que em noventa e nove casos sobre cem, o nosso nome morrerá no estreito circulo de espaço e de tempo em que nos agitamos. Mas como a nossa vaidade nos segreda que não seremos um dos taes noventa e nove, consolamo-nos da indifferença de hoje na esperança da estatua de amanha...

Todo este longo prologo parece bem uma especie de perdão prévio que vos imploro pelo muito que tenho de falar sobre mim mesmo. Ficaes a pensar que, pretenciosamente, vou di-

zer-vos da minha formação literaria. Pobre de mim... Quizer apenas discorrer um pouco, em resposta a um joven e querido amigo, neste canto tranquillo e amavel de Revista. Nesses tempos tristes de guerra, peste e fome, é quasi um preceito de hygiène mental, esquecer, alguns momentos, as angustias que nos atenazam o coração, nos fastos amaveis do espirito. O meu amigo quer saber de mil cousas. As suas perguntas me torturam. No emtanto, faço um esforço para esquecer a modestia que devo a mim mesmo e a minha natural obscuridade, e arvore-me em professor de literatura. De moral, seria peor... Deve obedecer a cultura do espirito a uma seriação rigida de estudo? Todo talento não traz em si mesmo a faculdade de auto-didactico? Teem alcance as regras de leitura, tantas vezes formuladas pelos philosophos e pedagogos?

Está a parecer-me que sim. E' necessario drenar para o seu leito natural as correntes que brotam da intelligencia. As leituras só pôdem ser fecundas, quando feitas com methodo, para uma finalidade prestabeleecida. Disciplinemos o nosso espirito. F..., o meu joven amigo, tem pouco mais de vinte annos. Concluiu apressadamente os preparatorios e, hoje, é quasi bacharel em direito, como toda a gente. Desde criança, que a literatura o preoccupa. E' de algum modo, uma monomania. Intelligente, esperto, de sensibilidade literaria muito aguda. Escreveu em revistas clandestinas de collegas e de suburbios. Agora, sente pruridos de apparecer; sonha com as columnas de um grande jornal e, aventura mais séria, com a publicação de um livro. Os seus momentos de timidez e bom senso o contém. "Reconheço-me muito ignorante ainda, escreve-me, receio um formidavel fiasco. Desejaria publicar contos, romances, ensaios, *tutti quanti*... Mil cousas tumultuam-me no pensamento; sinto, entretanto, que não conseguirei traduzil-as claramente. Falta-me a expressão; as idéas se me confundem, não se ligando bem entre si. Ha espécies de hiatos na minha intelligencia. Leio muito, mas sem methodo, misturando todas as cousas. Não está ahí o mal? Como corrigil-o? Que hei de fazer? De que maneira ordenar as minhas leituras?..."



F..., bacharel e literato, é um caso typico, um indice da mocidade deste paiz de bachareis e literatos. Nas suas angustias intimas, nas suas duvidas, na sua ingenuidade, revejo-me a mim mesmo, como vós vos podereis rever tambem. Se elle seguisse os meus conselhos, lhe diria que desistisse da literatura para sempre. Não ha officio mais ingrato nos paizes nas condições sociaes do Brasil. Não temos publico, quasi ninguém se interessa por essas questões de arte ou de sciencia. O nosso esforço morre sem repercussão, num meio indifferente ou hostil. Ninguém nos conta como valores sociaes. Mas vá alguém aconselhar a um moço brasileiro que abandone as letras... Deixemos F... ao seu triste e inglorio destino; terá tempo de arrepender-se...

Segundo as velhas regras, elle deveria começar a sua cultura literaria pelos classicos. Qualquer velho humanista dir-lhe-ia para ler, antes de tudo, Homero, Sophocles, Virgilio, Horacio, Ciceiro, Lucrecio... Desconfio, entretanto, de semelhante iniciação. Não basta ler os antigos, como um dever primeiro de officio. E' preciso comprehendel-os, o que só se pôde conseguir como o conhecimento paralelo do mundo historico, de que os seus livros foram uma expressão. Não sei se, aos vinte annos, nos seria permittida esta faculdade de sairmos de nós mesmos, do nosso tempo e do nosso meio, para viver a vida da Hellade e de Roma. Sem este poder prévio de abstracção, Homero e Virgilio se tornam enervantes. A propria eloquencia de Ciceiro acaba por cansar, e, facilmente, nos escapará o que ha de fino, de malicioso em Lucrecio. Mais tarde, quando for mais vivá a nossa sensibilidade, mais educado o nosso gosto, mais disciplinada a nossa intelligencia, os velhos autores terão outro sentido. O meu joven amigo deve por enquanto dispensar os gregos e os latinos...

Não sei tambem se lhe aconselharia os classicos francezes. Que lhe diriam Corneille, Racine, La Bruyère ou Fénelon? Lembro-me dos meus tempos de collegial, quando era obrigado a traduzir as fabulas de La Fontaine e, no *Theatro Classico*, trechos de Racine e de Corneille. Que martyrio... Como me parecia pesada a lingua admiravel de Cid, e infantis as historias de La Fontaine... Contos de carochinha para a primeira infancia... Estou quasi a concluir contra a minha primeira



afirmação; não é possível seriar a cultura mental. Cada qual lêia o que bem entender, o que mais lhe interessar no momento.

O meu joven amigo começou pelos romancistas francezes e por Eça de Queiroz. Não é o caso de todos nós, que amanhecemos para a vida literaria nesse ultimos quinze annos? Leiamos os contemporaneos, aquelles que nos falam de cousas nossas, reaes e vivas, figuras que encontramos a todo o momento, paixões e sentimentos, que descobrimos em nós mesmos. Eça de Queiroz, a quem, uma vez, arvorado em facil moralista tão facilmente condemnei, constitue, de feito, uma excellente iniciação literaria. Nos seus livros colhemos os primeiros ensinamentos da vida, as primeiras noções do ridiculo, as primeiras vibrações da belleza literaria. A sua lingua, de admiravel plasticidade, nos encanta ao mais ligeiro contacto. As suas personagens, nós as conhecemos, as encontramos todos os dias nas ruas: o conselheiro Accacio, o Gonvarinho, o Palma Cavallão, o Eusebiosinho, o Damaso. São realmente modelares, de movimento e de vida, as suas descrições. Tome, ao acaso, do **Crime do Padre Amaro**, e lêde logo ás primeiras paginas a descrição dos arredores de Leiria: "Em roda da Ponte a paizagem é larga e tranquillã. Para o lado de onde vem o rio são colinas baixas, de formas arredondadas, coberta da rama verde dos pinheiros novos; em baixo, na espessura dos arvoredos, estão os casaes, que dão áquelles logares melancolicos uma feição mais viva e humana — com as suas alegres paredes caiadas, que luzem ao sol, com os fumos das lareiras, que pela tarde se azulam nos ares sempre claros e lavados..." Mais tarde, outras leituras temperarão, naturalmente, a influencia de Eça, tão poderosa nos primeiros tempos. Começamos de achar que nos seus livros ha muita **blague**, que as suas figuras se parecem demasiadamente entre si, e que poderia ser mais correcta a sua lingua, tão admiravel de graça e precisão. Mas foi extraordinario o bem que elle nos fez.

Os romancistas contemporaneos da França causarão igual proveito. De Flaubert, de Balzac, a Bourget e a Anatole France, incluindo mesmo o grosseiro e romantico Zola, eis todo um mundo vivo, palpitante, todas as subtilizas imaginaveis da intelligencia, todas as nuances e graças do estylo.



Quando chegado a este ponto, podereis descer a suave colina. A vossa intelligencia abriu-se; comprehendereis tudo. E' nesta phase que eu aconselharia os velhos mestres, de Voltaire a Montaigne. Os escriptores gregos e latinos terão outro sentido. Mas como o meu amigo deseja escrever em portuguez, precisa de aprender a sua lingua. Os classicos portuguezes... Não imporia tamanho castigo ao meu maior inimigo... Quem penetrou, um dia, na rica literatura franceza, claro manancial de idéas, difficilmente, tolerará a vacuidade palavrosa desses velhos fazedores de phrases. Ficae, antes, em Camillo, se vos for possivel supportar a grosseiria da sua linguagem, e se tende geito e gosto para a oratoria, em Herculano e Latino Coelho. Entretanto, encontrareis em Ruy Barbosa e Machado de Assis os dois mestres eternos, que se completam na sua absoluta dessemelhança. Em Ruy, o orador, o pamphletario, o grande auditivo, os largos periodos harmoniosos, onde a sonoridade da expressão compensa o que possa haver de falta de idéas geraes, de capacidade de observações e de profundidade de pensamento; em Machado, a fina sensibilidade artistica, a penetração psycologica, a amargura intima, a phrase curta e precisa, tudo que leste em Anatole, nelle talvez, com menos perfidia e, talvez, com mais equilibrio.

Vejo agora, que nada disse sobre os estudos philosophicos. E' possivel conceber-se um escriptor, homem do seu tempo, capaz de comprehender as cousas, sem larga iniciação philosophica? O ideal de quem escreve deve ser o de attingir certa serenidade de julgamento, certa universalidade de comprehensão, que só o habito das leituras abstractas pôde dar. A arte não deve bastar na formação de um espirito que quer tomar a vida ao sério. E' a philosophia, sem embargo do mal que della digam, que permite á intelligencia humana esta plasticidade, esta serenidade, esta disciplina intima, que não sabemos definir e que sentimos, por exemplo, em Taine ou Rénan. Não sei tambem se sem uma tendencia, um gosto natural, pelas altas especulações, a philosophia não se converterá numa simples e inutil sciencia exoterica. Para os moços brasileiros, com a nossa pessima educação de humanidades, a iniciação philosophica torna-se singularmente difficil. A demais, a



minha petulancia não iria até ahí; é uma tarefa que Faguet já cumpriu.

O meu amigo F... levou-me mais longe do que eu quizera. Ao terminar, rio-me de mim mesmo. Não teria perdido inutilmente o meu tempo? O meu joven amigo, depois de tantas leituras, pôde bem reduzir-se a um simples erudito, e perpetrar tranquillamente um livro de curiosidades de almanaque. Se tem talento, se tem gosto, estou que lhe será útil abandonar os livros, e procurar observar directamente a vida. Só assim, talvez, em meio desta abundante literatura de imitação, falsa e cansada, poderá produzir alguma cousa nova, sincera e vivida, que valha a pena ser dita, e que tenha para o nosso paladar corrompido, um travo esquisito de vinho verde ou de fructo temporão...

José Maria Bello





Príncipe D. Luiz de Orléans
e Bragança



Princesa D. Pia de Bourbon



DO "CYRANO DE BERGERAC"

(EDMOND ROSTAND)

ACTO I — SCENA V

CYRANO

*Oh! dize que esperança eu posso ter com tal
Super-desmesurado appendice nasal?
Não me illudo. A minh'alma ás vezes se entenece
Na hora azul em que a tarde expira e a noite desce...
Penetro num jardim: que perfumes subtis
Haure este malfadado, este pobre nariz!
E' Abril, o doce mez... passam dois namorados,
Um casal, junto a mim... eu os vejo enlaçados,
E penso que tambem poderia trazer
Suspenso de meu braço um corpo de mulher...
Um culto feminil, que em meu braço descansa...
Um beijo... uma caricia... o aroma de uma trança...
E esqueço-me de tudo, e não sei o que penso,
E de repente vejo estampar-se, ai de mim!
A sombra colossal do meu nariz immenso
No muro do jardim.*

LE BRET (commovido)

Meu pobre amigo!...

CYRANO

*Sim! sou bem digno de dó.
Sentindo-me tão feio, ás vezes, e tão só,*

*Tu não podes saber como soffro, — que de horas
Amargas e cruéis! que supplicio!*

LE BRET

Tu choras?

CYRANO

*Não, chorar, isso não! seria tão grotesco
A lagrima a rolar no dorso gigantesco
Do meu pobre nariz!... Jamais consentiria
Essa enorme abjecção, tamanha grosseria!
A lagrima! Não ha nada mais bello, nada,
E eu não quero que em mim provoque a gargalhada.*

ACTO II — SCENA VIII

CYRANO

Mas, que fazer, então?

*Buscar um protector, arranjar um patrão?
Ser como a hera, que enlaça o carvalho robusto
E lambe-lhe a cortiça, e trepa, então, sem custo?
Usar, para attingir o cimo desejado,
De astucia, em vez de força? Oh! não, muito obrigado.
Entrar para o canil dos poetas rafeiros,
Como elles dedicar versos aos financeiros,
E fazer de bufão, para que um potentado
Haja por bem servir? Oh! não, muito obrigado.
Almoçar, cada dia, um sapo, sem ter nojo,
Rustir o ventre por andar sempre de rojo,
Ter a rótula suja e fazer menos mal
Promptas deslocacões da columna dorsal?
Obrigado. Trazer o incensorio suspenso
De um idolo que vira entre nuvens de incenso,
Ganhar celebridade, applausos e coroas,
Num circulo de trinta ou quarenta pessoas?*

Navegar, tendo, em vez de remos, madrigues,
E, a tufarem-me a vela, os suspiros fataes
Das velhas, num derrida? Obrigado, obrigado...
Ganhar fama de autor, por haver publicado
Meus versos, mas pagando o livro aos editores?
Obrigado. Viver de esmolas e favores,
Ser papa nas reuniões que, em baiucas sem nome,
Fazem alguns sandeus, ver se alcanço renome
Com um soneto, si tanto, em vez de fazer mil,
Achar muito talento em qualquer imbecil?
Obrigado. Ter medo aos jornaes, ser amigo
De elogios, dizer de mim para commigo:
"Ah! si o meu nome vier no "Mercurio Frances"...
Calcular, ter na face impressa a pallidez
Dos poltrões, preferir fazer uma visita
A bordar, carinhoso, uma estrophe bonita,
Ser da matilha hedionda e vil dos pretendentes,
Redigir petições e mendigar presentes?
— Obrigado, obrigado, obrigado, obrigado...
Mas cantar, mas viver num sonho alcandorado,
Calmo e feliz, o olhar seguro, a voz vibrante,
De quando em vez e por capricho, petulante
Pôr de travéz o feltro — e por um quasi nada,
Dar um beijo na Musa ou dar uma estocada.
Nem um verso escrever que a mim me não pertença,
E, apesar disso tudo, uma modestia immensa,
Pagar-me com uma flor, ou um fructo appetecido,
Comtando que no meu pomar seja colhido.
E, em summa: desdenhando a hera vil que se esconde,
Não conseguindo ser o róble, cuja fronde
Móra perto do azul e distante do pó,
Subir pouco, mas só, completamente só.

ACTO III — SCENA X

CYRANO

*Um beijo! Mas quê vem a ser um beijo ao certo?
E' um juramento feito um pouco mais de perto,
E' uma confissão de amor, que bem depressa
Queremos confirmada. O beijo é uma promessa,
E' um segredo que toma a bocca pelo ouvido,
Momento divinal, que faz como um zumbido
Caricioso d'abelha. O beijo, meu amor,
E' uma communhão, tendo gosto de flor,
Mancira deliciosa e maneira inebriante
De haurir-se todo o aroma a um coração amante,
E de gosar-se n'alma, á flor d'uns lábios quentes.*

(1904)

RICARDO GONÇALVES

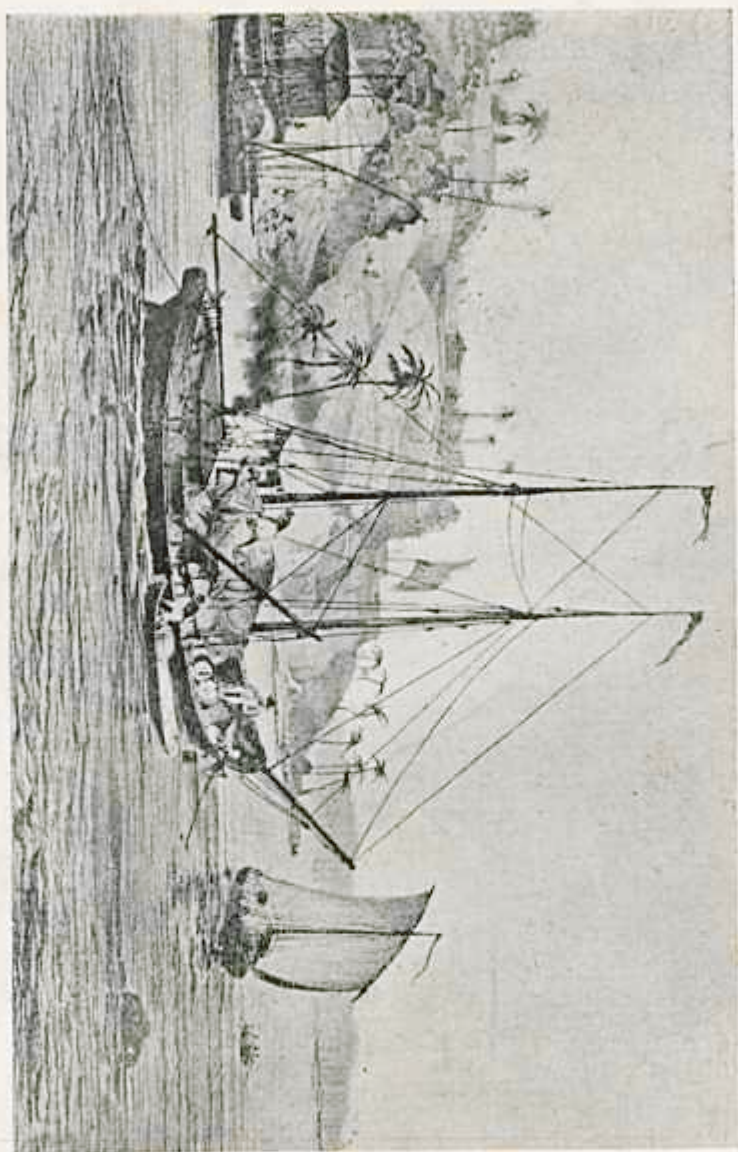




Paris en 1804, à l'époque
d'après le plan de la ville
et la carte de la ville de Paris
d'après le plan de la ville



PANORAMA DO RECIFE. III.
(Aquarela do princípio do século XIX.)



VISTA DE OLINDA
(Desenho de Debret, 1818)

A RIFA

Em meio da palestra, acabara eu de repetir o chavão: — o casamento é uma loteria... quando o moço professor, magro, de bigodes ruivos escorridos, interrompeu:

— Perdão, é uma rifa.

— Uma rifa?

— Sim, uma rifa. E' uma figura mais justa. A rifa é um perigo mais tremendo do que essa innocente e benemerita loteria.

— Benemerita?...

— Pois não. Quando algum amavel cambista me convence da vantagem de cambiar cem tostões objectivos por cem contos subjectivos, resta-me, compensando o desfalque, a faculdade de por a trabalhar a imaginação na escolha de um entre os cem mil projectos que acodem á perspectiva da loira fortuna. Fico a sonhar com todas as felicidades e glórias, por muito tempo... Isto é, por todo o tempo que leva o cambista até vir dizer-me, ri-senho e amavel como sempre:

— “Não foi da outra vez, mas... andou perto. Veja a lista: por dois numeros apenas; dois numeros! O senhor tem sorte. Olhe: cá está um numero que lhe convem... Este é infallivel.”

Desfaz-se o primeiro sonho, porém, com outros cem tostões, uma insignificancia!, adquire-se de novo a grata chimera, com todos os seus encantos. A loteria dá assim aos desherdados, uma amostra de felicidade, que sempre os vae consolando, enquanto não chega o *stock* definitivo.

Mas a rifa é outra historia. Não dá lado de sonhar com coisa alguma. E' a realidade dura em qualquer das duas hypotheses que offerece: ou o *premio* cabe a outro concorrente, o que re-



presenta um inútil dispendio para os mais, ou, o que é peor, a sorte é favoravel...

— Ora!...

— Não; não é paradoxo: é rifa. A rifa é assim mesmo, insubmissa á propria logica. Um exemplo para proval-o... Não que eu julgue exemplo synonymo de prova. Absolutamente. Sigo apenas o methodo dos argumentadores subteis nos casos transcendentales.

Eis o exemplo:

Era no bairro onde fui mestre-escola, logo após á minha investidura de professor normalista. Ora, segundo uma das muitas leis universaes que o homem desconhece, cabe ao mestre-escola de bairro distribuir pela população do mesmo todo o seu magrissimo ordenado, em virtude de ser elle pago numa certa especie monetaria a que o povo chama, com razões muito suas, "dinheiro facil."

Esse tributo é cobrado por mil processos diversos, desde o engommado a 2\$000 a camisa, até a subscrição para mandar reformar a padroeira. Entre esses extremos vem o perigo, quero dizer, a rifa.

"Rifa-se" tudo. Hoje é uma egua aparelhada de prata, amanhã um roskof, depois uma suina com a respectiva prole, um grammophone, uma faca, alguns palmos de terra, com toda a samambaia, uma novilha pintada, uma canôa, e outros mil "objectos" que são assim vendidos pelo decuplo do valor, numa "acção entre amigos"...

Como ia dizendo, eu era mestre no bairro e cumpria religiosamente a minha missão de esmoler-mór, submettendo-me ovina-mente a todas as acções que os meus amigos resolviam agir.

Um bello dia achei-me possuidor de um cartãosinho amarello, onde se promettia

UMA RICA SANFONA DE 9 BAIXOS

pela ninharia de dez mil réis que me foram amigavelmente extorquidos.

Sonhei muitas noites com o harmonioso instrumento, antego-



sando as delicias dos baixos promettidos, com os quaes planeava desfazer uma certa corrente malevola, que na minha terra qualificava-me — o Melophobo... Pretendia tambem...

No domingo seguinte o rifista, abraçando-me excessivamente, communicava-me a victoria do numero com o qual a Fortuna me tornava possuidor de nove baixos sonoros.

Exulte! Reneguei a religião dos scepticos e pedi enternecido que me deixassem comprimir o doce pulmão da *minha* concertina.

O amigo teve um sorriso cinzento e explicou:

— Ainda não veio do sanfoneiro, onde está a concertar-se; mas o senhor, se tem pressa, pode mandar por ella á cidade...

Sentindo a amargura das alegrias desfeitas, adiei o goso para a semana seguinte e procurei consolo na alegria ruidosa em torno á cerveja que eu "pagara" em regosijo pela minha boa fortuna.

E no outro domingo dirigi-me á cidade com o primeiro trem, em demanda da minha prenda.

Estava perfeitamente concertada a minha concertina, segundo me demonstrou o sanfonista, executando uma escala chromatica de uns sons mais roufenhos que os de um piano de hotel.

Não me impressionou muito favoravelmente aquelle chromatismo; porém, chamando á memoria todas as concertinas minhas conhecidas, conjecturei que o mal não era individual, mas especifico. Consolei-me. A vida é assim uma serie de consolações cujo ultimo termo...

Mas perdão!... Não é aqui ensejo para philosophias innoeas. Reatemos a historia. Consolei-me, lembrando-me da pouca sorte dos outros amigos que não tiveram sequer uma gaita. Sobrecei a harmonica e extendi a dextra sincera ao artista, despedindo-me. Mas, meio enfiado, elle embargou-me o passo:

— Desculpe-me, senhor, mas não vê que o concerto ainda não foi pago?... o concerto da concertina... Segundo declaram os bilhetes, deve correr por conta do prestamista feliz...

Protestei a minha ignorancia nesse capitulo, alliada á certeza de que o meu cartão amarello nada rezava a respeito.

— Faça o favor de ver...



Fiz. Saquei do cartão, triumphante, e apresentei-lh'o.

O homem tomou-o, algo admirado, mas logo, sorridente, collocou-m'o debaixo do nariz, apontando para a borda inferior, onde se lia, em miniatura de caracteres, este aviso cheio de honestidade:

(Esta concertina soffreu um pequeno concerto que será pago pelo seu proprietario no acto da entrega.)

O proprietario agora era eu... Pedi humildamente perdão da inadvertencia e indaguei da importancia a que montavam os reparos da minha propriedade.

— 25\$000.

— Como!...

— 25\$000... E não é caro, como lhe poderá parecer; o concerto era difficil, constando de uma completa reforma nos folles, afora cinco baixos novos, que não havia, dezeseite botões de perola, quinze molas de aço, bandoleira de cadarço, sapatilhas de rolha de cortiça, cantoneiras de metal e outras coisinhas... Não lhe peço mais, porque o senhor, certamente não me quereia pagar por esta mais do que por uma nova; mas fique certo de que faz negocio.

Estive algum tempo entre a agua e o capim, como aquella alimaria de Buridan, a considerar si o prazer da posse não ficaria diminuido com aquelle gasto supplementar; mas a lembrança das outras despesas anteriores com o bilhete, a cerveja, a viagem, me resolveru a ir até o ultimo sacrificio, em prol dos meus gosos musicaes. Paguei.

— Muito obrigado. Não quer mais nada? Olhe, porque não compra um sacco para a concertina? E' muito indispensavel por amor das baratas e traças que em pouco tempo lhe darão cabo do instrumento. Temos ali superiores, em lona e em couro, com chave, correia e de graça. As baratas são terriveis: rôem os folles. E' melhor de couro, que é de muita duração. Muito barato: 30\$000.

Por amor á minha concertina, e tambem porque não sei resistir á diplomacia dos commerciantes, adquiri o sacco, depuz nelle o thesouro e ufanamente me dirigi á estação, sob o aspecto de photographo ambulante, que me dava aquelle fardo a tiracollo.



Ia radiante. E a satisfação íntima, não me deixava perceber os bicos electricos, já brilhantes, apesar de uns restos de crepusculo.

Só na estação avalei a catastrophe: as transacções com o concertista tinham-se prolongado mais do que me convinha e, áquella hora, o comboio que devia reconduzir-me ao bairro devia resfolegar já muitos kilometros para lá d'elle. Eu havia perdido o trem.

Conheci assim mais um dissabor dos muitos que affligem os proprietarios e fui esperar o dia seguinte a um hotel.

Na segunda feira, cinco quartos de hora antes do comboio, já me achava na estação, por providencia. Duas horas depois chegava o trem, com um pequeno atrazo e com uma grande satisfação minha. Eu ansiava pelo sossego do bairro e por uma partitura. Atirei-me para o vagão, ageitei os pacotes e dispuz-me a ver desfilar a conhecida paisagem.

Nisto uma mão apertou a minha, com superioridade, emquanto uma voz conhecida me dizia estas palavras — o Mane-Tecel-Fares do mestre-escola:

— Olá, sr. viajante! Anda passeando, pelos modos... Muito prazer pela inesperada companhia! Ia justamente visitar a sua escola. Devem ir muito adiantados os seus trabalhos, para assim dispensar todo um dia logo no principio da semana...

Voltei-me. Era o inspector! Era o diabo! Era peor: era o termo de censura no livro de visitas e a injustificação da falta! Era o desconto nos vencimentos. Era mais um acrescimo no preço da concertina...

E o moço professor, de bigodes ruivos escorridos, tirava e recollocava distrahidamente a alliança, emquanto repetia:

— E': o casamento é uma rifa...

— Rifa de sanfona, accrescentei eu, convertido.

LÉO VAZ



O CLERO BRASILEIRO

A religião catholica progride no Brasil ?

A essa pergunta feita por um jornalista responderão quasi todos os prelados patricios.

O Cardinal Arcoverde, que primeiro foi ouvido, disse: sim, a religião catholica, que presidiu ao descobrimento do Brasil, que nos embalou no berço e nos abençoou, quando nos constituimos em nação autonoma e independente, vive e progride em nosso paiz; e a Igreja catholica, que cultiva e vive do seu espirito, é hoje aqui um corpo perfeitamente vivo, activo e fecundo. A Igreja progride com o Brasil. E se com o progresso material, com a expansão ferro-viaria, vamos augmentando a vida dos Estados, chamando á civilisação zonas immensas até hontem deshabitadas, é natural que a S. Sé divida o serviço espirital, augmento o numero de prelados e de dioceses, para que tambem a religião progreda. Ao clero não falta bôa vontade para cumprir o seu dever. A Igreja tem prosperado muito neste regimen, gosando de toda a liberdade a que tem direito. A Republica, pois, não a prejudicou.

D. Jeronymo Thomé, notavel primaz da Bahia, acha que a Igreja tem progredido e gosa de posição vantajosa na Republica, devido á liberdade que o novo regimen lhe concedeu. A transformação politica trouxe esse bem para a Igreja. Verdade é que esse bem poderia ter sido muito maior se com a liberdade não se houvesse separado do Estado.

Em todo o caso o espirito religioso é bem desenvolvido, não o estando mais por causa da falta de communicação, que é o grande mal do Brasil.



D. João Becker, prelado de extremo sul affirmou que a condição da Igreja no Brasil melhorou muito com a mudança do regimen, sendo prova disso o estado prospero e florescente do catholicismo entre nós.

D. Sebastião Leme declarou que a situação do catholicismo no Brasil é francamente prospera, como tambem o é a vida da Igreja. O sentimento religioso cada vez mais se desenvolve, reflectindo-se em actos e factos positivos, que dão a justa medida do quanto temos avançado nesse terreno. Pode-se dizer que esse sentimento foi outr'ora mais intenso, mas hoje é mais efficiente, no sentido de que, ao envez de permanecer só no subjectivismo inerte, se traduz, ao contrario, em uma pratica fecunda e criadora.

Essa manifestação é assignalada quer sob o ponto de vista espirital, quer material: espirital porque ha maior e mais generalisada observancia dos preceitos cultuaes por parte do povo, que frequenta com edificante assiduidade todas as praticas da religião; material porque elle não recusa, ao contrario, espontaneamente offerece o seu concurso para a exaltação da fé catholica.

O sentimento catholico si tem na mulher brasileira um forte baluarte, entre os homens conta com a grande maioria dos corações, já nas classes incultas, já na mediana ou na de cultura superior.

E nessa lóa vae toda preladiã brasileira. A frequencia aos actos cultuaes, a contribuição material para a exaltação da fé e o numero crescente das dioceses parece demonstrar que a Igreja de facto progride no Brasil.

Talvez haja illusão da parte dos bispos ou proposito deliberado de occultar o mal que afflige a Igreja no Brasil de alguns annos para cá.

Os proprios prelados confessam que antigamente o parochio, reeebendo a investidura e a congrua do Estado, descuidava-se um pouco dos seus deveres; hoje, retirada essa protecção, elle se esforça mais, trabalha com mais amor, alargando dessa forma o dominio da sua religião. A Republica extinguiu a burocracia clerical. O Imperio nos legou um arcebispo por 12



bispos; hoje temos cerca de 50 bispos 9 arcebispos, não falando na purpura do nosso Cardeal. A vantagem do augmento das dioceses, diz D. Jeronymo Thomé, está na maior diffusão da educação religiosa. Cada diocese que surge é um novo nucleo de expansão catholica, a qual se funda muito no *ensino ministrado nos seminarios* e estabelecimentos congeneres.

O que é verdade é que se nota nas novas dioceses, salvo raras excepções, insano trabalho da parte dos bispos.

A organização dellas em logares pobres relativamente falando é muito penosa. Os novos bispos em geral luctam com grandes difficuldades financeiras e com a falta de vigarios para as freguezias desamparadas. Quasi todos estão chamando frades estrangeiros para parochiar e até occupar o cargo de vigario geral. E' notoria a incompetencia do clero nacional para organizar qualquer cousa. Os bons e antigos seminarios e collegios diocesanos sempre foram organizados e dirigidos por padres estrangeiros. De que vale uma diocese sem padres? De que vale, como centro de irradição, uma diocese sem um bom seminario? Ha dioceses no Brasil central sem padres e quasi todas sem seminarios. Os velhos seminarios estão em decadencia. Collegios como o Caraça já vivem na historia... Até o collegio de Itú foi-se. Falemos com franqueza: o grande mal da Igreja no Brasil é a falta de *seminarios seminarios*. Os que ali existem com esse nome não são nem seminarios nem collegios; participam de ambos e estão fazendo grande damno á formação do clero secular. Quando leio papeis velhos e descubro que aqui no norte de Minas, na cidade de minha residencia, havia, em tempo não muito remoto, 16 padres e sete igrejas, (estas ainda estão entregues ao culto), filhos na maior parte do municipio de Minas Novas, e comparo essa epoca de notavel vocação sacerdotal com a miséria da actualidade em que raros são os moços que vão rumo do altar, — convengo-me que o vasto campo que se abriu á juventude com a fundação de numerosos cursos de direito, engenharia, medicina, commercio, agricultura e applicações mechanicas é a causa das difficuldades com que luctam as dioceses para recrutar os levitas do Senhor. Nós, paes catholicos, mandamos nossos filhos estudar preparatorios nos seminarios diocesanos, quasi sempre mais visinhos, sem cogitarmos da carreira que



elles vão seguir. Isso fica sempre ao arbitrio dos proprios estudantes. Pois bem, 90% vão para o seculo...

Eu hei sei que nossa Igreja é catholica, que seu caracter de universalidade é que forma a sua grandeza e que nós somos membros de uma sociedade internacional. Não podemos ter "Igreja nacional". Nosso chefe está em Roma; não é "um principe estrangeiro", como se dizia na gíria maçonica do Império. Do ponto de vista puramente religioso não ha inconveniente na entrega das nossas melhores parochias a "frades estrangeiros".

A propagação e sustentação da fé pode ser feita indifferentemente por indigenas ou forasteiros, por gente de casa ou "de fóra". O que, porem, alvoroça o patriotismo é a hypothese de guerra com as nações mães dos "nossos vigarios", como agora acontece. O clero de França é francez; o da Austria é austriaco; o da Italia é italiano, e assim por diante. Neste triste momento historico que atravessamos não podemos affirmar que o clero do Brasil seja brasileiro... No Brasil central não o é, em grande parte. Já chegamos á perfeição dos bispos estrangeiros, aliás excellentes apostolos da fé.

Debaixo da bandeira nacional se formou o Episcopado brasileiro tocado da vara magica do patriotismo. Deu-se o bello exemplo; mas não basta que o Brasil conte com os bispos na hora do perigo, é necessario que conte, tambem, com os curas de almas, com o clero, com os homens que tem á mão a tribuna sagrada e o confissionario, com os que estão em contacto diuturno com as turbas tão facilmente impressionaveis.

Que é o que deve fazer o Episcopado para dar ao Brasil um "clero brasileiro"? Desde que comecei a estudar as cousas do nosso paiz — escrevi eu ha tempos — comprehendí que era questão de grande momento a sorte do nosso clero. O affrouxamento da disciplina clerical no Brasil tem tido varias causas de todos bem conhecidas: a decadencia do clero portuguez na epoca da nossa emancipação politica; a extineção e ruina dos institutos religiosos que chegaram ao estado de apodrecimento e que deviam dar tempera ao clero secular; o regalismo, o padroado, a influencia enervante e corruptora do antigo regimen; a imperfeição da instrucção e educação ecclesiastica bebedas nos seminarios; a impureza do meio social que respiramos; o isolamento

em que vivem os nossos parochos; a quasi nenhuma vigilancia e acção do Episcopado, empedida pelas grandes distancias.

Não é preciso mais para explicar o deploravel abatimento a que chegou entre nós o "espirito sacerdotal", mal funestissimo, fonte principal dos males que desabam a Religião. Devemos reconhecer que ha no joyem clero melhores disposições; mas muito resta que fazer para erguer até ás sublimes alturas de sua missão o antigo clero e purificar o santuario e o altar do Deus vivo de tantos sacrilegios e profanações que os fazem estremecer. O negocio dos seminarios é o mais momentoso, o mais vital de quantos podem occupar a administração ecclesiastica.

Da boa organização e direcção desses pios asylos depende todo o futuro da Religião. As vocações sacerdotaes não se colhem nos grandes centros de população. E' um phenomeno hoje em dia commum a quasi todos os países da Christandade.

Recrutam-se as boas vocações nas populações ruraes, nas zonas interiores ainda mais ou menos preservadas do contagio da má civilisação. O elemento "secular" acabará por abafar o elemento "ecclesiastico" perdendo os seminarios menores a sua physionomia propria, para transformarem-se em simples collegios, e ás vezes em maus collegios. O systema de educação mixta nos seminarios tem dado já os mais tristes resultados e acabará por extinguir o sacerdocio no Brasil, se não se acudir com remedios efficazes a este grande mal.

Custe o que custar, tenhamos seminarios *seminarios*, como diziam os padres tridentinos e o saudoso D. Antonio de Macedo Costa. Ou isso ou as parochias entregues ao clero estrangeiro.

F. BADARO'.



O IMPOSTO UNICO

CONTO DO NATAL

PROLOGO

No principio era o pantano, com vallas d'agrião e rãs coaxantes. Hoje é o parque do Anhangabahú, relvado, com ruas de macadam, pergola grata a namoriseos nocturnos, a estatua dum adolescente nú que corre, — e mais coisas. Autos voam pela avenida central, e cruzam-se pedestres em todas as direcções.

Naquelle dia vi formar-se por alli um bolo de gente, rumo ao qual caminhava um policia apressado. — Phagocitose, pensei. A rua é a arteria, os passantes o sangue. O desordeiro, o bebedo, o gatuno, os microbios nocivos perturbadores do rythmo normal da circulação. O soldado de policia é o globulo branco — o phagocito de Metehenikoff. Está, de ordinario, parado no seu posto, circumvagando olhares attentos. Mal se congestiona o trafego, pela acção anti-social do desordeiro, move-se, caminha, corre, cae a fundo sobre o máu elemento e arrasta-o d'alli para o xadrez.

Foi assim naquelle dia. Dia sujo, azedo. Ceu dubio de decalcomania pelo avesso. Ar arrepiado.

Alguem pertubára a paz do jardim, e em redor desse discolo juntára-se logo um grupo de globulos vermelhos, especie *curiosa*. E lá vinha o phagocito reestabelecer a harmonia universal.

O caso gyrava em torno d'uma creança, menino maltrapilho que tinha a tiracolo uma caixa tosca de engraxate, visivelmente feita por suas proprias mãos.



Muito sarapantado, com lagrimas a brilhar nos olhos cheios de pavor, o pequeno murmurava coisas de ninguem attendidas. Sustinha-o pela golla um fiscal da camara.

— Então, seu cachorrinho, sem licença, hein? — exclamava entre colerico e victorioso o mastim municipal, focinho muito nosso conhecido. E' um que não é um, mas legião, e sabe ser tigre ou cordeiro conforme o naipe do contraventor. Arreganha como buldogue; mas se lhe sacodem osso, recolhe os colmi-lhos e vira cordeiro. Naquelle dia, presentindo ausencia de osso, permanecia féra de começo a fim. Haviam de ver! Sa-cudiu de novo o menino, repetindo:

— Então, cachorrinho, que é da licença?

A miseravel creança evidentemente não entendia, não sabia que coisa era aquella de licença, tão importante, reclamada as-sim a empuxões brutaes. Foi quando entrou em scena o poli-cial.

Este globulo branco era preto. Tinha beico de sobejar e nariz invasor de meia cara, aberto em duas ventas accesas, rélebrativas das cavernas de Trophonius. Approximou-se. Rompeu o magote humano com um napoleonico — “Espalha!”

Humildes alas se abriram áquelle magico sezamo; e a Au-toridade, avançando, interpellou o Fisco:

— Que encrenca é esta, chefe?

— Pois este cachorrinho não é que está exercendo illegal-mente a profissão? Encontrei-o banzando por aqui, com estes troços, a fugar com os olhos os pés da gente e a dizer — “en-graxa, freguez!” Eu vi a coisa de longe, vim pé ante pé, dis-farçando, e, de repente, *Nhoc!* “Mostre a licença”, eu disse. “Que licença?”, fez elle, com arzinho de innocente. “Ah! voce diz que licença, cachorro? Está me debochando, ladrão? Espe-ra que te ensino o que é licença, trapo!” E agarrei-o. Não quer pagar a multa. Vou leval-o ao deposito, autoar a infrac-ção para proceder como de direito, concluiu com soberbo en-tono o cariado canino da Maxilla Fiscal.

O solenne Mata-Piolho da Manopla Policial concordou:

— E' isso mesmo. Casca-lhes!”

E, chiando por entre dentes uma cusparada de esguicho, deu

sua saeudidella suplementar no menino., Depois voltou-se para os basbaques e ordenou com imperio de soba no Kraal:

— Circula, paisanada! E' "purivido" ajuntamentos de mais de um!

Os globulos vermelhos dispersaram-se em silencio. O buldogue lá seguiu com o pequeno nas unhas. E Pán de Fumo, em attitude de Bonaparte em face das Pyramides, ficou, de dedo no nariz e bocca entreaberta, a gozar a promptidão com que n'um apice sua energia resolvera o tumor maligno formado na arteria sob a sua inspectoria.

O BRAZ

Tambem lá, no principio, era o chareo — terra negra, fôfa, turfa tressuante, sem vegetação outra além dessas plantinhas miseraveis que sugam o lodo como minhocas.

Aquem da Varzea, S. Paulo crescia. Terra firme e alta, erguiam-se cascas nos cabeços, e esgueiravam-se ladeiras encostas abaixo, em todas as direções: a Boa Morte, o Carmo, o Piques; e ruas: a do Imperador, Direita, S. Bento.

Poetas cantavam-lhe as graças nascentes:

O' Liberdade, ó Ponte-Grande, ó Gloria!

Deram-lhe um dia o viaducto, esse arrojo!... Os paulistanos pagavam, gozosos, tres cobres para se embebedarem, atravessando-o, da vertigem do abysmo. E em casa, cheios d'orgulho, narravam a aventura ás esposas e mães pallidas de espanto. Que arrojo d'homem, esse Jules Martin que ideára aquillo!

Emquanto São Paulo crescia o Braz coaxava. Enluravam-se no brejal negro legiões de sapos e rãs. A' noite, do escuro da terra, um choral subia, de coaxos, *pan-pans* de ferreiros, latidos de mimbuías, glu-glu de untanhas; e por cima, no escuro do ar, vagalumes zigzagueantes riscavam fosforos ás tontas.

E assim foi até o dia da avalanche italiana.

Quando, lá n'Oeste, a terra roxa se revelou mina de ouro das que pagam duzentos por um, a Italia vazou para cá a es-

puma da sua transbordante taça de vida. E São Paulo, não bastando ao abrigo da nova gente, assistiu, attonito, ao surto do Braz.

Drenos sangraram em todos os rumos o atoleiro; a agua es-correu; os sapos, espavoridos, sumiram-se aos pulos para as baixadas do Tietê; rã comestível não ficou uma para memo-ria da raça; e, breve, em substituição dos guembês, resurtiu a cogumelagem de centenas de casas typicas, — porta, duas ja-nellas e platibanda.

Numerosas ruas, alinhadas na terra cor de ardósia que já o sol resequeira e donde o vento erguia nuvens de pó negro, mar-gearam-se com rapidez febril desses prediosinhos terreos, iguaes uns aos outros, como sahidos do mesmo molde, pifios, mas uni-cos possiveis então, — casotas provisórias, desbravadoras da lama e vencedoras do pó de sapato a força de preço módico. *

E o Braz creceu, espreado-se de todos os lados, comeu todo o barro pixuna da Moóca, bateu estacas no marco da Meia Legua, lançou-se rumo á Penha, poz de pé igrejas, macadamizou ruas, inçou-se de fabricas, viu surgirem avenidas, e vida propria, e cinemas, e o Colombo, e o namoro, e curso pelo Carnaval. E já está hoje enorme, feito a cidade do Braz, separada de S. Paulo pelo faixão vermelho da Varzea aterrada — a Pesth desta Buda a beira do Tamanduatehy plantada.

São duas cidades visinhas, distinctas de costumes, de almas já bem diversificadas. Hoje, ir ao Braz, é uma viagem. O Braz não é aqui, como o Ipiranga; é lá, do outro lado, em-bora mais perto que o Ipiranga. Diz-se — vou ao Braz — como quem diz — vou a Reggio. Uma Reggio aggregada como um bocio recente e autonomo a uma *urbs* antiga, filha do paiz; uma Reggio função da terra negra, italiana por sete decimos e *algo nueva* pelos tres restantes.

...

O Braz trabalha de dia, e, á noite, dorme. Aos domingos fandanga ao som do bandolim. Nos dias de festa nacional (des-tas tem predilecção pelo 21 de Abril: vagamente o Braz des-confia que o barbeiro da Inconfidencia, porque barbeiro, havia

de ser um patricio) vem a S. Paulo. Entope os bonds no travessio da Varzea, e, cá, ensardinha-se nos autos: o pae, a mãe, a sogra, o genro e a filha casada no banco de traz; o tio, a cunhada, o sobrinho e o Pepino, voluntario, no da frente; filhos miudos por entremeio; filhos mais taludos ao lado do *chauffeur*; filhos engatinhantes debaixo dos bancos, filhos em estado fetal, no ventre bojudado das matronas. O carro, vergado de molas, geme sob a carga e arrasta-se a meia velocidade ruas acima, exhibindo a Paulicéa aos olhos arregalados daquelle exuberante cacho humano.

Finda a corrida, o auto debulha-se do enxame no triangulo, e o bando toma d'assalto as confeitarias para um regabofe de spumones, si-sis, croquetes. E tão a serio toma a tarefa que, ali pelas 9 horas, não resta mais vestigio de empadas nos armarios thermicos, nem de sorvete no fundo das geladeiras. O Braz devora tudo, ruidosa e alegremente; e sae impando bem aventuraça estomacal, com massagens ageitadoras do abdómen. Carógos d'azeitonas, palitos dos camarões, guardanapos de papel, pratos de papelão seguem com elle, nas munhecas da petizada, como lembrança da festa e consolo ao bersalheresinho que lá ficou de castigo, berrando com guela de Caruso.

Em seguida, toca para o cinema! Abarrotam-se os de sessão corrida. O Braz ehora nos lances lacrimogeneos da Bertini e ri nas comedias a gaz hilariante da L—Ko mais do que o autorisam os mil e cem da entrada. E repete a sessão, piscando o olho: é o geito de dobrar a festa em extensão e obtel-a a meio prego, 550 réis — um negocião!

...

As mulheres do Braz ricas d'ovario, são vigorosissimas de utero. Desovam filho e meio por anno, sem interrupção, até que se acabe a corda ou rebente alguma peça essencial da gestatoria.

E' de vel-as na rua: bojudas de seis mezes, trazem um Pepino de anno e meio á mão e um chorineas á mama. A' tarde o Braz inteiro chia de eriançalha, chutando bolas de panno, jogando o pinhão, ou a piorra, ou o tento de telha, ou o ta-



befe, com palavriados mixtos de portuguez e dialectos d'Italia. Mulheres escarranchadas ás portas, com as mãos occupadas em manobras d'agulha de osso, espigaitam para os maridos os successos do dia, que elles ouvem filosoficamente, cachimbando em silencio ou cofiando a bigodeira á Humberto.

De manhã, madrugadinha, esfervilha o Braz de gente estre-munhada em caminho das fabricas.

A' tarde refluem em magotes — homens e mulheres, de cesta no braço, ou garrafas de café, vazias, penduradas ao dedo; meninas, rapazes, raparigotas de pouco seio, singelas no vestir, galantes, tagarelas, com o namoro rente.

Desece a noite, e nos desvãos de rua, nos beccos, nas sombras — o amor lateja. Ciciam vozes cautelosas das janellas aos passeios; pares, em conversa disfarçada, nos portões, emmudecem se passa alguem ou tosse lá dentro o pae.

Nos cinemas, durante o escuro das fitas, ha contactos longos, febricitantes; e quando rompe a luz dos intervallos não sabem os namorados o que se passou no quadro — mas estão de olhos languens, em quebreira de amor. E' o latejar da messe futura. No anno seguinte todo aquelle erectismo por musica, com ci-cios de pensamentos de cartão postal, estará morto, — legalisado pela igreja e pelo juiz, transfeita a sua poesia em choro de eriança e trabalheiras sem fim de casa humilde.

Tal menina rosada, leve de andar, toda requebros e dengues, que passa na rua vestida com graça e attrahe sobre si os olhares gulosos dos homens, não a reconhecereis dois annos depois na lambona filhenta que deblatera com o verdureiro a respeito do molho de cenouras onde ha uma menor que as outras...

Filho da lama negra, o Braz é, como ella, um sedimento de alluvião humana. E' S. Paulo mas não é a Paulicéa. Ligada a esta pela expansão urbana, separa-os uma barreira — a eterna barreira que separa o velho fidalgo do peão enriquecido...

PEDRINHO, SEM SER CONSULTADO, NASCE

Viram-se, elle e ella. Namoraram-se. Casaram.
Casados, proliferaram.

Eram dois. Ajoujou-os Eros. Viveram juntos, uns mezes, os tres. Eros é andejo. Abandonou logo a casa. Mas veio o primeiro filho e continuaram tres. Depois, quatro, e cinco e seis...

Chamava-se Pedrinho, o mais velho.

A VIDA

A mãe, de pé na porta, espera o filho que foi á padaria. Entra o pequeno, vasio de mãos.

— Diz que subiu; eusta agora oitocentos.

A mulher, com uma criança ao peito, franze a testa com desespero.

— Meu Deus! Onde iremos parar! Hontem, a lenha; hoje o pão... Roupa pela hora da morte. José ganhando sempre a mesma cousa... Que será de nós, Deus do ceu!

Depois, voltando-se ao filho:

— Vae á outra padaria, disse, quem sabe se lá... Se fôr a mesma cousa, traga um pedaço, então.

Pedrinho se foi. Nove annos. Franzino, doentio, sempre mal alimentado, e vestido com os trapos descorados das velhas roupas do pae.

Este trabalhava num moinho de trigo, ganhando jornal insufficiente á manutenção da familia. Se não fôra a bravura da mulher, que lavava para fôra, não se sabe como poderiam subsistir.

Para augmento de renda lembrou-se ella, uma vez, de cultivar hortaliças n'um terreno baldio, annexo á casa. Alugou-o ao capitalista proprietario e iniciaram, ella e os filhos, a plantação. Ia em meio a horta, com grande gaudio de todos, esperanças em tirar da terra mãe a fartura, quando, um bello dia, o fiseo lhes pára á porta, espia as couves e arreganha a dentuça: ou pagavam a licença ou destruiam os canteiros incontinenti.

Foram forçados a destruir porque o imposto de licença subia muito acima das suas posses.



Esses homens gordos, encartolados, bem comidos, bem bebidos, bem fumados, que correm pelas ruas dentro de autos luxuosos, e porque o cambalacho politico os fez ministros se julgam estadistas, deviam descer dos tamancos e vir cá embaixo contemplar scenas destas: mãe e filhos esfaimados a arrancarem, com lagrimas nos olhos, as plantinhas que cresciam tão bem... Porque lá um bello dia o povo, desesperado, fál-os abrir os olhos, a guilhotina, a dynamite...

Todas as mais tentativas feitas no intento de melhorar a vida com industrias caseiras, esbarraram no obice tremendo do fisco. A fera condemnava-os á fome. Paciencia.

Escravidados assim, José perdeu, aos poucos, a coragem, o gosto de viver, a alegria, e vegetava aparvalhado, recorrendo ao alcool, para allivio da situação.

Bemdito sejas, amavel veneno, refugio derradeiro do miseravel, gole inebriante de morte que fazes esquecer a vida e abrevias-lhe o curso! Bemdito, porque embrutecees, e arrancas do homem o nervo doloroso da consciencia!...

Mariana, apesar de moça, 27 annos apenas, apparentava o dobro. A labuta permanente, os partos successivos, a chiadeira da filharada, a canceira sem fim, o serviço emendado com o serviço, sem folga outra além da que o somno fôrça, fizeram da bonita moça que foi a escanzellada besta de carga que era.

Seus dez annos de casada!... Que eternidade de canceiras!...

Rumor á porta. Entrava o marido. A mulher, ninando a pequena de peito, recebeu-o com a má nova.

— O pão subiu, sabe?

O homem, sem murmurar palavra, sentou-se á mesa, apoiando nas mãos a cabeça. Cançado. A mulher proseguiu:

— Está a oitocentos o kilo. Hontem foi a lenha... E lá? Augmentam o jornal?

O marido esboçou um gesto de infinito desalento, e permaneceu mudo, com o olhar vago. A vida era um jogo de engrenagens de aço e elle sentia-se esmagado entre seus dentes. Inutil, resistir... Destino...



Na cama, á noite, confabularam. A mesma conversa de sempre. Elle acabava grunhindo rugidos surdos de revolta.

Falava em revolução, saque. Ella consolava, de esperança posta nos filhos.

— Pedrinho tem nove annos. Logo está em ponto de nos ajudar. Um pouco mais de paciência, e a vida melhora.

Aconteceu que nessa noite Pedrinho ouviu a conversa e a referencia á sua futura acção. Entrou a sonhar.

Que fariam delle? Na fabrica, com o pae? Se lhe dessem a escolher iria a engraxador. Tinha um tio no officio, e em casa do tio era menor a miseria. Pingavam nickeis!

Sonho vae, sonho vem, brota na cabeça do menino uma idéa. Idéa que cresceu, tomou vulto extraordinario e fel-o perder o somno: começar já, amanhã! Porque não? Faria elle mesmo a caixa; escovas e graxa com o tio arranjaría. Tudo ás occultas, para surpresa dos paes!... Iria postar-se n'uma praça onde passasse muita gente. Diria como os outros: "engraxa, freguez!" e nickeis sobre nickeis haviam de juntar-se nos seus bolsos... Voltaria para casa recheiado, bem tarde, com ar de quem as fez... E mal a mãe, anciosa, começasse a ralhar, elle, glorioso, lhe taparia a bocca, despejando na mesa o monte de dinheiro... O espanto della, a cara admirada do pae, — o gosto da criança com a perspectiva de razão em dobro!... E a mãe a apontal-o aos visinhos: "Vê que coisa? Ganhon só hontem, primeiro dia, dois mil réis!" E a noticia a correr... E murmurios na rua quando o vissem passar: "E' este!..."

Pedrinho não dormiu, febril. Madrugou. E passou o dia a dispor as taboas dum caixote velho, na factura duma caixa de engraxate pelo molde classico. Lá a fez. Os pregos bateu com o salto duma velha botina. As taboas serrou pacientemente com um facão dentado. Sahiu coisa foseca e mal ajambrada, de fazer rir a qualquer carapina, e pequena demais — só caberia sobre elle um pésinho de creança igual ao seu. Mas Pedrinho não notou nada disso, e nunca trabalho de carpintaria lhe pareceu mais perfeito.

Conclusa, pôl-a a tiracolo e esgueirou-se para a rua, ás escondidas. Foi á casa do tio e lá obteve duas velhas escovas,



fôra d'uso, já sem pêllos, mas que á sua exaltada imaginação afiguraram-se optimas. Graxa conseguiu alguma raspando o fundo de quantas latas vasias encontrou no quintal.

Prompto! Estava armado cavalleiro. Ia penetrar na vida, vencer.

Aquelle momento marcou em sua vida um apogeu de felicidade victoriosa; era como n'um sonho — e sonhando saiu para a rua. Em caminho viu o dinheiro crescer em montes nas suas mãos Dava á familia parte; o resto encafuava. Quando enchesse o canto da arca onde guardava suas roupas, montaria um "corredor", pondo a jornal outros collegas. Augmentavam as rendas! Enriqueceria! Compraria bieceleta, automovel, doces todas as tardes na confeitaria, livros de figura, uma casa, um palacio, outro palacio para os paes... Depois...

Chegou ao parque. Tão bonito aquillo, a relva tão verde, to-sadinha!... Havia de ser bom o ponto. Parou perto d'um banco de pedra e, sempre sonhando as futuras grandezas, se pôz a murmurar para cada passante, fisingando-lhe os pés: "En-graxa, freguez!"

Os freguezes passavam sem lhe dar attenção. "E' assim mesmo, reflectia, no começo custa. Depois, afreguezam."

Subito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Correu-lhe os olhos nos sapatos. Sujos. Viria engraxar, com certeza. E o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estreia. Ergueu-os de novo para o homem, já a cinco passos, e sorriu com infinita ternura nos olhos, n'um antecipado agradecimento onde havia thesouros de gratidão.

— Então, cachorrinho, que é da licença?

EPILOGO? NÃO! PRIMEIRO ACTO

Horas depois o fiscal apresentava-se em casa de Pedrinho, com o pequeno pelo braço. Bateu. O pae estava, mas quem abriu foi a mãe. O homem nesses momentos não apparecia, para evitar explosões. Ficou a ouvir do quarto o bate-boeca.

O fiscal exigia pagamento da multa. A mulher debateu-se, arrepelou-se. Por fim, rompeu em choro.



— Não venha com lamurias, rosnou Buldogue, conheço o truque dessa aguinha dos olhos. Não me embaça, não. Ou bate aqui os vinte ou penhóro esta cacularia. Exercer ilegalmente a profissão! Ora dá-se! E olhe cá, minha madama, dê-se por feliz de ser só vinte. Eu é de dó de voces, uns miseraveis; se não applicava o maximo. Mas se resiste, dobro a dóse!

A mulher limpou as lagrimas. Seus olhos endureceram. Uma chispa má de odio represado faiseou nelles. O fisco, percebendo-o, motejou:

— Isso. E' assim que as quero — tesinhas! ah! ah! ah!

Mariana não respondeu. Foi á area, reuniu o dinheiro que havia, dezoito mil réis, ratinhados havia mezes, aos vintens, para o caso d'alguma doença. E entregou-os ao Fisco, n'um sobrehumano esforço de contensão.

— E' o que ha, murmurou, com tremuras na voz.

O homem contou o dinheiro, metten-o gostosamente no bolso e disse:

— Sou generoso, perdão o resto. Adeusinho, belleza!

E foi-se.

.
Lá no fundo do quintal o pae batia com furor no filho...

MONTEIRO LOBATO



VIAJANDO ⁽¹⁾

Itinerario. — Parando. — Março, 14.

— A saudade foi inventada especialmente para quem sãe de Florença. Dalli ninguem se retira só; parte-se em companhia do desejo de voltar. A manteiga não é ruim, e ultra magnificos são de manhã os pãezinhos; delles e della foi tocante a minha despedida para tomar o trem das dez e quarenta, que me prometia soltar nas margens do Adriatico.

— Em Pistoia, onde a demora se habituou a exceder os vinte minutos regulamentares e o comboio gosta de criar raizes; e quando eu, á janella do vagão, comprava caramellos e chamava á memoria a derrota, nessas paragens, de Catilina por Petreio, não por Cicero que só era forte de lingua e apanhava sempre que se metia a valente, um cazo extranho, inesperado, talvez sem precedentes, provocou admirativos e profundos commentarios: o trem partiu á hora certa! Estupendo! Limitrofe do impossivel. Fui, porém, parte e testemunha ocular. Assevero que o trem partiu á hora certa.

Partiu devagar, constrangido, estreante no dever, mas partiu sem atrazo. Asseguro-o convencidamente.

Relanceio o olhar. Tantas edificações novas! Ao longe, não muito, enxergo uma egreja. Alta, zimberio grandiozo, dizem-na riquissima. Nome? Egreja da "Humildade". Fico inteirado. Em Una, onde estive ha quarenta annos,

(1) Vide os numeros de agosto, setembro, outubro e novembro.



conheci o alferes Guerreiro que tremia deante da espoza, e um Jorge Gigante que mal me dava pelo hombro. O mundo é sempre o mesmo.

— Segue o bonde. Vai subindo, subindo, e em torcicollos se abeira ao pincaro dos montes, donde a carapuça de neve aumentando, destendendo-se, de quando em vez se une aos lençóis que embranquecem os interstícios dos valles. Passam aldeias e aldeias, carneiradas, picos, troncos secos, rochas, nevoaças; tudo ao mesmo tempo, sincronicamente, como que á mão, passa, vai passando. Terra morta, porém! Ha, todavia, muitas e pequenas quédas d'agua aproveitadas pela industria. Lula da vontade contra a natureza. Vencerá aqui o homem, extraindo desse cansaço tellurico progresso e subsistencia? Sim, sim: responderão combinadamente o esforço provocado, a quimica aperfeiçoada e a fisica aproveitada.

O chileno, aprendi-o no insuspeito Barros Araña, justamente por lhe ter cabido uma natureza ingrata, provocadora do esforço, conseguiu triumphar, e, si hoje não arrecada todas as consequencias sociologicas da victoria, queixe-se do alcool que lhe está a entontecer a aristocracia intellectual, e cujos efeitos, dezastruos, não são inferiores aos que o vicio do jogo impõe ao argentino, seu aventureiro contendor. Mas a lição de Buckle dezafia e bate a doutrina do chileno. Mas eu só sei que nada sei. Misturam-se-me as teorias. -Chocam-se-me as observações. Emquanto não surgir, na mentalidade occidental, competencia preeminente que sintetize as verdades definitivamente aproveitadas para e pela sciencia do seculo entrante, é difficil, muito difficil, opinião sem tolice e tolice sem opinião.

.

— Viaja-se mal na Italia. Caras as passagens. Maltratadas as bagagens. Lavalorios sedentos. Toleraveis apenas os trens de luxo; nelles a meza é boa, porém muito prevista, muito insistente; uma vez, após perseverantes supplicas, consegui que trocassem o macarrão e a vitella



por vitella e macarrão. Muita poeira; desasseio em quantidade maior do que a permitida.

A' ruindade, porém, dessa viação-ferrea devo um dos melhores dias de minha vida. Devo a vizita a Bolonha, com toda a intensidade dum grande prazer inesperado.

Eis como: em e a respeito de incidentes de viagem costume, quando em duvida ou ignorancia, marcar olhadamente o companheiro mais gordo, e imita-lo. As mais das vezes o individuo gordo é mais previdente, metódico, razoavel do que o magro; porque? Porque é, e não sei mais porque, mas é. Estacionando o trem em Bolonha, e não se tendo movido o gordo que eu alvejava como consulente para consultor, deixei-me no assento que em Florença tomára com premeditados intentos venezianos. Salvou-me, porém, o rúmo pergunta duma menina a outra, que a abraçara entrando: "Você também vai para Milão?"

Estremeci. Saltar do vagão, dirigir-me ao comboio que partia para Veneza, perde-lo vendo-o partir, gratificar empregado que me protegera no aproveitamento dos bilhetes para segundo trem que passaria á noite, tomar um calice de licor que me esquentasse contra o dezanimo, um carro e a resolução de vizitar Bolonha durante seis horas: foi o que fiz sem pestanejar, como se estivesse pondo em pratica rezoluções deliberadas com antecedencia de anno e dia.

Em Bolonha.

— Não direi que fosse ardente (lão longe vão os meus ardores!) o meu desejo de conhecer a patria da sciencia moderna, mas era sincero, e só por motivos temporarios a havia excluido dos meus deznios itinerantes. Acresce assinalar que caípira, quando vai á Europa, quer logo chegar a Paris; e eu, si não subir á Torre Eiffel, nem sei com que cara me apresente, em Santos, na sala das audiencias!



Apenas meia duzia de horas em Bolonha. Pouco para quem pára; bastante para quem repara. E ainda, desse prazo limitadissimo, alguns minutos surripiados por entremez policial! Paciência. Poderia ter sido mais longo, peor portanto, o padecido incidente.

Nem Vidocq, nem Javert.

— Chama-me de parte um meão de boné azul e fardeta esbranquiçada; mede-me o vulto, e cumprimenta-me com esse rizinho autoritario de quem nos faz o favor de não ser malcriado. Compreendo, sem grande trabalho de perspicacia, que a minha agitação entre os dois trens, o deixado e o perdido, as minhas confabulações na bilheteria, e a rapidez com que cocheiro e minha bolsinha de prata não discutiram preços, haviam interessado a argueia dum agente de policia. Desconfiei de que me elle desconfiara espião tripolitano. Opuz rizinho a rizinho, cumprimento a cumprimento.

— Quem é o senhor?

— Francesco Martini, paulistano, budista, em disponibilidade para diretor de collegio de meninas: fui respondendo vagarosamente.

— Sua occupação na Italia?

— Sogro do correspondente do "Times": disse elevando um pouco a voz, e desdobrando o meu passaporte em portuguez, papel largo, encimado pela quasi italiana palavra **Diplomatico** em letras graudas.

O peninsular defensor da ordem publica, depois de trocar frases com o empregado que eu gratificára, dezistiu de intervir na marcha do meu destino. Separamo-nos. Nem um de nós sentiu falta do outro.

Policialismo. Recordações muito amargas.

— Leio sempre com prazer noticia de fuga de prezos. Entristece-me, quasi sempre no dia seguinte, a de que foram elles capturados. Gostos! Maneira de ver e sentir.



Ponho o meu ideal administrativo, não na obediência aos regulamentos porém na bem exercitada autonomia do individuo. Governo? O menos possível. Mas isso, objetiva-se-me, prejudica os direitos do Estado, a justiça do Estado, a honra do Estado, o Estado em summa.

Sim? Mas quem é o Estado? Onde o viram? E' alto ou baixo? Viuvo, cego, loiro, magro? Sei que elle cobra impostos, domina, predomina, apropria-se, desapropria, consome, contrata, distrata, mas nunca o vi, nunca o viram. Conheço a Patria, a Nação, o Governo; defino-os, discuto-os, explico-os: mas o Estado, não. Teimam em que elle existe praticando a Justiça. Pois sim!

Diga-se ao ouvido dum qualquer viandante urbano ou suburbano, nacional ou estrangeiro: "A Justiça tem negocios com você", e elle involuntariamente estremecerá. E' que "Justiça", dentro do sofisma "Estado", significa ameaça, sofrimento, pancada. Justiça é sinonimo de matar. O "Estado", pelos seus órgãos, pelas suas agencias, rege tudo: pratica ato de rei, de rajá: reina. "Você está reinando", diz a mãe ao filho peralta, não ao filho que praticou uma boa ação. Por onde mais se revela e mantem o "Estado"? Pela policia. Pelo policialismo.

Existirá um fundo de despeito no meu dezamor ao policialismo? Talvez. Sim, em termos. Nossas relações, as que recordo, nunca foram intimas, tendo sido mesmo algumas vezes carrancudas, mas isso só excepcionalmente. Na média, foram divertidas. Consulte a policia os seus apontamentos, e verifique se combinam com os meus.

— ? — **Lousada e Joviano.**

— De duas hospedagens que a policia paulista me preparou, recuzei... tres. Avizado, em 1894 no Grande Hotel, de que em cazo algum, ruissem universo e adjacencias, seria eu prezo, mais avizado fui desconfiando do avizo; parti immediatamente para Santos onde me esperava transporte especial (que honra!) para a ilha das Enxadas e alli, sem jubilo da ingratidão pedingonha, me cercou a autoridade fluminense do mais apurado conforto.



Cá pelas bandas estaduaes, porém, a policia só não fez papel triste quando fez papel pardo. Alludo á circumstancia de ser mulato o ensaiador duma outra artimanha, de que escapei.

Na conspiração do ex-beleguim Louzada Antunes, favorecida para ser descoberta por interessados em fornecimentos, prevenido que estava da amabilidade com que me dezejavam incluir no numero dos comprometidos, propalei durante uma semana, em conversações e na imprensa, minha mudança temporaria para o Alto da Serra. "Suicidado" o infeliz, e divulgada a circumstancia de haver, em depoimento que ninguém quiz publicar, confessado elle ter ido varias vezes ao Alto da Serra conferenciar com um "illustre advogado vindo de Santos", padeceu a policia (coitadinha!) o dissabor de verificar que o "illustre advogado" não subira a Serra, inutilizando, assim sedentariamente, toda a conspiração e tornando dispensavel, por improficuo, o "suicidio de Louzada Antunes."

Annos depois, na conjuração Joviano, a comedia foi mais engraçada. Preparado o laço, combinadas longamente as clauzulas da venalidade, marcada a hora, e fornecido o armamento pela propria policia, quando me vieram convidar para cair na cilada, dirigi-me rezolutamente para a cama. Dormi á vontade. Nem Epimenide roncava como eu! Quando acordei estavam em dezacordo os salvadores das instituições. Ninguém se entendia. Gemia a verba secreta. E até agora, já lá vão tantos annos!, permanecemos ignorantes: eu, porque concurso de confuzões, quatrocentas espingardas foram parar em Araçariguama; Araçariguama, de que me está a dever essa, unica e inesperada, vizita de quatrocentas espingardas!

.....

Como policia preventiva, a nossa foi sempre superior á italiana. A dos salões, creada durante o periodo regencial, ainda agora não é uma inutilidade; e o nosso uzo de apitós, para pedir socorro e reclamar presença de subalternos, impede mais do que se pensa a pratica de crimes.



No descobrimento, porém, da verdade; na elucidação analítica do delicto, como é imprestável a policia brasileira! Como os seus arquivos escurentam atrocidades, e dificultam a decifração de enigmas historicos!

Quem, por exemplo, ponde, indicialmente siquer, explicar o assalto ao palacete da riquissima d. Agueda, horas depois de terminado o baile que a prezença do primeiro imperador honrara com o acompanhamento de grande parte da côrte? Como entender, poucos annos depois, a concessão de liberdade a Pedro-Hespanhol para, decorridos mezes, o desfigurarem com quatorze tiros de frente, impossibilitando-lhe a verificação fizionomica? Quem era esse bandido? Resto da quadrilha da Mantiqueira? Companheiro dos facinoras da Caqueirada?

Outro cazo: que interesse ainda haverá em occultar os pormenores da fuga de Pedro Ivo da fortaleza da Lage? Porque não revelar: a reunião dos chefes liberaes na Marambaia, a passagem do navio negreiro, a vinda do revoltozo a S. Paulo, o embarque ou o desembarque, em Santos, em navio commandado por Gangini, e a conferencia, na Penha, com o dr. Gabriel Rodrigues dos Santos? Porque?

— Mas eu estava em Bolonha... Ainda estou.

Correndo e Percorrendo.

Entuziastica e altiva commoção logo á entrada! Eu já sabia estar na cidade mais antiaustriaca da Italia; na cidade onde a consciencia das responsabilidades historicas havia engendrado a ufania da bravura e a resolução da valentia. Prevenido embora, foi com a sensibilidade a agitar-me o coração latino que cortejei aquella estatua de patriota, com o soldado invazor morto aos pés, o gesto aggressivo, flutuantes os fiapos da bandeira rasgada pelas balas inimigas! Significativo, inflexivel monumento! O olhar e os labios do patriota estão a proferir e intimar, frente ao estrangeiro invazor, nesse monumento comme-

morativo dos bravos de 1848, o **não!**, o eterno adverbio do direito contra a força, da minoria contra o arbitrio.

Desatento, ladeei as inevitáveis estatuas de Garibaldi e Vitor Emmanuel. Attento, olhei, mais solida do que liquida, mais bronze do que humidade, a famosa **Fonte de Netuno**, onde uma das nimphas espirra agua por tres veiculos, sendo dois os seios. Extenso e lindo trabalho do demorado João Bolonha (1564-6), que não era de Bolonha.

Impassível, a egreja de **S. Petronio**, pezadissima, muito grande, gotica, interminada, recebeu a minha não annunciada vizita. Não me tratou, porém, com a merecida delicadeza. Quando eu pedi por intermedio do guia (era o proprio cocheiro do carro; não me mentira completamente alardeando conhecer Bolonha tanto como todos os bolonhezes) que me mostrasse de seu filho Dominiquino uma tela onde pudesse verificar, conforme me haviam ensinado, a insuficiencia do colorido corrigida pela espontaneidade dramatica dos gestos, a enorme egreja, tão pobre desse rebento artistico como doutro seu patricio que foi Guido Reni, tentou abrandar-me a desilluzão e contentar-me com a mostra do interminavel altar onde Clemente VII, em 1530, praticou a inclemencia de coroar rei e imperador dos romanos o hipocrita e nugatorio trintão Carlos V. Um conhecido, á esquerda, num outro e menor altar, me distraiu da repulsa que a troca reclamava. Quem era elle?

Era S. Antonio de Padua. Por associação de idéas imaginei que, pondo na carinha do santo barba não muito comprida, porém regular e inteiriça, ficaria esse gallo-luzo, genial precursor da Renascença, quazi igual em fizionomia ao padre Antonio Vieira, apesar de quinhentos e alguns annos separarem os dois mais notaveis Antonios que Portugal tem produzido. Bonita imagem. Examinando-lhe a inscrição verifiquei: o "v" era, como de costume, o nosso "u" actual, tendo sido surripiado na Italia o "L" com que os portuguezes até o começo do seculo pas-



sado escreviam "Lix", atrapalhada e dezamoldada abreviatura de "Ulysipo", de "Ulyx", o "duplex Ulysses" virgiliano.

Teimoso!

— Que não! que não! que o santo italiano não era português, decizoriamente me intimou um ajudante de sacristão, privilegiado, ao que me pareceu, nas redondezas do altar e do santo. Fiz-lhe uma preleção; referi-me às cruzadas, a Godofredo de Bulhão, ao que se diz do pai do santo, ao meu amigo e adversario Leopoldo de Bulhões que tem cheiro de santidade por atavismo collateral; informei-o de que o santo morrera joven, professor em Padua... "Que sim, que sim", apoiava-me com a cabeça e com a voz um tanto rouca, "mas que o santo era italiano porque o português era o outro." E acrescentava, não apreendi por que angulos do raciocinio: "Si a lingua portugueza é filha da latina, como poderia o padre português ensinar em italiano?"

Acostumei-me, no meio brasileiro onde todos falam ao mesmo tempo, a dividir o exercicio da faculdade de atenção. E, sem perder de vista aquelles oito milagres, ao lado, nos quaes a belleza dos tipos vence o cinzento feio e quasi desvalorizador do mallogrado Jerosimo de Trevizo, nem poupar elogios ao mais que elogiado Samsorino pelo conjunto superior e uniforme do monumento: não larguei dos ouvidos do sacristão por mais que me parecesse dezejar elle, livre de mim, descansar á sombra das proprias orelhas.

Expliquei-lhe, com a melhor das minhas paciencias, que a lingua portugueza não era filha, porém irmã da latina, sendo ambas dialetos celtas; que, romanizada a Iberia a datar da segunda guerra punica, na Luzitania a latinização foi completa, sendo o latim empregado, corretamente portanto, nos julgados dos tribunaes e nas relações administrativas; que, por ter menos sofrido da invação dos barbaros, havendo apenas visto uma nesga do sarraceno ao sul e outra do burguinhão ao norte, conser-



vou o luzitano muito da construção latina da fraze; que, por ignorar o grego; Camões, ao contrario do que acontecera a Dante e Bocacio na Italia, de tal maneira contribuiu para a evolução regular da nossa lingua que é ella falada, sem dialetos, de Matto-Grosso a Macau, e do Amapá ao Chuy; que temos, no Brazil, um tão perfeito instrumento de pensamento que não só palavras arabes e punicas — “almirante, armazem, etc.”, nossa evolução aceitou, mas tambem para as necessidades da idéa e desdobramento da fórma recebemos e naturalizámos apreciavel quantidade de vocabulos indigenas, etiopes e até quichuas — “cutucar, catinga, embira, chacara, etc.”; que, incidentê humano, teve o santo de agir no circulo dos acontecimentos que encontrou no mundo; que das proprias telas de Jeronimo de Treviso facil era inferir a nacionalidade luzitana do santo, perorei suando.

“Que sim, que sim, mas que S. Antonio de Padua era italiano”, repetiu o malvado recebendo a gorgela. E não ter eu, na ocasião, uma moeda de vintem para tentar o milagre de convence-lo!

Já vi.

— Mas eu já vi coiza assim tão intoleravel! Mas eu já gastei e perdi preleção assim tão longa.

Foi ha muitos annos. Vindo para prezidir S. Paulo, e cansado de meio anno de relativo quiete, demitiu o barão de Guajará duas autoridades policiaes de Ubatuba. Procurei-o. Encontrei-o cachimbando. Documentei a injustiça e a inconveniencia partidaria das demissões. “Que sim, que sim”, interrompia-me o barão, tolerando que aos seus quasi monosillabos sobrepuzesse eu duas estafantes horas de verbozidade politica. Ao retirar-me, porém, e quando apertavamos despedidamente as mãos, o malvado me perguntou com a mais fria das tranquillidades: — “Mas, afinal, v. excia. quer que as autoridades sejam demitidas?”

Antes dum mez o demitido foi elle. Minha importancia em Ubatuba cresceu desmesuradamente.

S. Antonio e a Política de Ubatuba.

— Em 1891, evitando duvidas nas convicções democraticas de Ubatuba, e atendendo requisição do respectivo chefe municipal, um major zangadinho, enviei-lhe oito tiras de papel com discurso a ser proferido em, então, proximo 15 de Novembro, festa memorativa da proclamação da Republica. Pelo segundo correio recebi do major carta-agradecimento; terminava assim: "O discurso estava tão bom que deu para dois; recitei metade no teatro e o resto no largo da Matriz."

... S. Antonio foi tão bom que deu tambem para dois: metade em Portugal e o resto em Padua.

Na Universidade: Palacio Poggi.

— Nunca estive em lugar mais venerando, em templo mais sagrado. Nunca penetrei santuario mais respeitavel.

De tanta velhice já está a tresler a **Universidade** de Bolonha; quando lhe perguntam a idade, ora responde ser filha de Theodozio em 425 P. G., ora ter nascido não sabe de quem em 1158. Nem mesmo o predio onde hoje mora diz ella quem o construiu: si Tibaldi, si Bartolomeu Triacchini, Caduquice manifesta.

Estive na sala onde funcionou, no ocidente, a primeira aula de anatomia. Dahi a mentalidade scientifica, reagindo contra os preconceitos, ensinou e exportou a pratica utilissima das disseccções e vivisseccções. Não é sala: é um campo de batalha. Alli a civilização adquiriu um dos seus titulos mais legitimos, uma de suas glorias invenciveis, inapagaveis. Quantos milhões de existencias se originaram e prolongaram á custa das cogitações discutidas e triunfantes naquella sala!

Dos vinte e dois compartimentos, não muito espaçozos aliás, da Biblioteca, fiz pausa no decimo primeiro: o da latinidade literaria. Ao acaso tomei um livro; abri-o ao acaso: edição de 1544, a primeira, suponho, das "Cartas de Cicero a Atico. Ignorava-a; que, porém, as houvera



descoberto Petrarca um seculo antes, não era noção alheia ás inutilidades que me encham a memoria. Seis annos mais moça do que essa edição, tenho uma de Polibio, presente que devo á amizade do dr. Dionisio de Cerqueira; dessa edição não encontrei noticia em livro algum!

Alico! Homem feliz. Não quíz ser governo, e por isso viveu bem com todos os governos. E' sempre a mesma coiza: não bulam no osso, e o cachorro não morde. Geitozo Alico! Egoista, tolerante, credor brando de potentados, competentemente literario, notorio, conseguiu viver muito numa epoca em que, para os notorios, a moda era morrer cedo. Esquadrinhei-lhe a interessante vida em obras de Gaston de Boissier, um aristocrata intellectual, amigo do Brazil e amicissimo de Pedro 2.º.

Pedi manuscritos. Mostraram-m'os de **Minghetti**. Alem duma estatua que lhe conserva e ostenta o bellissimo perfil, o orador, o financista, o diplomata, o, sobretudo, acerrimo partidario da descentralização administrativa tem, na sua adorada terra bolonheza, nelles, monumento mais duradouro. Vi-os colleccionados, encadernadissimos, esses manuscritos literarios e politicos do notavel, limpo e lucido estadista. Felizes os seus descendentes! foi a irreprimivel e espontanea exclamação que me saiu da sinceridade e dos labios.

Sim: felizes os seus descendentes! Podem pensar e publicar: "Elle, esse nosso antepassado, não rebaixou posições politicas, não commerciou interesses publicos, não furtou dinheiro do Thesouro, não falsificou documentos, não enriqueceu no poder filhos e genros, não alardeou incontinências, não inventou indemnizações, não rezidiu em bancas de jogo, não se apossou de terras do Estado, não fugiu com a caixa do partido, não se vendeu aos estrangeiros, não falsificou testamentos, não alugou o direito..." Felizes, felizes, os descendentes de Minghetti!

— Porque, no Brazil, não promovem os Institutos Historicos a arrecadação e a divulgação de arquivos deixados



por politicos e estadistas? O de Zacarias de Vasconcellos, metódico que foi o illustre baiano, deve ser proveitozissimo. Os de Bernardo de Vasconcellos e Pedro de Araujo Lima não exigiriam ingentes esforços para sua ordenação utilizavel. Do do velho Jozé Bonifacio, vasculhado por extranhos e diminuido de peças politicas, têm ainda valor incontestavel e sientifico os restos que me vieram parar ás mãos.

Porque inutilizar no olvido esses depozitos do passado nacional? Fique sem resposta esta lembrança da patria auzente.

.
— Na sala das consultas, vasta, bem varrida, bem mobiliada, duas meninas, bonitas como em regra são as bolonhezas apesar do seu tradicional nariz grosso, consultam obras de historia grega. Original esse par de meninas! Exquízita, essa quazi derradeira impressão que recebo de duas moças numa cidade tão velha.

Saio. Perto, bem perto, vejo a cазinha assobradada que, em 1825, Rossini, joven, edificou com dinheiro já fornecido pela arte e com intenções de rezidencia, pouco efectivadas. Partem, lá de dentro, acordes dum violino. Antes isso. Estará a alma do maestro em vizita á tranzitoria moradia?

Irmãos na Gloria.

Em frente á Universidade a estatua de Galvani. Nobre. Consciente. Severa. Adeante, não muito longe, com justissima inscrição, edilmente desapropriada, a caza onde nasceu Marconi.

Bem. Muito bem! O inventor da pilha eletrica, e o descobridor da telegrafia sem fios, estão alli em companhia materna: nasceu-lhes o genio alli: alli na Universidade de Bolonha.

.
Promto! Estação. Partida. Meditação. Silencio.

Importunos.

— Marconi e Galvani. Como adivinhar o amanhã do homem neste planetinha? Como medir, previzoramente, os resultados do eterno concurso da vontade com o acaso, da teoria com a pratica, do sucesso com a dezillusão?

Onde estará o progresso quando em meio estiver o século XX?

A eletricidade, materia prima, ao alcance de todas as aspirações da mecanica; rapidas, commodissimas, as communicações aereas e submarinas; aproveitamento terapeutico do ar com estações sanitarias modeladas pela determinação das atitudes; divulgação diaria, immediata, de todas as descobertas; utilização completa de todas as quedas dagua; possibilidade de communicações inter-planetarias; ao serviço da industria, escravizadas a força eruptiva dos vulcões e a oscillação das marés; a harmonia da quimica com o estomago, da roupa com a circulação do sangue, da habitação com a hygiene; a patria encaminhada para a humanidade, a humanidade para a solidariedade universal; compatibilizados o direito e o individuo, o dever e a verdade; decizivamente substituida a luta da vida pela collaboração para a vida; o imposto de capitação, unico, simplificando os compromissos do individuo com a sociedade; Spencer vencedor, Spencer vitoriozo... E porque não sonhar tambem a vida eterna pelo equilibrio da receita com a despesa organica? Mas si a população aumenta desmedidamente, como ocorrer aos inconvenientes do excesso de vida? Que fazer? Voltaremos á antropofagia? Legalizar-se-á a castração? No porvir re-assumirá Origenes as proporções de modelo?

Fantazias! Quimeras! Dilue-as um divorceiavel casal peruano, oferecendo-me um cigarrinho e perguntando-me si o fumo me incommoda. Respondo negativamente em duplicata, e penso retomar as reflexões que me estavam a dansar na cabeça. Impossível. Ella e elle procuram fosforos; achando-os depois de varias pesquisas, perguntam-me com insuspeitada intimidade:



— Porque motivo, quando se procura um objeto só se o encontra no ultimo lugar?

— Porque depois que a gente o encontra não o procura mais: proferi sentenciosamente.

E' francez o diretor da comida. Atravessa o corredor e, com a impafia do subalterno que exerce qualquer parcella de autoridade, abre a porta do compartimento e, por sinal, ordena que os passageiros vão jantar. Não havia peru' no cardapio, mas o casal peruano não me abandonou. Que praga! Urucubaca.

Sobremeza. Consulta-me a peruinha qual das tres qualidades de queijo deveria preferir. Esclareci-a dever aceitar as tres; a decadencia da metafizica eliminava a discussão de causas primarias, e qualquer debate concernente aos queijos acarretaria outro relativo ás vaccas, que eram, na opinião geral, a cauza primaria de todos os queijos: acrescentei, e o marido revelou com o corpo todo mostras de assentimento.

Demora o café! Indago do criado si o fogo está frio. Responde-me que não. Para o trem. Onde?

Ferrara.

— Ferrara é afamada como cidade dezerta. Respeitei-lhe a nomeada e a índole: nem pensei em vizita-la. Apenas, mentalmente, lhe perguntei como alcançara que Ludovico Ariosto, o autor do mais movimentado de todos os poemas celebres, nella permanecesse uma porção de annos? Como era de prever, a interrogação ficou sem resposta.

Depois de morto, porém, continuou Ariosto a viver em Ferrara; tem caza á custa de edilidade á rua Ariosto (tem rua tambem) n. 67; tem uma praça, e ainda tem estatueta. Antes de 1533, 6 de Junho, data de sua desgravitação, só arranjou elle em Ferrara credores, estorvos, empachos, e outros substantivos da numeroza familia das calamidades. Os proprios privilegios de autor, expressamente assegurados pelo papa Leão X, de pouco lhe valeram: teve



de vender por cem francos cento e cincoenta exemplares do Orlando Furioso! Era de enfurecer...

Depois de morto... E' preferivel uma choupana em vida a uma cidade inteira na missa do setimo dia. E' do Ecclesiastes: mais vale um cão vivo do que um leão morto.

.

— Mas Ariosto é um plagiario: retrucavam-me quando, ha seis e sete lustros, me era elle, com a sua agitação alegre, com a superioridade permanente da sua ironia, remedio facil e eficaz aos dissabores que me torturavam nessa, a minha mais trabalhoza e combativa tranzição da existencia. Sei, não esqueço o que lhe devo. Animou-me quando eu desfallecia.

Plagiario? Não, no vigor do termo: imitador, quando muito. Sem duvida o seu Orlando tem bastante de Achilles e um pouco de Antar; as duas fontes onde Reinaldo bebe o amor ou o desprezo não disfarçam reminiscencias de Hercules na lenda de Prodicus; mas Sacripante dezafla, nas applicações, a figura do Tersitus homeriano, e Marfiza não encontra, em todas as literaturas, mais merecido adoramento feminino. E onde trecho a superar em tristeza áquelle do sacrificio de Izabel? Que ha de superior em afflicção ás lamentações de Olimpia?

Si analogias de situação e parecença de quadros instituem e comprovam plagio, está definitivamente abolida a originalidade em literatura, qualquer que seja a sua essencia, qualquer que seja a sua forma. Ninguem produz sem sentir; ninguém sente sem pensar; ninguém pensa sem ter lido alguma coisa do que outros já pensaram e sentiram.

A "Besta do Apocalipse" modifica, altera, poetiza o "Leviatan" de Job. Imitação, melhorada segundo a unanimidade da critica, mas incontestavel imitação da "Historia Verdadeira" de Luciano é o "Gulliver" do truculento secretario de William Temple. E ha quem negue, em absoluto, originalidade a Swift e a S. João Evangelista?

.



— Apareceu afinal o café. Reapareceu-me o bom humor. Razoavel este, aromatico aquelle.

Ao deixar a meza convidei as outras tres pessoas a plagiarem o meu acautelado procedimento quebrando o palito, penna de palo, que cada uma dellas havia tirado dum pirezinho especial, e ia deixando sobre a toalha. Expliquei-lhes:

— Na Italia ninguem sabe as voltas que um palito dá! E argumentando por analogia asseverei-lhes que, na Italia, a maior porção de agua limpa chama-se Pó!

Ninguem achou graça. A culpa não foi minha.

(Continúa)

MARTIM FRANCISCO





UMA VENDA NO RECIFE EM 1821
(Apud: RUGENDAS. — Mal. Rêise in Brax.)



UMA REUNIÃO DA JUNTA DE GOYANNA
(Apud: RUEBENS. — Mal. Reise in Bras.)

A AMERICA E A GUERRA ⁽¹⁾

O HOMEM

O homem vós o conheceis. E' grande, musculoso, tallado por um deus em colera. Tudo nelle respira saude e vontade, — saude que tem nervos de aço e vontade omnipotente que não verga. Seus gestos são incisivos golpes de martello que não batem em falso, porque foi elle quem disse que quem não quizer no mundo ser martello, será fatalmente bigorna. Sua physionomia tem o contorno, a carranca dos "dogs", os grandes cães com quem vive e são seus sós agimos. Nada de instinctivo, tudo é pensado, medido, executado. Intimamente é um affavel, quasi um compassivo, — não se saberá nunca o que esta mulher fez de mim, dirá um dia concretisando numa confissão de renuncia o sulco do casamento na sua personalidade mandona; mas para os de fóra, para o povo, o parlamento, o governo, a nação, não tem entranhas. Duro é o sobreceenho, voluntarioso o queixo, dominadora a fronte larga. Ha movimentos nelle que são fulminantes, actos que revelam a manha calculada dos felinos. Durante sua vida agitada de lutador, que é a vida mesma de uma nação a crescer á custa do sangue e da dôr das outras, chorou sinceramente duas vezes, duas vezes apenas, quando ia já em declínio, para lastimar o mal que fez e a piedade que nunca teve. E' Bismarck.

Seu melhor retrato aol-o mostra como era, a personalisação da autoridade sem contraste. Lenbach não poderia re-

(1) Conferencia realisada na Universidade de Montevideo, a 15 de Julho de 1918.



presental-o melhor do que o fez, de pé, sobre a cabeça potente o capacete prussiano, as mãos cruzadas no dorço, a postura sobranceira a todas as vicissitudes, como que dictando cousas sem appello. Um deus ciclopico, universal e temido, não teria mais acabada imagem.

Quando queria, sabia querer, nada poupando ao seu objectivo, — saúde, convicções, honra, tudo. Quando odiava, era atroz, e não o escondeu nunca: passei a noite a odiar, disse certa manhã ao seu secretario Tiedmann, quando alguém pareceu estorvar-lhe certo trecho de caminho. Não tinha amigos, tirava dos homens o que cada um podia dar, e o utilitarismo dos seus processos chegou a extremos que revoltavam as mais dubias consciências. Se seus calculos politicos exigiam, falseava, mentia, deturpava, attribuindo intencionalmente a culpa a innocentes ou absolvendo conscientemente a reus confessos. Quando invoca a Biblia é para obrar coisas satánicas. Quando appella para a justiça é da oppressão que lança mão. Quando prega prega a paz, prepara a guerra. "Sceptico e cynico, soberbo e impudente, ora violento e impetuososo, ora burguez e pacifico, fingindo simplicidade e certo ar ingenuo, parecendo tomar o Reichstag por seu confidente e entregando-lhe seus segredos com Eckermann a Goethe, sem dizer entretanto o que convinha dizer, divertindo-se por vezes com fantasias em que inventava os factos necessarios á sua causa, compondo formulas habeis para excusar as proprias audacias e cobrir as proprias faltas, negando a infalibilidade do papa e zangando-se quando não se acreditava na sua, attribuindo facilmente a outrem seus erros e incartadas, dando a dissimulação os meritos de uma arte legitima e á franqueza o aspecto de uma audaciosa mystificação, accomodando a historia nos seus caprichos e achando sempre, no momento adequado, precedentes de todo genero que faziam lei, Bismarck dominou a Europa facilmente; porque nem nos gabinetes nem nos congressos encontrou os rivais superiores que se chamam Metternich e Talleyrand". (Welschinger).

Homem de estado genial, foi cruel, e disse sempre se orgulhou. "Ide do Garonna ao Vistula, do Belt a oTibre, aos nos-



soz rios allemães, ao Oder, ao Rheno, e haveis de ver que sou o homem mais odiado destes tempos, e que professo com relação a esse odio o mais profundo desprezo". Sua dominação terá sido tão continuada e intratável, que chegará a dizer, já no ostracismo, do sentimento de allivio que foi, com sua retirada, o dos seus mais íntimos commensaes. Seu garbo de dominador não deparava contraste, elle que levantou uma nação do nada para fazel-a respeitada e grande. Quereis saber de sua habilidade política, attentae na maxima favorita que guardou do grande Frederico: "A politica pede paciência, e a obra prima do estadista é fazer cada cousa a tempo e geito". Desejais sondar o abysmo de vontade de ferro, lembrai-vos da promessa de sangue que foi o seu grito de alerta pela Allemanha unificada: "Não é a força de discursos parlamentares nem de voto das maiorias que se resolverão as grandes questões actuaes: é a ferro e sangue". Quereis saber dos seus soberbos anhelos de patriota, lêde esta declaração parlamentar, clarim de guerra tocando a sentido: "Conserveyemos a fonte aonde vamos buscar o direito de sermos fortes e de esmagarmos com mão de ferro tudo quanto constituir obstaculos ao restabelecimento da nação allemã no seu esplendor e potencia..."

"Ego et rex... Ferro et igne..." Só elle é poderoso, invencível, omnipotente. Não ha, de lembrança de homem, quem tenha como elle tão grande confiança no valor proprio e tão escassa no alheio. Sua crença na simplicidade humana é desbordante, e della abusa para a manipulação de uma politica de tratados e contratados, artificial e maligna, para cujo exito a moral a justiça não tem de ser e não são ouvidas. Tudo é bom desde que conduza ao objectivo de uma grande Allemanha. "Meu respeito do que se chama opinião publica não foi nunca consideravel", confessou um dia; ao outro escreveu: "são os tratados europeus que cream o direito europeu. Si se quizesse applicar a esses tratados o criterio da justiça e da moral, seria preciso abolir mais ou menos todos..."

Durante quarenta annos dispõe discricionariamente da Eu-



ropa e tem orgulho de o proclamar, porque, a seu ver, ha nelle diplomatas, mas nenhum homem de estado, e as duas cousas conjunctamente elle somente é. Seu sarcasmo explode nas conferencias, nos conselhos imperiaes, nas commissões parlamentares, em pleno Reichstag, chicoteando a quem lhe apraz, mofando, rindo, esmagando maiorias, opposições, relutancias de toda especie. Que massa é a desse homem a cujos pés se dobram todas as resistencias? Que compleição de gigante é a delle? Um dia, formado o seu famoso ministerio de conflicto, desafiou ao paiz para que constituísse outro. Retrucou a Camara tornando-o responsavel na sua pessoa e bens por despesas inconstitucionaes. Bismarck ficou de pé e o cyclone, como tantos outros que buscaram apealo do poder, passou. Foi então que Henning, entre o olho e o punho attribuiu ao chanceller o papel do primeiro. "Eu vos agradeço, concluiu Bismarck porque é a parte mais nobre e é elle que dirige o punho..." De outra feita accusaram-no de ter na politica interior sua companheira illicita, tão a miudo della se servia na trama diabolica de suas cogitações: e pediu Bismarck logo que a chamassem de preferencia sua mulher legitima, tantos eram os dissabores que diariamente lhe iam custando... Sua carreira é um exemplo raro de *self-controlé* ao serviço de uma só e pertinaz ambição, e cada vez aprende mais a manejar melhor os homens, a dispor delles como bonecos de guignol. Paris, Petersburgo são os primeiros postos de treinação, e neophyto ainda, já é cabo consummado na arte de governar, de dirigir, de commandar. A Wilhelmstrasse vae vel-o trabalhar como um moiro de sol a sol, jamais rendido, sempre operativo, alerta, intratavel. E' la que elle vae dizer, com a experiencia propria, que um embaixador é um enviado externo para mentir em beneficio da propria patria.

Quem estuda essa personalidade singular, não pode deixar de reconhecer que não foi feita do mesmo barro que os outros. Tudo é nelle collossal. Ha espectaculo mais impressionante do que o da audacia desse moço mandrião, que galga todas as posições pelo seu só esforço, firma-se na mais alta dellas, decide da linha de sua acção, e a realiza num scenario



quasi de deuses, mau grado a opposição furiosa do interior, que não o comperhende, a má vontade do exterior, que o adversa, o choro das victimas, o sangue dos vencidos, a eterna maldição dos mutilados? Trinta annos antes da unificação, na Suecia, em casa de uma amigo, confessou: "Eu serei o salvador de meu paiz. Formarei com suas partes dispersas um corpo unico, e a Allemanha será um grande e poderoso imperio..." Disse e cumprio. Estava na sua lembrança aque'la visão do Congresso de Vienna de que o paiz ia levantar-se, carecia de um braço, e quem o quizesse impedir seria inexoravelmente esmagado.

(Continúa).

HELIO LOBO.



IMPRESSIONES DE VIAGEM

DE IGUAUA AO CABO-FRIO, DO CABO A ARMAÇÃO DOS BUZIOS

A grande difficuldade a vencer na literatura das paysagens consiste tão sómente em transferir, para a alma do leitor, a legitima emoção do quadro real, pois confesso, por minha parte, que não ha grota encimada por cachoeira, nem moldura de praia que, descripta, não me faça lembrar em todos os detalhes da paysagem do mesmo genero que já por acaso foi o regalo continuado dos meus olhos.

Todos nós brasileiros andamos fartos de ver lagoas sem encantos, abertas entre o oceano e a emboadura de corregos de aguas suspeitas, por isso o quadro literario da de Araruama difficilmente emocionará áquelles que nunca hajam visto ou sonhado com lagos de aguas azues.

Ao envez das demais do Estado do Rio, ou quiçá do Brasil onde a agua salgada só se mistura com a doce, ou por um accidente de alta das marés, ou pelo esforço das populações praieiras na faina de drenar para o oceano o excesso das enxurradas; a lagoa de Araruama onde apenas desembocam dois riachos, recebe as aguas do mar por um canal de cerca de cem metros de largo, aberto perennemente entre duas rochas e estende-se terra a dentro, numa distancia de mais ou menos quatro leguas.

Na povoação de Iguaba.

São passados mais de quinze annos, depois que vim ter ás suas margens pela primeira vez, e agora a locomotiva da estrada de ferro de Maricá levar-me á ponta dos trilhos, na povoação de Iguaba banhada docemente pelas suas aguas.

Não ha nada como começar mal para acabar bem, digo a um companheiro de viagem.

E' verdade. A estrada de ferro é tão falta de conforto e de ordem e a lagoa é tão bella que a estação inicial das Neves, em Nietheroy, faz lembrar a historia da encurzilhada do Céu.

Nisto havemos percorrido cerca de quinhentos metros que separam a estação de Iguaba duma tosea ponte de embarque



onde se acha atracada uma lancha a gasolina. Um garoto que nos conduz as malas conta-nos que esta já apitou dando o primeiro signal de partida. Embarcamos. Ouve-se mais um apito forte e demorado e a voz energica do mestre: — larga.

Travessia da Lagoa.

Em meio duma ancia immensa em me afundar pela lagôa a fóra, pergunto logo ao mestre si ella acaba lá distante numa praia muito longa que fica em frente á prôa. Pura illusão, lá acaba o sacco da Iguaba depois virão outros, até Cabo-Frio.

Como um ponto de retenção de enormes proporções, ora em frente, ora á esquerda, ora á direita, destacam-se muito ao longe os perfis da montanha da ilha do pharol com o pharol velho no ponto mais alto semelhante á figura de uma chaminé colossal.

O sacco da Aldeia de S. Pedro é o mais bello e soberbo de todos: com uma profundidade de seis a oito braças em alguns pontos, é de ver-se quando bate rijo o nordeste, encresparem as aguas, nem sempre ali inteiramente placidas, como quasi sempre nos outros saccos, e transformarem-se, com serio perigo para a navegação, num verdadeiro oceano revoltó.

Pouco a pouco vamos deixando para traz e á esquerda, o unico perfil de serras das praias e começamos a divisar a sombra pardacenta e veneravel da Igreja de S. Pedro da Aldeia. Ahi as aguas são mais verdes do que azues, a lancha começa a balançar fortemente enquanto algumas vagas se lhe quebram na prôa entre rizadas de ns e contrariedades de outros.

Emquanto a lancha corta distancias para chegar a Cabo-Frio dentro de duas horas e meia, como me promettera o mestre, vou contemplando as praias de todos os lados. A impressão constante do principio ao fim da viagem é a do contraste: em quasi todo o Brasil a paysagem é bella mas esmagadora, aqui é apenas commovente.

A' esquerda fica a restinga da Massambaba, entre a lagoa e o Oceano.

Avistam-se os moinhos.

Dada a distancia que a separa do roteiro commum da navegação para Cabo-Frio, distinguem-se tão somente os moinhos hydraulicos das salinas agitando no ar as rosas dos ventos.

Do lado opposto não se divisam moinhos. Aqui é o traço branco da areia da praia debruando uma planicie verde, relvada e immensa que se vae perder na linha embaciada do horizonte, mais adiante a praia se eleva quasi verticalmente, coberta de uma vegetação rasteira e cerrada e por fim vem um



correr continuado de rochas lisas onde crescem cardos e pitteiras.

Apesar de ser mez de Janeiro, a temperatura começa a cahir tão bruscamente que até convem fugir da prôa, o ponto preferido para observações.

Começam então os calculos dos passageiros. Sahimos das Neves ás oito e quarenta e chegamos a Iguaba ás quatro e meia: apenas duas horas e meia de atrazo.

Nisto a Massambaba vae mudando inteiramente de aspecto, até que vêm surgindo as pontas, a dos Macacos, a do Costa e outras menores que formam os saccoes mais proximos a Cabo-Frio.

Ainda ali as praias á esquerda continuam ganhando a palma da bizzarria. Ora é uma grande pedra cujo dorso emerge á flôr dagua alongado como o de uma baleia, mais adiante um outeiro verdejante, ilhado na alta das marés e finalmente os arraiaes de pescadores mais proximos á cidade.

Temos transposto a ponta dos Macacos e estamos no sacco do Boqueirão. Bem ao centro ergue-se fóra dagua uma porção de casinhas. E' a mais bizzarra das surpresas da viagem: São pousos com coberturas e revestimentos de pitas onde os pescadores passam as noites de Junho observando as rêdes estendidas á espera das tainhas.

Começa o crepusculo. Lembro-me então de uma leitura de infancia, o prefacio das "Espumas Fluctuantes": o sol se afundava n'ohorizonte como um brigue em chammas.

Já se divisa, na curva extrema da enseada, dourada pelo crepusculo a vivenda da Salina Grande, um predio de dois andares deixando ver, entre as settas das casuarinas e as copas altas das amendoeiras, trechos vermelhos do telhado e o desenho vago de uma veneziana; mais adiante os armazens da Salina do Viveiro, os montes de sal alvejando muito ao longe entre as xadrezes dos evaporadores e crystallisadores e os moinhos virados para nós como grandes girasóes brancos.

Transpomos um canal aberto para encurtar o trajecto numa peninsulasinha, entramos no Sacco da Figueira, depois em outro canal em condições identicas, até que transposto um estreito muito fundo sob uma solida ponte de ferro, desembarcamos no cães da cidade.

Chegada a Cabo Frio.

Emfim Cabo-Frio, a velha e tradicional feitoria dos Franco-Tamoyos!

A primeira impressão é de uma tristeza profunda. Casas de dois andares são relativamente raras, o commum é a de andar terreo, de pé direito baixo e paredes grossas como de fortalezas.



A iluminação é escassa: um ou outro lampeão a kerosene deixando, entre as fachas de luz, um grande espaço de treva quasi absoluta. Quem vem do Rio extranha logo o ambiente e vai tropeçando a tóa.

Chego á casa de meu irmão, medico na cidade e preparo-me logo para fazer a *toilette*, mas a agua calcarca dos poços talha o sabão. Acho graça na surpresa e peço um copo d'agua. Bebo dois goles e ponho o resto fóra: detestavel. Vêm-me então um copo dagua de chuva filtrada. Para o carioca viciado com agua boa demais esta mesma não é grande coisa, em todo o caso bebe-se.

Feita a *toilette* vou ao hotel jnatar. Palavra puxa palavra e dou logo as minhas impressões sobre a terra. Temperatura á noite agradabilissima, viagem de lancha optima, mas faltam luz e agua.

As aguas de Cabo Frio.

Fico então sabendo que ha mais duas especies: a do Rio vinda em tanques de rebocadores de alto mar e a da fonte de Itapiru.. Peço um copo dagua do Rio: menos ruim do que a do poço, prefiro a da chuva. Explica-se o caso. Esta agua vem de longa viagem e no percurso, sendo talvez mal guardada, tol-da-se e estraga-se. Mais tarde venho a provar a agua cor de vinho do Porto de Itajúru: continuo a preferir a da chuva.

São sete horas e meia e o hotel está vasio porque a hora regulamentar das refeições já passou, em todo o caso sou servido dum bom jantar á moda da roça, regado com Caxambu'.

Aspecto social.

O hotel, como mais tarde verifiquei, tem uma qualquer coisa dos aspectos cinematographicos do Far-West. Tíre-se do film a estalajadeira ignóbil, os tiros de revólver, as bebidas alcoolicas, vista-se um paletot em cada hospede e a impressão será identica.

Um ou outro hospede vindo do Rio para veraneiar toma as refeições em mesa separada porque na geral sentam-se, em sua maioria, os contractantes de salinas, quasi sempre portuguezes de Figueira da Foz.

Sahi do hotel naquella noite de chegada com uma grande vontade de descansar, de dormir, pois o ar da lagoa é um tonico poderoso e não ha quem, vindo do Rio, não sinta immediatamente a reacção do somno, indice de que os novos ares começam a fazer bem.

Cá fóra o nordeste bate forte uivando pelos telhados. Recolho á casa e por volta das dez horas durmo um somno pesa-



do, profundo, sem sonhos, até às oito horas da manhã do dia seguinte.

Lembro-me então da Chronica da Companhia de Jesus no Estados do Brasil, de Frei Simão de Vasconcellos, e saio logo em demanda da fonte de Itajuru.

Atravesso a parte velha da cidade. E' um xadrez de ruas estreitas, calçadas apenas nos passeios, antiquados em alguns pontos e arruinados noutros. Cortam-n'as perpendicularmente alguns beccos curiosissimos, não só pelo calçamento feito com grandes lages de pedras justapostas de lado a lado, como pelo sabor de passado e tradição. Ahi fica o bairro velho, lembrando, em todos os seus aspectos, uma cidade construida, ha tres seculos. Limitam-n'o a lagoa, os camaros de areia do mar, o largo de N. S. da Assumpção onde se ergue a matriz e o modesto bairro de Itajuru onde se acha a fonte do mesmo nome, ao pé do morro da Guia.

Palavras de Simão de Vasconcellos.

Por aqui, vou então reflectindo, andou, ha quasi tres seculos, Frei Simão de Vasconcellos. Aqui encontrou o chronista e missionario signaes da passagem do Pay Sumé", dos selvagens, que a si se afigurava ser o authentico Apóstolo de quem dissera o maior dos poetas, descrevendo-lhe o martyrio: — choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo; chorou-te toda a terra que pizaste...

Vou então rememorando o lugar do missionario: Passando eu pela cidade de N. S. da Assumpção de Cabo-Frio, distante da do Rio de Janeiro dezoito leguas em altura de vinte e tres grãos e hum seismo pera o sul: o Capitão que alli governava me foi mostrar uma paragem chamada Itajuru (nome dos Indios) entre a cidade, e huma fonte extraordinaria, de agoas vermelhas, medicinaes, especialmente contra o mal da pedra. Nesta paragem me mostrou hum penedo grande amolgado de varias bordoadas (devem de ser de sete, ou oito pera cima) tão impressas na pedra, como si o mesmo bordão dera com força em branda cêra; porque todas as môças eram iguaes.

E a tradição dos Indios ha, que são do bordão de S. Thomé, em occasião em que os Indios resistião á doutrina que alli lhes pregava: e lhes quiz mostrar com este exemplo, que quando os penedos se deixam penetrar da palavra de Deus, seus duros corações resistião, mais obstinados que as duras penhas". (1).

(1) Chronica da Companhia de Jesus. Frei Simão de Vasconcellos — Livro II parag. 26.



Vista a fonte tão louvada pelo missionario, subo o morro da Guia por uns atalhos em zigue-zagues, colleando pela grama cerrada onde pastam cabras, e eis-me no adro da capellinha de Nossa Senhora.

Procuo e acho facilmente os signaes referidos, numa pedra que fica junto á fachada lateral direita, em mais duas na mesma direcção, embora mais afastadas, e por fim noutra pouco distante da fachada esquerda.

Estava com o dia ganho, tinha verificado com os meus proprios olhos os mesmos signaes vistos, ha quasi tres seculos, por Frei Simão.

Pena é que aqui tambem não estivesse a lagoa da praia de Itapoá com as pégadas do mesmo heróe, da qual diziam os indios, quando se lhes perguntava o que aquillo era: "Pay Sumé pipuer a angaba aé: é que está alli a pegada de S. Thomé" (2)

Tão proximo que me achava da capellinha não deixei de penetrar-a. E' solida mas pequenissima, uma verdadeira alcova. No altar mór aliás o unico, um grupo da Sacra Familia e mais nada.

Cabo-Frio lá do alto dá a impressão de uma cidade de certa importancia e bella mesmo. Distinctamente só se vê o traçado de uma avenida á beira da lagoa pelo meio da qual passava outr'ora uma carreira de ficus bemjamina que a Camara, por um excesso doentio de zelo pelos alicerees das casas, mandou baramente derrubar.

Aspectos da cidade.

Afóra esta avenida, quasi que se não vêm traçados de ruas, de maneira que a impressão do conjuncto é agradável e imponente mesmo.

A restinga, tendo de um lado a placidez de espelho da lagoa e de outro as aguas encapelladas do oceano, forma approximadamente um triangulo tendo um dos vertices na Massambaba, outro nas collinas do Cabo e outro na cidade.

Ao sopé do morro proximo á fonte de Itajuru está o convento da Ordem Terceira, abandonado ha longos annos. Em derredor existem ainda os vestigios das muralhas que o cercaram em outros tempos. Para dentro dos velhos muros, ha um cercado de pedra em ruinas com dois poços, ao centro e ao lado, meio careomidos, bacias de barro cozido adaptadas sobre um suporte de pedra e cal.

(2) Opus cit Livro II parag. 19. — Das noticias das cousas do Brasil.

Era o lugar em que os frades tomavam banho, informa-me o guia, hoje porém, pertence às lavadeiras pela posse mansa e pacífica.

Em frente ao convento, como uma alçada sentinella da fé, eleva-se, sobre um pedestal de pedra e cal, um cruzeiro de granito inteiramente ennegrecido pelo tempo. Na extremidade da haste existio out'ora um remate, trabalhado no granito, com uma inscrição qualquer, hoje porém, só existem os signaes evidentes da mutilação.

A Igreja do Convento.

Ainda de companhia com o guia que leva as chaves transpõe a porta central da Igreja do Convento. Do lado de fóra, ao correr da fachada ainda se lê distinctamente a inscrição — Em 2 de Agosto de 1668 — Não fossem as obras de talha dos altares e a Igreja seria vulgar. Na parede á direita abre-se uma larga e alta passagem para a capella de S. Francisco de Assis, de propriedade da irmandade; fecha-a uma grade de cabreuva torneada do mesmo tamanho, girando sobre dobradiças e separando os dois templos.

Na parede opposta, uma porta de madeira dá communicação para o antigo claustro. Deste só se conservam as pilstras de pedra e cal que sustentavam outrora o acabouço das cellas.

Percorremos galerias abertas, vestigios de antigas sepulturas e oratorios e saímos por onde havíamos entrado.

Do lado de fóra, ao correr da parede lateral direita da Igreja da Irmandade, a sacristia e o cemiterio da mesma completam o conjunto das construcções religiosas. Naquella existiram até meados do anno passado, ciborios e calices de ouro de lei e paramentos para officios religiosos, ricamente bordados a ouro com aguas marinhas enrustados. Toda esta riqueza, avaliada, ha cerca de cincoenta annos, em vinte contos, foi offerecida, por um rico fazendeiro do lugar que vagamente me informaram ter pertencido á familia Pereira de Souza. Infelizmente um tal thesouro de arte e riqueza foi roubado sem que se saiba até hoje como, nem por quem.

As aguas do Itajuru.

Logo que volto á casa digo pilheriando ao meu irmão e ao Dr. João Vasconcellos que acabavam o serviço do consultorio: Sabem VV. que ha aqui um excellente remedio contra o mal da pedra? Depressa, acodem ambos. Sabem que Cabo-Frio é a terra dos calculos? Repito o lugar de Frei Simão. Uma risada de ambos, a um tempo, desconcerta-me. Pois fiquem sabendo que



não ha cabo-friense velho que não seja um velho bebedor de agua do Itajúru.

Não sei si será de facto um caso averiguada, que os calculos sejam communs nos bebedores inveterados da agua de Itapiru', notei porém, que agua dos poços talha o sabão, o que se não da com aquella.

O seu colorido deve-se attribuir aos corantes das raizes das vegetações da restinga e isto é tanto mais plausivel quanto já vi agora de cor identica num córrego na restinga de Saquarema.

Corria em Cabo-Frio que a agua de Itajúru já havia sido examinada no Rio e, até mesmo numa cidade da Allemanha, não havendo sido encontrada nenhuma substancia nociva, o essencial porém será um exame detalhado dos seus componentes e das suas possiveis propriedades therapeuticas.

Esta aliás não é a unica agua digna de exame pois fui informado de que na Salina do Viveiro, existe uma fonte sulfurosa em vesperas de ser examinada chimicamente.

(Continúa)

PORFIRIO SOARES NETTO.



PAIZ DE OURO E ESMERALDA

ROMANCE

I

"Hoje hei de saber se Maria Luiza me quer..." pensava Angelo Orsini, subindo a escadinha em caracol que conduzia aos seus commodos particulares. Em chegando, porém, ao alto sentiu-se desfallecer á só idéa de uma possível desillusão. "Ella não me olhava com indifferença, dizia de si para consigo. Desde o dia em que o doutor Strauss me apresentou á familia Vieira, notei logo que Maria Luiza tinha para commigo attentões muito diversas dos modos quasi frios de suas duas irmãs... Mas pôde ser puro engano da minha parte... Depois quem sou eu aos olhos dessa familia senão um estrangeiro! Embora não o digam, sinto que para elles ser estrangeiro é alguma cousa como ser um monstro!" E todo entregue a este soliloquio Angelo havia-se approximado de uma das janellas de seu quarto. Recostou-se ao poial e deixou irem-se os olhos desde o pomar que rodeava a casa até o horizonte afastadissimo, onde se ostentava como aquarella maravilhosa um dos pôres-de-sol das planícies de S. Paulo. As poucas casas que se divisavam por entre as arvores pareciam deshabitadas, tão grande era o silencio em torno, aquella hora. Apenas ouvia-se a espaços, vindo de muito longe, um grito esgançado de vendedor ambulante.

Angelo deixou vogar a imaginação ao sabor das recordações, cortadas a cada momento pela imagem duleissima da amada. Viu-se menino, teria uns doze annos, quando em companhia da familia partira da Italia para o Brazil. Lembrava-se tão viva-



certos pormenores da longa viagem, que lhe vieram aos olhos só de evocar pedaços desse passado. O pae era um grande industrial a quem repetidos desastres economicos tinham levado á fallencia. Dotado, porém, de rara energia, nunca se desanimar, soubera salvar do naufragio de sua fortuna a quantia necessaria para emigrar com a familia — mulher e dois filhos, e vir tentar melhor sorte num paiz novo, aberto a todos os esforços, ambições e empreendimentos. Desembarcára em Santos com algumas centenas de libras e largas esperanças no futuro. Chegando a S. Paulo, o seu primeiro cuidado fôra collocar de modo seguro o pequenino capital que lhe restava, associando-se a uma vidraria no Braz. Angelo contava então cerca de doze annos e Leonardo, o mais velho, orçava pelos quinze. Ao cabo de pouco tempo a fabrica havia augmentado á maraviilha, de maneira que os meninos puderam ser collocados em collegios. Fizeram assim os seus preparatorios, e o pae cuidava de pôl-os a estudar direito, quando inesperadamente veio a fallecer. Leonardo e Angelo, que já tinham ambos mais de vinte annos, assumiram a direcção dos negocios e com tamanha felicidade, que logo se tornaram proprietários de grande numero de casas e ficaram com réndas mais que sufficientes para viverem folgadamente. No meio, porém, de toda essa prosperidade, fazia poucos mezes, haviam perdido a velha mãe. Começára então para elles uma vida de solidão que muito lhes pesava. Após as occupações diarias não mais sentiam, ao tornarem a casa, o socego e tranquillidade de alma que tinham no lar. Achavam-se sós e estranhos em sua patria adoptiva. Leonardo ainda se distrahia um pouco, pois ligara-se a diversos patricios cheios de idéas, novas e revolucionarias e fazia parte de uma corporação de propaganda socialista, máo grado as desconfianças que lhe pudessem advir de sua qualidade de burguez e capitalista. Angelo mais que nunca sentia-se isolado. Seu temperamento excessivamente impressionavel e nervoso lhe fazia soffrer com incrível intensidade cousas que a outros deixariam de todo o ponto indifferentes. Desde os tempos de collegio que as pequeninas contendas onde vinham á baila, entre alumnos, dichotes e offensas relativas á sua qualidade de estrangeiro lhe causavam irritações e



abatimentos exaggerados. Acostumara-se a pouco e pouco a considerar-se como que exilado no meio em que vivia, e essa sensação de isolamento crescera até tomar as proporções de verdadeira mania de perseguição. D'ahi a timidez com que se aproximava de uma ou outra familia brasileira. Parecia-lhe que cada palavra disfarçava um como secreto menos preço pela sua pessoa e até agrados e evidentes signaes de consideração lhe soavam a complacencias mais ou menos humilhantes. Por isso retrahira-se de cada vez mais, acabando por limitar as suas relações a um estreito circulo de amigos, quasi todos seus compatriotas.

Depois da morte da mãe, elle e o irmão foram viver para uma casa que possuíam quasi no campo, nas extremidades do bairro do Belemzinho, caminho da Penha. Era um pittoresco *chalet* no centro de espaçoso parque, sitio delicioso que reunia ás vantagens de ainda fazer parte da cidade e estar perto da linha de bondes, a de offerecer a tranquillidade e o socego de uma propriedade rural. Das janellas dos commodos de cima, onde morava Angelo com o irmão, era livre aos olhos espraiaem-se aavez da mais alta ramada proxima, pelo campo afóra, como por sobre a superficie de um oceano encantado, até o esfumar-se saudoso dos horizontes afastados. Alli era o abrir azas á fantasia; alli o sonhar venturas inauditas e entontecedores; alli o entregar-se, após o prosaico labor de dirigir negocios, aos seus gostos de meditação e desvanecio.

Os aposentos de baixo eram occupados por um casal de allemães — o doutor Strauss e *frau* Mathilde. Foram estes que o levaram, mezes antes, ao palacete do coronel Vieira, forte capitalista que residia em Santa Cecilia, á rua das Palmeiras, viuvo com tres filhas solteiras das quaes a mais velha por nome Maria Luiza contava cerca de vinte e quatro annos.

E Angelo debruçado ao pejal da janella, olhos vagamente postos para a banda do Tietê, revia tremulo de emoção a figura esbelta e harmoniosa da encantadora paulista. Maria Luiza era um sorriso vivo. Seu rosto claro e rosado parecia um rosto de creança. Mas ao mesmo tempo mostrava todas as graças estonteantes da mulher feita. Cabellos fartos, ondeados, de um cas-

tanho escuro e — coisa curiosa — sobranceiras negras, de um negro intenso de nankim. O labio superior era levemente sombreado de uma como ameaça de buço, á maneira de formoso pecego maduro. Os olhos profundos e scintillantes... Angelo não poderia dizer de que côr ao certo eram esses olhos maravilhosos. Brilhavam nelles todas as cores e todas as luzes, segundo as mil expressões que pareciam tomar.

O sol se punha. A voz esgançada do vendedor ambulante como que imitava um gemido estrangulado e rouco, de tão longiqua e indistincta. As ameixeiras em torno da casa tinham aspectos immensamente desolados.

Angelo respirou profundamente como quem lhe falta ar respiravel e, deixando a janella, foi sentar-se no divan. Consultou o relogio com impaciencia, pensando de si para consigo que o doutor Strauss não era tão pòntual como sempre lhe parecera, pois já passava de cinco e meia da tarde e ainda não tornára da cidade. Esperava-o para irem juntos, como de costume, ao palacete do coronel Vieira e aquella demora sobremaneira o enervava. Teve a idéa de descer a fim de perguntar se o doutor não viria jantar em casa, quando ouviu soar violentamente a campainha. Levantou-se e chegou a uma das janellas da frente. Divisou dous velhos junto ao portão sem poder conhecer quem eram.

Nisto a voz de *frau* Mathilde, de baixo da escada:

— Senhor Angelo, ali estão dois senhores que o procuram...

Angelo teve um movimento de impaciencia. Aquella visita vinha despropositada. Como, porém, o doutor Strauss não havia entrado e certamente só poderia sair lá pelas sete horas, uma vez que ainda ia jantar, deliberou-se a mandar entrar os homens.

— Tenha a bondade de os fazer subir, D. Mathilde.

E esperou no topo da escada.

II

Era o seu patricio alferes Lourenzo Pataracchi em companhia de um individuo alto, corpulento e apoplectico, que galgava os degraus com grande estrondo e bufando de cansaço.



Pataracchi, baixo, roliço e calvo, era o vendeiro da esquina proxima. Possuia duas ou tres olarias por aquellas bandas e fazia muito gosto em alferes da guarda nacional.

— A que devo o prazer de sua visita, sr. alferes? inquiriu Angelo delicadamente.

Antes, porém, que o homenzinho pudesse responder, já o desconhecido se apresentava em voz retumbante:

— Luciano Aymoré da Penha, director da "Vida Nova", revista de propaganda nacionalista... Trabalho desinteressadamente por um ideal... Vivo de um sonho em torno do qual desejo congregar fraternalmente todos os bons elementos de minha patria... O Brasil é uma nacionalidade em formação... Sou um humilde artifice dessa obra monumental do futuro... Enthusiasma-me, embriaga-me a visão do que seremos amanha... Organizei, ha pouco, uma sociedade de nacionalização... "Nacionalização" é o terno justo... Procuramos por todos os modos fortalecer a unidade nacional, congraçar todos os habitantes deste solo bendito...

O homem, sem se sentar, fallava esbaforidamente, fazendo largos gestos, declamando e enchendo a sala como de um impetuossissimo vendaval.

Pataracchi olhava-o gravemente, murmurando sem interrupção deante daquella tempestade de patriotismo e de enthusiasmo:

— E' justo... E' justo...

E Angelo contemplava-os mudo, espantado, sem comprehender bem o a que atiravam tão intempestivas declarações. Nada mais curioso do que a devoção gulosa com que o rotundo vendeiro bebia cada palavra do estranho companheiro. Este, depois de mil circumloquios cheios de fogo, explicou a final que, havendo organizado um concerto, a realisar-se d'ahi a oito dias no salão Hig-Life, reunião para qual estavam convidadas as principaes familias de S. Paulo, queria que num dos intervallos um orador fizesse um discurso allusivo aos ideaes da "Sociedade Nacionalizadora"... Tratava-se de uma festa patriótica, com execução de *series brésiennes* de Alexandre Levy... E a coisa se tornaria, a seu ver, altamente significativa se se encarregasse de fal-



lar um dos principaes representantes da colonia italiana. Fez a proposito um ardente panegyrico dos "legitimos herdeiros da cultura latina" e acabou por pedir a Angelo quizesse incumbir-se da honrosa missão.

— O meu amigo sr. Pataracchi, alferes da guarda nacional brasileira, prompto a derramar o seu generoso sangue pela estre-mecida patria adoptiva se necessario fôr, — homem para quem é um titulo de gloria concorrer para a grande obra de avigora-mento da nossa consciencia nacional, tanto assim que teve o des-prendimento de desviar parte de seus capitaes de lucrativas em-pezas para os empregar na fundação e manutenção de uma re-vista qual a "Vida Nova"... coração aberto ás mais santas ins-pirações... foi este grande patriota que tive a honra de desco-brir no modesto commerciante vizinho de V. Exa. quem me lem-brou o seu illustre nome e se promptificou a conduzir-me á sua presença...

Ia o apostolo num crescendo de animação, tonteando sob uma torrente de palavras, assoberbadô pela abundancia de idéas e palavras, sempre de pé, num verdadeiro furor de gestos e movi-mentos de todo o corpo. Era a illustração viva de expressão "fal-lar por todos os poros". De um moreno avermelhado, olhos chis-pantes, labios grossos, cabellos em desordem como varridos de um sôpro quente, Luciano dava a imagem de um vendaval feito homem.

— E' justo... E' justo... repetia imperturbavelmente o cal-mo vendeiro.

Angelo tentou desculpar-se polidamente, declinando a honro-sa missão que lhe queriam confiar. Impossivel. O patriota reco-meçou os seus discursos e rasgados encomios "á honrada, á illus-tre, á activa, á nobre, á querida colonia italiana."

A sala já estava escura, de modo que os tres homens se menea-vam como sombras no ambiente abafadigo.

Nisto o portão foi aberto com violencia e d'ahi a nada ouvi-ram-se passos pesados no andar de baixo. Era o doutor Strauss que entrava. Então Angelo, desesperado, levantou-se dizendo que tinha urgente necessidade de sair, que o desculpassem...

— Ha de permittir-me, retorquiu o director da "Vida Nova"



que volte amanhã para saber a sua resposta definitiva, embora esteja quasi certo de que V. Exa. não recusará o seu brilhante concurso a uma obra desta natureza... Lembre-se que se trata de glorificarmos a nossa patria, a nossa bemdita patria, que, com o crescer das correntes immigratorias, virá a ser, em futuro não muito remoto, uma das potencias mais poderosas do mundo... Perdoe-me!... Mas sou um entusiasta da grandeza deste paiz... Sinto-me orgulhoso de ser brasileiro... Parece-me que já estou vendo esse porvir maravilhoso...

— E' justo... E' justo... repetia sempre o grave Pataracchi.

E os dois desceram, tropeçando, a escadinha em caracol, deixando após si a impressão de que uma tempestade nunca vista havia atravessado a vida tranquilla do *chalet*.

Só então notou Angelo que estava na mais completa escuridão. Apertou o botão electrico e intensa claridade derramou-se instantaneamente pelo confortavel aposento.

De fóra vinha o tinido longiuo das campanas dos bondes e a algazarra alacre da creançada do bairro, que a essa hora reton-gava pela grama, em frente da sêbe do parque.

(*Continua*)

J. A. NOGUEIRA.



VERSOS

LEZIRIA

A PALMEIRA

Olha a palmeira, a sós, cujo bonito
E esbelto fuste é já tão alto e cresce,
No desejo, talvez, doudo, inaudito,
De noivar com o sol que resplandece.

Morde-lhe o pé a multidão refece
Das arvores anãs entre o granito.
E eil-a, moça e graciosa; até parece
Um traço unindo a terra ao infinito.

Cresce e a nada se arrima para a altura
Galgar, e bebe luz, numa tonteira,
E abre a espatha abençoando a flôr e o espinho.

Na sua aspiração grandiosa è pura,
Homem, imita o exemplo da palmeira:
Subir, bastante; mas subir sósinho.



A QUEIMADA

Ainda ha bem pouco era uma luz escassa
A chamma que cresceu com a ventania.
Ora é o incendio ladravaz que passa
Arrastando o mantêo da ruinaria.

E' a queimada que estronda a artilharia
Bronca das moutas de bambu's, e ameaça
O exercito em infrene gritaria,
Dos gaviões que manobram na fumaça.

Quando tudo quedar, fará o vento
De mão agouro, que piedoso acode,
O funeral da matta ao firmamento.

E voluteando restará, sem rumo,
Em espiraes que o furacão sacode,
A mortalha das cinzas e do fumo.

MATTA VIRGEM

A matta é o templo augusto das columnas
De caule, esbeltas, altas, rijas, raras.
Corôam-n'as as frondes verde-claras:
Capiteis onde cantam as graunas.

Marginadas de cedro, de taquaras,
De cipós e de juncos, as lagunas
São pias em que bebem feias, brunas
Turmas de caçadores nhambiquaras

E os grotões onde labios purpurinos
De flôres beijam o verdor das heras,
Da nave são os órgãos cujos hymnos,

Preludios e lamentos ás espheras
Vão nos urros, nos chios e nos trinos
Das aves, dos insectos e das fêras.



A ENCHENTE

Sob o aguaceiro que vomita pragas
De trovões e de raios, em momentos
Galga a enchente os barrancos pardacentos,
Enchendo os campos de canções aziagas.

Troncos senis vindos de ignotas plagas,
Da água a pesar nos flancos somnolentos,
Lembram barcos batidos pelos ventos,
Despedaçado o leme pelas vagas.

No undoso espelho mira-se a venusta
Garça real que alça o collo e que se assusta
Ao mais leve rumor, franzina e bôa.

E enorme cobra, o rio, eil-o, adormido,
O olhar cerrado aos passaros, e o onívoro
A' orquestração dos sapos na lagôa.

NOITE TROPICAL

A noite cáe do céu que se perfuma
Das essências que o vento n'aza encerra.
No alto, ao abrir dos mănacás na terra,
Brotam rosas de fogo, uma por uma.

A cachoeira soluça sob a espuma
Que alva e sem rumo pelos flancos lhe erra.
Como uma cathedral informe, a serra
Seu perfil arrogante alteia e apruma

Bailam nos ares luminosos rastros.
E é tal a confusão de insectos e astros
Broslando de ouro o alcandorado véo,

Que olhando o azul e as luzes que o povoam,
Não sei bem se as estrellas é que vôam,
Se os vagalumes é que estão no céu.



A MORTE DO CARREIRO

Morreu. Essas mangueiras são amigas,
A cuja sombra, a est' hora elle vibrava
O aço teso da viola, nas cantigas
Derramam prantos de resina brava.

Nas malhadas longinquas, muito antigas,
Os grandes bois que ao carro elle atrelava,
Ruminam das taperas sob as vigas,
Com saudade da voz que os instigava.

O carreiro morreu. Morreu com elle
O pio triste da nhambu, no matto.
Choram-n'os velhos de tsnada pelle,

E o arroio frio, e o vento que arrefece,
Emquanto azul, furtiva como um gato,
Rondando a luz que foge a noite desce.

LAMARTINE MENDES







UMA JANGADA

(Apud: KOSTER, Travels in Brazil, 1816.)



UM SENHOR DE ENGENHO EM VIAGEM
(Apud: KOSTER, Travels in Brazil, 1816.)

UM LIVRO NOBRE

Seria este, certamente, o adjectivo a acrescentar ao livro do sr. Alfredo Pujol, se acaso fosse necessario designal-o pela sua primordia qualidade. E', com effeito, um livro antes de tudo nobre. Através de todas as suas trezentas e cincoenta paginas o auctor conseguiu manter, com admiravel simplicidade, o mesmo proposito de elevação, o mesmo traçado de tranquillidade. Trabalho de exegese, trabalho de saudade, trabalho de amor, — em todos os assumptos agitados, o sr. Alfredo Pujol elevou-se sempre, despertando suggestões de sympathia poderosa e flammam de magnanimo interesse.

Facil de linguagem, facil e claro, com uma limpidez correntia e murmurante, tal um fio de prata a se espreguiçar, sonoramente, sobre um leito de seixos sonoros; desataviado de effeitos vãos de rhetorica, procurando a expressão na sobriedade, de uma singeleza lucida, ha nelle sempre a melodia dos periodos atticos, revelando aquella mesma despreocupaçao encantadora do retratista de Helena, — a mais pura e mais distincta crystalizaçao da arte, que ainda floresceu entre nós.

Estou que o ideal do estylo para o sr. Alfredo Pujol é Anatole France, a gloria da phrase perfeita, caindo do céu como uma chuva de diamantes, ou Ernesto Renan, o rythmo feito prosa, a prosa humanizando-se em milagres de harmonia, Mimnermo a cantar com a sabedoria feliçeira de Platão.

Não ha no sr. Alfredo Pujol exaggeros, transportes, descabidos enthusiasmos. Fica dentro do seu plano, sem nada procurar fóra delle. Seguro de uma cultura consideravel, dono de varios idiomas, nota-se bem que a escripta é para elle um divertimento ameno e salvador. Estuda, assim, com toda a elegancia de um dilettante e com o claro sorriso de um moralista sem complicações e que reconhece a fragilidade dos preceitos da moral.

De facto, a leitura das conferencias deste auctor deixa-nos a impressao de terem sido escriptas entre coisas amaveis e nobres. Afigura-se-nos haver sobre a sua mesa braçadas de rosas. Aos cantos



da sala devem resplandecer velhos bronzes resurgidos, marmores gregos mutilados, falcões e medalhas antigas. E, mais perto, numa estante de ebano, um chagrin de Homero, onde rebrama a grita dos heróis da *Illiada*, ou o aviado Ulysses mystifica, com uma facundia fácil, os deuses surpresos, ou eurípia, com risosna aglidade, um favor á deusas magnificas...

Eu venho agora mesmo de visitar este bello volume onde se estuda a personalidade incomprehendida de Machado de Assis. Li-o com um duplo interesse, um empenho duplo: o primeiro provinha de já se haver estabelecido entre mim e o auctor esta sympathia virtual, inconsciente e forte, que é o signal de uma inclinação commum; o segundo decorria de dizer o sr. Alfredo Pujol sobre Machado de Assis, o talento mais claro e mais grego que a minha admiração já venerou por todo este Brasil.

Será preciso affirmar que voltei desta peregrinação com a commoção de um deslumbramento novo, entremeadado de magua? Doce e triste, em verdade, o livro do sr. Alfredo Pujol! Triste com toda a tristeza, e doce com toda a doçura que povoaram a alma do meigo creador do Humanitismo. E fiquei a louvar e a bendizer o esforço do sr. Alfredo Pujol, esforço de critico e de crente, porque nas suas paginas perpassa todo o enlevo de um discípulo e toda a severidade de um commentador.

Aliás, esta é uma ventura de Machado de Assis: excepção feita de Sylvio Romero, que o aborreceu toda a vida com sinceridade e dedicação, o auctor das *Memorias Posthumas de Braz Cubas* tem sido tratado por almas amigas, chelas da chamma consoladora da admiração, cujas palavras são caricias, cujas idéas são bençãos. Não foi diverso o caso de José Verissimo ou de Euclydes da Cunha, como não o é também o do sr. Mario de Alencar, ou o do sr. Magalhães de Azeredo.

Contudo, ainda não se publicaram sobre o modelador de Virgilla paginas tão exactas, chelas de tão correcta medida, de tão puro recolhimento, como essas do sr. Alfredo Pujol.

Ainda assim, não me satisfizeram plenamente. Machado de Assis, escriptor consideravel, não pode ser conhecido num livro de tres centos de paginas, ainda pelo mais sincero e melhor dos esforços de um investigador. Elle requer bibliothecas. Complexa e multipla como foi a sua alma, alma de romancista e poeta, de chronista e critico, pelas expressões verificadas, e de humorista e psychologo, de philosopho e ironista, pelas tendencias resumidas, alliando, em relação á esthetica, cujo feitico o dominava, o respeito fanatico de um idolatra á minuciosa sciencia de um mandarin. — é necessario reconhecer, não obstante o enorme esforço

do sr. Alfredo Pujol, que ainda resta por fazer, sobre o cinzelador da Desejada das Gentes, bem mais do que já tem feito.

Faina trabalhosa e vasta será esta, a de estudar a genese e o amadurecimento das tendências intimas de Machado de Assis, pelo concurso das influencias exteriores, perfeitamente inevitaveis. Já não me refiro á mediocridade do casal em cujo seio Joaquim Maria surgiu para a vida, nos braços de um operario de côr e de uma creatura esquecida e pobre, mas cheia de uma suave meiguice, que elle havia de adorar depois com uma adoração indefinida. Confesso que isso não era caso para grandes desconsoles. Esta origem humillima deu, porém, ao menino incliado na vida, sob auspícios tão pouco animadores, uma irremediavel dose de acabrunhamento. Mais tarde, com a idade, veio o raciocínio, em tal caso precoce. Joaquim Maria ponde comprehender então aquella sociedade. Para logo tres observações fundamentaes devem ter-se fixado no seu espirito: a inferioridade do meio, a primeira, decorrendo de duas outras — a falta de intelligencia dos homens e a ausencia de gosto pelas obras de arte.

Deu-se, era natural, um retrahimento completo do individuo. Essas tres observações penetraram-n'o. O seu acanhamento natural, placa sensibilissima de receptividade, acolheu, com vibrações inconscientes, as sensações dolorozas que foram recebidas: Machado tornou-se então tímido, de uma timidez exaggerada; invadiu-o uma incuravel placidez, que em outro poderia se reduzir a indolencia intellectual e physica, como parece ter sido o caso daquelle phantastico Arthur de Oliveira ou daquelle terno Paula Ney — placidez que se affirmava numa perfeita incapacidade a todo enthusiasmo ou violencia; e, por fim, apoderou-se d'elle o mais absoluto desconso.

As leituras proseguiram. Veiu a acção do Ecclesiastes Schopenhauer comprehendeu-o, numa volta de estrada, vestido de preto e sinistro, como um viuvo recente. Tambem chegaram os philosophos inglezes, os allemães, Hartman, talvez, com certeza Spinoza, que lhe mereceu um optimo soneto. Essas leituras, onde a verdade ás vezes resplandece com um brilho entontecedor e perdido, deslumbravam-n'o, como ambrosias amargas. Formava-se a cresta das ultimas inclinações. Os humoristas inglezes chegaram, e elle abria a alma á invasão deleitosa de Dickens, de Sterne, de Swift.

Por esse tempo os prodromos da molestia annunciavam-se. O pessimismo, que fôra o refugio de Flaubert, foi tambem o seu refugio. Brotaram então dentro d'elle, como flores outonicias de perfume doloroso, o scepticismo, a ironia, a misanthropia...

Essa evolução de um genio, virado dos sentimentos naturaes de retrahimento para os morbidos requintes do pessimismo, é bem



marcada nas obras do velho pensador. O romancista de *A Mão e a Luva*, sabio já no escarpellar das almas, porem cuidando ainda das apparencias exteriores, era, na sua simpleza, um lyrico harmonioso, amando os contactos como um sybarita sereno; o escurador de *Dom Casmurro* e do *Memorial de Ayres* é um pensador sombrio, — sombrio e angustiado — cuja revolta não chegaria nunca a produzir um Dante, porque uma reserva salvadora de doçura o protegia. O proprio Machado de Assis soube melhor significar essa evolução amargurada. E' o descendente a se reconhecer, e mal a enfiar-se de flores para a celebração da paschoa das illusões desperdiçadas:

O poeta chegára ao alto da montanha,
E quando ia a descer a vertente do oeste,
Viu uma cousa estranha,
Uma figura má.

Eptão, volvendo o olhar ao subtil, ao celeste,
Ao gracioso Ariel, que de baixo o acompanha,
Num tom medroso e agreste
Pergunta o que será.

Como se perde no ar um som festivo e doce,
Ou bem como se folga
Um pensamento vão,

Ariel se desfez sem lhe dar mais resposta,
Para descer a encosta
O outro estendeu-lhe a mão.

Ora, é exactamente o plano desta evolução que o sr. Alfredo Pujol annota e commenta com a discreção e a sobriedade devidas por um critico que não pretende ser fatuo. Deixem falar! O ser sobrio e discreto é ainda uma familiaridade sabedora. E que sensação de desdem inqualificavel nos deixa na alma um dogmatismo ferrenho, a se annunciar em infallíveis postulados, como é o daquella vaidosa esto-psychologia de Hannequin!

O sr. Alfredo Pujol, porem, fez um livro encantador. Não vae ahí nenhum exaggero de elogio. Digo-o com a mais verdadeira das sinceridades. Algumas paginas desse livro são trechos eua-ves de poemas. Reminiscencias, evocações, saudades, elle as lan-

ça no papel entre vagos soluços, — soluços mortos antes de desabrocharem, sob a emoção florida dos sorrisos...

Em certa página do livro, próxima já do fim, depois da narração da morte daquela a quem Renan chamaria Santa Carolina o vulto de Machado de Assis nos apparece com toda a grãdeza de um apostolo que se tornou maior pela purificação dos soffrimentos. Grande e sereno, faces vincadas pela carreira dos prantos, espadas caídas ao peso das dores excepcionaes, o pobre Joaquim Maria poderia então balbuciar a phrase de Mme. de Staël: *de toutes mes facultés, la plus puissante c'est la faculté de souffrir*. Porque elle assume a dolorida magestade de um Prometheu. Não como o Prometheu grego, da tragedia; bem maior, porque este guardava o orgulho triste de se não revoltar. E nunca se revoltou.

Essa incapacidade á revolta traduz-se perfeitamente nas paginas de sabedoria que elle nos legou. Quincas Borba é um philosopho amavel e doido, tendo assim as duas qualidades mais seductoras a que um homem pode attingir. Miserrimo, adivinhando mundos de excellencia nas bolsas escassamente burguezas, Quincas Borba creyava, com o mais resignado scepticismo, idéas que são dogmas evidentes. Ao vencedor, as batatas! Pobre Quincas Borba, pobre e sabio Borba, a tua philosophia ainda é a verdadeira. O mundo não comprehende as almas elevadas como a tua, Borba admiravel! E tu és na terra um puro anachronismo. Para alimentar o corpo fragil onde se encerra a tua alma formidavel, penarás disabores angustiosos e ver-te-ás obrigado a roubar os relogios alheios... A palavra é ainda a do Evangelho, doce amigo!

Foi a certeza desta perversidade assidua das coisas, que determinou a ternura tornada tradicional no creador de Capitã. Porque não se apaga da minha convicção que Machado de Assis intentara redimir com o esforço heroico de sua ternura a desoladora tristeza da mundo. Não o conseguiu. Nem ora para individuo humano conseguiu-o. Restou, porem, áquella alma o consolo de ter sido, ainda que inconscientemente, superior.

Machado de Assis possuia, de facto, uma suave alma de archanjo. Elle tinha aquella timidez irremediavel, signal de verdadeira bondade, bondade que nelle nasceu com a vida, manifestação imponderavel da alma como o aroma é a imponderavel manifestação da flor, sem exigir para a sua existencia uma base real ou ao menos coherente. Dir-se-á, mesmo, não ter elle nunca respeitado os incensos do radiante jardim da alegria. E o longo olhar de resignação e complacencia com que observava o mundo trazia muito das lagrimas reconditas, occultas no fundo da alma pelo pudor dos soffrimentos.



Seria acaso a reserva egoísta de um misanthropo, aquella ar abstracto de quem, sabendo esbajamente da eterna comedia da vida, só olha para si proprio, como desattento ao Univerço? Parece-me ser apenas uma exteriorização inevitável de descrença, porque Machado descreia extranhamente de tudo. A sua tristeza era bem o resultado desta descrença, e elle acclamava sempre, com magua, na esterilidade irremissível dos esforços humanos.

Logo no ter noticia das conferencias que por esse tempo ainda o sr. Alfredo Pujol lia na capital de S. Paulo, confesso que senti uma grata alegria. Machado de Assis precisa de uma segura e forte consagração. Erradio, insulado num escol diminuto, aristocrata de temperamento e de esthetica, o mais perfeito espirito da civilização litteraria americana, enlanguesce como uma flor delicada numa alcova morna. Torna-se necessario que seja mais lido e mais comprehendido. E' verdade, como observou algures o sr. Olavo Bilac, ser Machado de Assis um typo aleitadissimo, adeantado no seu povo e á sua época. Mas a época marchou; caminhou o povo. Será possível estar reservada ao philosopho de Braz Cubas uma sorte mais ou menos identica á do subtil pensador de Chartreuse de Parme?

Evidentemente, Machado de Assis é muito pouco comprehendido na sua terra, mesmo no escol dos letrados. Ou então é comprehendido e o negam. Da nossa litteratura critica, uma das figuras mais salientes foi Sylvio Romero. Não lhe faltou cultura nem talento. Teve alguma boa vontade mesmo, e bastante espirito de commentador. Mas sobrou-lhe na vida um sentimento unico, a reprimir-lhe todas as tendencias generosas: Tobias Barretto. Porque Tobias Barretto era o fetiche recalcitrante e complicado de Sylvio Romero. O sr. Oliveira Lima notava ha dias, com excellente graça, a proposito de uma observação pernambucana, a necessidade de um fetiche que sentem as populações mescladas. Sylvio Romero não era bem um mesclado, pelo menos que eu saiba. Mas ha uma palavra delle — "todo o brazileiro é mestiço, senão já na côr, pelo menos nas idéas" — que, applicada á observação do sr. Oliveira Lima, me auctoriza perfeitamente a tirar aquella conclusão.

O julzo da justiça vem baixando, porém, pouco a pouco, sobre esses homens que tanto viveram, e se amaram muito, ou muito se odiaram, como uma bengam de orvalho bemfazejo. Já todos sabemos que Sylvio Romero era um gigante enternecedor e melgo, ululando com facilidade num desespero encapellado de Titão vencido; que Tobias Barretto era um homem de grande intelligencia, grande cultura e desorganizado. Agora, para evidenciar ainda mais esta justiça, chega-nos o livro do sr. Alfredo Pujol, que vem.

cumpre dizel-o, ennobrecido por uma exacta medida de annotador e um raro espirito de imparcialidade, — virtudes indispensaveis a um verdadeiro historiador das letras.

Felizmente, no meio da actual transformação das tendencias, quando a Terra, invadida pelas idéas rubras dos scythas, resvala na subversão do mundo radiante e formoso, ainda uma voz se faz ouvir para contar de uma grande e admiravel alma, que viveu sofrendo muito e pensando muito, na mais dolorosa e sagrada agonia. E são esforços como esse do sr. Alfredo Pujol que alevantam o nivel moral dos povos, alimentando-os, tambem, daquella parcella de idealidade e desinteresse, sem a qual os homens não seriam mais do que Shylocks deploraveis, a se explorarem mutuamente, numa volupia grande e tenacissima.

Ainda bem para nós, que entre as preoccupações dominantes do momento, os velhos deuses não nos esqueceram!

MUCIO LEXO.



ULTIMAS PALAVRAS DE UMA NOBRE CONSCIENCIA

Do precioso livro de sr. A. Sabola Lima — Alberto Torres e sua obra — transcrevemos o notável documento que o grande pensador enviou a uma folha carioca e "cuja publicação foi suspensa devido ao seu prematuro passamento." É um retrato moral, e é quasi uma voz d'alem-tumulo dizendo sem paixão as mais tremendas verdades a uma nação que timbra na surdez.

É de elemental justiça que, vencendo o pudor que me tem impedido de falar de mim e de meus actos contra o esquecimento e a injustiça da politica e da imprensa, eu reclame a prioridade que me cabe na iniciativa dessas medidas, parte aliás, de um vasto e complexo programma politico, administrativo, social, economico, e financeiro — que interessava todos os ramos da vida e da actividade publica, desde a educação até a organização administrativa, no Estado do Rio de Janeiro, no periodo promovido de 1898 a 1900, sob a minha presidencia. Esse programma foi elaborado e desenvolvido pessoalmente por mim.

Modificação tributaria

O imposto de exportação sobre o café, unico realmente oneroso dos então vigentes no Estado, reduzido immediatamente de 11 para 10 %, e o territorial, cobrado em taxas minimas e segundo os processos mais tolerantes e mais liberais, deviam ir, em meu systema, obedecendo a um systema de compensação descendente quanto ao primeiro e ascendente quanto ao segundo, de forma a deslocar a base fiscal do Estado de uma pesada contribuição *ad valorem* sobre a produção para a tributação mais racional e economica da propriedade territorial. Essa reforma economica e fiscal, assim como todo o programma daquelle administração, foram destruidos pelos governos que me succederam.

Previsões desprezadas

Assumindo o governo do Estado na occasião em que a baixa do preço do café, devido á superprodução das plantações paulistas — baixa por mim prevista e advertida num pequeno artigo da *A Noticia*, em 1894, como tantas outras crises e tantos outros problemas nacionaes, abandonados, não observados, ou em começo de manifestação, tambem por mim



apontados no Congresso e na Imprensa, por entre os sorrisos ironicos dos grandes homens que, em nosso paiz, se julgam sempre dotados da sabedoria das cousas pela posse da força e dos meios de impor o seu pensamento, — juntando-se á diminuição da produção desse genero no Estado fluminense, acarretou para as suas finanças uma tremenda crise, em que todas as arrecadações desceram muito abaixo dos compromissos do Thesouro, por despesas orçamentarias, creditos extraordinarios, abertos nas administrações anteriores, e supplementares resultantes da má avalliação das verbas — consegui eu, entretanto, ultimar o meu periodo de governo (apezar de lutar contra uma Assembléa em maioria adversa) e á custa de grande redução na despesa, graças a toda especie, não de *cortes*, mas de *economias*, como, por exemplo, *não preenchendo cargos vagos*, realizar desde o segundo anno de administração — muito provavelmente pela primeira vez neste paiz — pela extinção de todos os creditos extraordinarios e supplementares, um orçamento integral, sob a fiscalização do Tribunal de Contas (que, no Estado do Rio, constituido, como foi, por homens de austero character e de alta competencia, exerceu sempre realmente, em toda a extensão da palavra e com o mais estricto rigor, a função fiscalisadora), reorganizar, *pondo em effectiva execução e com redução da despesa*, serviços de alto vulto, como a instrução publica, reduzir o imposto de transmissão de propriedade de 6 % para 1 %, regular e preparar uma multidão de medidas e instituições de estímulo e apoio á produção, cuja iniciativa tem sido tambem attribuida a outros politicos e administradores, deixando os cofres do Estado em situação de se lhes poder corrigir, legislativamente, a penuria, pela redução de despesas esteréis e parasitas e com a criação de pequenos tributos perfeitamente supportaveis por classe e interesse ainda não tributados ou ligeiramente tributados, — graças á muito reduzidas operações de credito interno, *havendo durante todo o meu periodo presidencial, repellido intransigentemente o offerecimento de uma operação de credito externo*.

Persistencia no erro /

Essa futura obra legislativa de reconstrução financeira do Estado nunca foi effectuada. Se é certo que o facto material e imperativo da diminuição da renda impoz aos poderes publicos, nos periodos que se seguiram, grandes cortes na despesa, entre os quaes se destaca um ou outro digno de applauso, como a redução do numero de deputados estaduais, por exemplo, é tambem verdade que, se fizeram, para realizar planos de méra ostentação, proprios a attrahir popularidade para seus auctores, e para abusos de luxo, despesas consideraveis que taes cortes alcançaram largamente, verdadeiras obras vivas da politica e da administração, como a fiscalização orçamentaria, que foi extinta, como a instrução publica, enormemente sacrificada — ao ponto de se ter



verificado que, durante muitos annos, depois do meu governo, não se fez aquisição, no Estado do Rio, de livros escolares, — tornando o magisterio e o ensino no regimen da desmoralização e da politicagem, pela extinção das garantias da carreira e de fiscalização. O programma economico foi, longo tempo, posto á margem, ao passo que não pequeno numero de sinecuras e de gastos de favor recommencaram a apparecer no orçamento e nos livros do Thesouro, transformadas as leis annuaes, pelos artificios e sophismas da sua confecção, em actos de autorisação de toda especie de abusos.

Retirada da actividade politica

Deixando o poder em 31 de Dezembro de 1900, depois de um periodo tormentoso de governo, em que luctei com as mais criticas difficuldades financeiras, que as condições economicas da produção do café me oppuzeram, como todos os embaraços oppostos por interesses particulares á execução do meu programma com todos os obices e todos os artificios de politicagem de uma opposição violenta e virulenta, mas havendo podido, entretanto, graças a uma energia inquebrantavel, realizar obras e beneficios cuja efflicacia e cujo valor se medem pelos que já foram referidos, e de que se pôde ainda citar o acto da extinção das gulas de café, base de uma especulação que roubava á lavoura fluminense e á da parte de Minas e do Espírito Santo que exportam por esta praca, lucros calculados por competentes em cerca de oito mil contos annuaes, pude encerrar essa phase da minha longa carreira de dedicação a meu paiz e á Republica, iniciada aos dezeseis annos com a propaganda da Republica e da abolição da escravidão, certo de, por estímulo proprio e sob inspiração exclusiva do meu devotamento á Patria e á causa publica, haver gerido os destinos da minha terra com o maximo de *previdencia*, de exacção e de ordem que se podem esperar de governantes dignos da responsabilidade do poder, sollicitos, não tão somente em solver as crises da occasião e em curar os males do passado, senão em prevenir as causas de novos males.

Decepções

Na politica, se todas as luctas que se me defrontaram no esforço por manter o prestigio e honra da autoridade publica a salvo da desmoralização, se todos os desgostos pessoais que soffri pela decepção do rompimento com amigos politicos logo em começo do meu governo — rompimento que nunca desejei — se toda a energia empregada por continuar a fazer do Estado fluminense um verdadeiro cooperador da força, da prosperidade, do prestigio interno e externo da Nação, e das suas instituições, se toda a minha lealdade, aos deveres superiores e aos principios moraes e praticos do regimen, ligados á essencia e á razão



muito fizeram por me trazer amarguras e deceções, consola-me, entretanto, o conforto de consciencia de poder recordar toda a linha de minha conducta, vendo nella reflectir-se continua a inspiração do mesmo impulso que me levou a protestar solenemente, por occasião do alludido rompimento, que, *encerrado o meu periodo presidencial, estaria tambem encerrada a minha carreira politica*, realizando assim, a obra sã de moralidade publica.

A nobilitante renuncia

Os factos posteriores, o depoimento objectivo das cousas durante os meus dezasete ultimos annos do regimen, toda a recente historia institucional da Republica, em summa, gravitando inteira, em torno das manobras da astucia e da força pela conquista e pela conservação do poder, e pela obtenção de empregos, de vantagens e de proveitos pessoais, ou pelo menos, em casos, allás, muito raros, pela satisfação de paixões, de caprichos e de vaidades, darão ás almas justas e aos corações altruistas que ainda existem neste paiz a idéa e a medida do valor desta obra politica, partindo de um moço cheio de ambições legitimadas por uma longa carreira politica, e que assim renunciava, em sacrificio a deveres de moral publica, o direito de continuar a servir o seu paiz na orbita da actividade em que sempre trabalhara.

A suprema conclusão

Toda esta carreira se manifestou na *modestia que me impunha a minha subordinação, como politico ainda moço, á direcção e á orientação de outros* — e que só agora rompi nesta phase avançada da minha vida publica para assumir individualmente e á custa de sacrificios de toda a especie, na saúde e nos interesses, meus e de minha familia, a responsabilidade de dizer á minha Patria, *sem nenhum acto de força exterior*, impossivel na debilidade das minhas forças, e *sem o menor artificio ou laivo de suggestão*, incompativel com a espontaneidade ingenua de meus moveis (sem opprimir e sem falar á emotividade, á paixão, ao sentimentalismo e impulsividade de meus patriotas, enunciando pelo contrario, a linguagem simples, nua, calma e serena do sentimento, da observação e do raciocinio), que toda a vida, a sorte e os destinos da nossa nacionalidade estão irremediavelmente comprometidos por vicios e defeitos de regimens e instituições alheios á sua natureza, e em estado completo de dissolução neste momento, perante os riscos e ameaças que cercam o paiz. — toda essa carreira, vinha dizendo, foi assignalada na imprensa e nas posições que exerci na União e no Estado, por actos e palavras de advertencia de toda a especie de desastros, e de ruínas em que se encontra o Brasil, desde a ignorancia de seu povo e da fraqueza da sua saúde, até a destruição das bases da economia nacional, da delapidação das suas rendas a sua completa indefensabilidade material.

A visão falsa dos nossos problemas

A faina agodada por acudir com remendos e concertos de fachada a que se estão entregando os que, a todo o transe, querem impôr ao paiz a supremacia de suas pessoas — coactores, todos, na perpetuação e no desenvolvimento dos crimes políticos, que nos trouxeram a esta anarchia, a esta ruína, a esta miséria, á debilidade mental de uma vida superior de opinião irreflectida e sem consciencia dos factos, dominada toda por formulas e phrases de um eruditismo de *idiota savante* e por sentimentos de exhibição e de parada, ao analfabetismo, nas classes inferiores, — faina já corrompida em todos os seus actos pela infecção dos vícios que caracterizam as instituições vigentes e as machinas em que ellas se caracterizam, é um verdadeiro sarcasmo á profundidade e extensão da molestia do paiz e o mais injusto e infame ludibrio ás suas justas aspirações... Havendo cumprido, *em tempo* o meu dever, não sacrificarei em minha carreira politica, os interesses da minha terra, á ambição pessoal de conquistar socios, na exploração da causa publica, ou advogados para a sustentação de meus actos. *Ninguém conhece hoje a verdade sobre a historia politica e administrativa do Brasil, sem critica e sem julgamento*, na imprensa e nos orgãos do poder publico, onde imperam exclusivamente o sophisma, a mentira e a declamação, — não existindo mais em nosso meio nem confrades, em campanha por idéys, nem publicistas em missão moral de justiça, *que estudem e discutam a vida publica*, senão unicamente consocios na exploração do Thesouro e da riqueza nacional e advogados interessados na luta pelo ganho e pela conservação de posições e de favores, a fazer o estardalhaço e a confusão da publicidade...

Isolamento — castigo dos que falam verdade

Sou um homem isolado na vida publica. Eis o que explica a necessidade em que me vejo de reivindicar, pessoalmente, justiça para meus actos, nesta rapida resenha, onde mal encontra espaço o debucho de uma carreira que atravessou — modestamente, mas sem um minuto de distração e sem a mais ligeira transacção com os interesses occasionaes e com as crises eventuaes que alimentam toda a actividade publica entre nós — os últimos annos da Monarchia e a vida inteira da Republica...

Se não me trahir a saúde e não me faltarem de todo os meios de publicidade, cada vez mais escassos nesta terra de faustosas liberdades theoricas para toda a palavra livre e desinteressada, o meu depoimento de testemunha e de parte activa na historia deste periodo virá completo a publico nas paginas de um livro que entra no meu programma de trabalhos e que terá por titulo *Uma vida publica*."

ALBERTO TORRES

BIBLIOGRAPHIA

FREI VICENTE DO SALVADOR —
Historia do Brasil — Ed. Waisflog Irmãos
— S. Paulo — 1918.

Prestou o sr. Capistrano de Abreu mais um bom serviço às letras nacionais, revendo e fazendo publicar-se em edição definitiva a Historia do Brasil de Fr. Vicente do Salvador. Desde que Warnhagen alludira á obra do frade bahiano, por elle folheada na Torre do Tombo, em Lisboa, eram constantes em quasi todos os historiadores patricios citações e referencias ao livro do primeiro brasileiro que escreveu sobre cousas brasileiras. Mas os estudiosos da historia do Brasil ou os simples curiosos da sua bibliographia não tinham até agora opportunidade de manusear tambem o curioso livro daquelle capuchinho que, já em 1629 estudava e observava factos e aspectos da nossa terra, julgando-os dignos do estudo aturado e do afanoso trabalho que lhe deu o escrever a sua Historia do Brasil. Era um codice difficil de deparar e esquecido nos archivões de onde agora o foi exhumar a paciente solicitude do sr. C. de Abreu.

Revendo a obra cuidadosamente, tornando-a mais uniforme e clara na sua orthographia, pontuação e subdivisão dos livros em capitulos, tornou-a o illustre historiographo contemporaneo um volume de excellente consulta e valiosa documentação para a historia do Brasil e que ha de figurar em todas as estantes eruditas, ao lado das que de maior valor têm apparecido até hoje, versando a mesma casta de assumptos.

Sobre o valor e fello da Historia de Frei Vicente, cabe transcrever aqui um trecho da notavel prefacção de que o sr. Capistrano de Abreu fez proceder a obra revista: "O primeiro livro descreve a terra qual a defrontaram os descobridores, o segundo abarca por ordem geographica o periodo dos donatarios; o terceiro termina com a perda da independencia de Portugal; o quarto começa com os soccorros prestados pelos hespanhoes logo depois de Philippe Segundo ter reunido as duas corôas, e termina no governo de D. Diogo de Meneses, em que se preparou a grande avancada para o Norte;



com este avanço realizado sob Gaspar de Souza começa o quinto, que por não estar completo ficou quasi todo limitado á guerra hollandeza, que sobreveiu."

Ainda da autoria do sr. C. de Abreu são as noticias explicativas que precedem cada um desses Livros e que, pela erudição e proficiência com que foram elaborados concorrem grandemente para melhor entendimento do contexto.

O volume, que contem mais de 600 paginas e é ornado de optimas gravuras e mappas, foi caprichosamente impresso e acabado, offerecendo muito agradável aspecto.

SILVA DIAS — Halos Singulares —
(Ensaio de Critica) Ed. Martina de Araujo
— Rio — 1918.

Neste seu opusculo o sr. Silva Dias estuda as personalidades e as obras de varios autores, mormente os hispano-americanos, revelando profunda leitura, aturado gosto e pronunciado pendor para a critica literaria. Pena é que o seu estylo, ao invéz da clareza que o genero principalmente requer, se resinta de obscuridades frequentes, como a que se mostra no trecho que segue:

"Será que o grande se não sinta verdadeiramente grande? Consequencia: os que vivem nas planicies das letras, das sciencias e das artes, os mediocres, falsamente, cresceram... E' bem um phenomeno admiravel que se funde e se elucida num simples estudo de perspectiva nos dominios da topographia espiritual, si porventura ella assim existir possa..."

**A. MONTEIRO DE SOUZA — A União
e o Ensino Primario —** Typ. da Imprensa
publica — Manaus — 1918.

O dr. Monteiro de Souza reúne neste fasciculo, em continuação a outro já publicado sob o titulo de *Educação Nacional*, uma serie de discursos que pronunciou no Congresso, defendendo e justificando o seu projecto de criação da Repartição Geral do Ensino Publico e Educação Nacional. Grande competencia e conhecimento se revelam nestes trabalhos, em todos os assumptos referentes á disseminação do ensino primario no Brasil, a respeito do qual o autor preconiza a interferencia directa dos poderes publicos federaes.

**LEOPOLDO DE FREITAS — O Escriptor
Affonso Arinos —** Esboço bibliographico e
Literario — S. Paulo — 1918.

A personalidade de Affonso Arinos, o autor de impereciveis paginas inspiradas nas tradições e aspectos sertanejos do Brasil, suggeriu ao sr. Leopoldo de Freitas um elegante trabalho, em que o

autor patenteia a sua sympathia e a exacta comprehensão da índole revelada pelo autor de "Pelo Sertão".

ADELARDO SOARES CAIUBY — Projectos do Stadium Paulista e da Leprosaria Modelo — Typ. Riedel & Cia. — S. Paulo. 1918.

Nos dois folhetos em que o engenheiro dr. Adelardo Soares Caiuby reproduziu os projectos que executou para duas importantes construcções a serem realisadas em S. Paulo, ressaltam as elevadas qualidades technicas e competencia profissional do autor. Das plantas, levantamentos, descripções e orçamentos constantes destes dois trabalhos se deprehendem o muito gosto e a intelligencia com que o architecto concebe e executa as suas creações, as quaes virão concorrer grandemente para a obra do reerguimento do gosto architectual brasileiro. Os dois primorosos folhetos, o segundo dos quaes vem prefaciado pelo illustre dr. Arthur Nélva e acompanhado do parecer da Commissão, encarregada de estudar a Prophylaxia da lepra no Brasil, composta dos profs. Juliano Moreira e Fernando Terra, foram impecavelmente executados, constituindo primorosos especimens graphicos que muito recommendam o estabelecimento dos ars. Riedel & Cia.



RESENHA DO MEZ

SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DO MAXIMALISMO

O eminente sociólogo argentino, Dr. José Ingenieros, pronunciou, sobre este thema, notável conferencia, que muita luz derrama sobre a corrente de idéas, nascida na Rússia e a derramar-se victoriosamente sobre o mundo europeu.

Abre o estudo mostrando a palingenesia social que ha meio século se denunciava na Europa por mil maneiras. Para contrastal-a, impedindo o surto dos novos direitos, o situacionismo ergue como baluarte o Militarismo, e como antidoto a Superstição — heranças da era feudal. Mas sobrevem a pugna. E' o suicídio do feudalismo. A victoria militar deixou de ser a finalidade da guerra. A questão era outra. "Os azes da guerra, Alemanha e Inglaterra, apolados vergonhosamente pela Austria dos Habsburgos e pela Rússia dos Romanoff. Se a França não entrasse em lucta, nenhuma consciencia democratica vacillaria um minuto em desejar o extermínio dos quatro imperios combatentes, Alemanha, Inglaterra, Austria e Russia".

Mas ouçamol-o, a começar da parte em que aborda a revolução russa.

A REVOLUÇÃO RUSSA

Força é reconhecer que o primeiro governo da Russia livre se caracterizou por certa inércia revolucionaria. Pretendia continuar

a receber o apoio de governos aliados que não tinham o seu mesmo conceito doutrinario da finalidade do conflicto; o presidente Wilson, seja dito em seu louvor, foi o unico que se fez solidario com elle, affirmando que, além de seus fins militares, a guerra devia ter nado o proprio czar, e contribui-
cas.

Na Russia tudo era inseguro. O grupo militarista, que havia enganado o proprio czar, e contribuindo para accender a mecha da guerra, conservava sua liberdade de acção e manejava milhões; seu influxo era sufficiente para intentar a restauração do regimen caído, e procurava descaradamente a complicitade dos governos aliados para afogar em seu berço a democracia nascente.

Kerensky começou a comprometter a revolução com suas vacillações; esqueceu que em certos momentos criticos todo aquelle que contemporiza serve a causa de seus inimigos e não a propria; recouo empregar os meios energicos que as circumstancias impunham, assumindo com inteireza as responsabilidades da grande hora historica. Está derrubado o despotismo enquanto vivem os despotas, e seus partidarios conspiram para os restaurar?

Não condemnamos por isso a Kerensky; foi util para a revolução no primeiro momento, mas teria sido funesta a sua permanencia no governo. Não esqueçamos que vacillações analogas tinha mostrado com a sua dynastia a Revolução Franceza; e então, como agora, foi necessario que ella se desligasse de seus elementos indecisos, para que o antigo regimen fosse mortalmente ferido na pessoa de seus symbolicos representantes.

O arranque decisivo occorreu na Russia em principios de 1918. A facção radical dos partidos revolucionarios comprehendeu que era perigoso seguir caminhos obliquos;

desalojou do governo o partido que lá estorvava, sacrificou a vã illusão de combater contra os exercitos teutonicos e se cingiu a reorganisar democraticamente as diversas populações avassaladas pelo czarismo.

Wilson e Kerenaky tinham dado á democracia um programma "minimalista" mais parecido com uma concessão que com um reclamo; Lenin e Trotsky acreditaram que a oportunidade impunha formular suas aspirações maximas, o que fez dar-se ao movimento o nome de "maximalismo".

A attitude que diante delle assumiram os governos belligerantes, foi logica. Os alliados se inclinaram a encarar-o como uma pura e simples defeção militar; os germanos, militarmente beneficiados pelo successo, viram-no com discutiavel agrado, suspeitando que o espirito revolucionario poderia contagiarse a suas proprias populações.

Desde esse momento, dia a dia, as agencias telegraphicas começaram a injuriar a revolução que tinha destruido o despotismo dos czares e procurava difficilmente um novo estado de equilibrio, não muito facil de encontrar em poucos dias, após tão brusca sacudida. O cabo se inchava a cada hora com noticias terrorificas que os governos interessados diffundiam pelo mundo, apresentando os maximalistas como um bando de malvados e insensatos.

Falou-se do terror. Que terror? O dos czares que haviam assassinado nos carcereiros e na Sibéria milhões de cidadãos que amavam a liberdade, ou o dos maximalistas que fuzilaram umas quantas centenas de cortesãos que conspiravam para devolver-na á escravidão?

Tivemos em nossas mãos periodicos russos de opposição ao movimento maximalista, pois são esses os unicos que deixa circular a censura allhada; só nelles nos surprehende a liberdade com que o criticam, realmente inexplicavel se reinasse o terror mentiroso dos cabos. Ha uma verdade que é preciso affirmar, porque cala-a equivaleria a mentir: comparando a revolução russa com suas congeneras, ella se caracteriza até agora pela docura de seu procedimento, quasi angelical diante do da gloriosa Revolução Francesa, cujos beneficios destructamos sem recordar o muito sangue que custou.

Não pretendemos suggerir que a crise maximalista se effectuou com perucas polvilhadas, como uma tertulla de cortesãos; seria indubitavelmente exaggerado; seria

todavia surprehendente que suas unicas victimas, segundo os diarios russos que levantam a grita ao ceo, tenham sido uma familia de autocratas, dez ou vinte bispos, quatro duzas de chefes militares e varios centos de burocratas, espias e cossacos, em cifras apenas apreciaveis em um imperio de tantos milhões de habitantes. São mais victimas sem duvida, do que as dessa incruenta revolução estudantina que acaba de triumphar em Cordoba, porém convenhamos que não é o mesmo desalojar uma dúzia de sabios esolones e demolir uma sinistra tyrannia secular...

WILSONISMO E MAXIMALISMO

As poucas noticias que tivemos do movimento maximalista nos induziram a por de quarentena as tollices alarmistas dos cabogrammas. E na primeira oportunidade que tivemos de falar em publico — a 8 de Maio de 1918 — não vacillamos em dizer que a revolução maximalista era uma das diversas formas que tomaria o programma democratico com que Wilson havia ennobrecido a causa dos alliados.

Referindo-nos á lucta secular entre *ideias velhas* e *ideias novas*, chegamos a falar da guerra que assignalava "um momento critico da lucta entre um mundo moral que nasce e um mundo moral que chega ao seu 'occaso'".

"Considero um dever de lealdade — dissemos então — repetir que minhas sympathias na grande contenda não podem ser pelo Kaiser que toda hora fala em nome do direito divino e invoca para seus exercitos a protecção de Deus, como na Idade Media; minhas sympathias acompanham a esse presidente yankee que interveiu na guerra em nome da democracia e do direito, não para estender ao mundo o dominio de seu povo, mas para semear a todos os povos do mundo os ideaes que têm cimentado a felicidade delle proprio. Minhas sympathias não podem ser pelo governo da Austria, symbolo consagrado do obscurantismo e do espirito feudal; não podem ser pelo governo da Turquia, que por seculos e seculos tem sido a mancha negra da civilisação europea. Nem podem ser, enfim, por esse monarcha ficticio que do Vaticano tece incessantemente sua toia de aranha subtil ao serviço dos Imperadores de direito divino, sem ter encontrado, todavia, a palavra de excommunhão definitiva contra todos aquelles que semeiam no mun-

do a consternação e o extermínio.

"Minhas sympathias são pela França, pela Belgica, pela Italia, pelos Estados Unidos, porque essas nacionalidades estão mais próximas dos ideaes novos e mais divorçadas dos ideaes velhos. Minhas sympathias, enfim, estão com a revolução russa, com a de Kerensky, com a de Lenine, com a de Trotsky; com elles, apesar de seus erros; com elles, ainda que suas consequências tenham sido por um momento favoráveis à causa dos ideaes velhos; e creio que a palavra mais nobre e mais leal, pronunciada desde o principio da presente guerra, é a palavra de solidariedade com que o presidente Wilson saudou o triumpho dos revolucionarios russos, vendo em seus actos uma expressão inequivoca dos ideaes que foram a bandeira da humanidade no seculo XIX e que esperam uma realisação crescente na em que vivemos".

Creemos, e dissemos, que esse não era o ponto de vista dos que encaravam a guerra como um simples problema politico ou militar; dissemos que elles não pensavam em vencer o passado e favorecer o futuro; dissemos que a outra guerra, a de principios, a de ideaes, seria independente do resultado a que se chegara nos campos de batalha; dissemos que em todas as nações, nas vencidas antes, mas depois nas vencedoras, assistiríamos ao florescimento de novas ideaes democraticas; dissemos que os governos concediam aos povos todas as liberdades e franquias que estes haviam pago com seu sangue, ou os povos se decidiram a varrer os ultimos restos do imperialismo e do privilegio; criamos, enfim, e tambem o dissemos que ao terminar a guerra feral dos governos, começará a guerra civilisadora dos povos!

Pronunciamos essas palavras nos momentos em que parecia mais formidável a capacidade offensiva dos exercitos allemães; porém, ganhassem ou perdessem, o que viria depois seria o mesmo em toda parte "primeiro nas nações vencidas, depois tambem nas vencedoras".

Era logico pensar assim e os factos parecem justificar essa opinião. Constatava-nos que uma das grandes tarefas dos revolucionarios russos tinha sido provocar movimentos analogos em toda a Europa; ainda que os imperios centraes o occultassem, tinha-se noticia de agitações graves na Alemanha, Austria, Polonia e Hungria; ainda que o calasso o cabo alliado, sabia-se que factos semelhantes tinham occorrido na França, na Inglaterra e na Italia. E

não se ignorava, enfim, que o movimento florescia em paizes neutros, como a Hollanda, a Suecia e a Dinamarca, e que na Suissa se tinha dado nas ruas de Zurich uma verdadeira batalha de artilharia, com centenas de mortos e feridos, entre o soviet maximalista e as tropas federaes...

Não se tratava pois, de meras hypotheseas, mas de informações exactas em seu conjunto, ainda que não pudessem precisar-se em seus pormenores.

Entretanto, de 5 a 10 de Julho de 1918, ao reunir-se em Moscou o V congresso pan-russo dos sovietes e dava aos povos emancipados um Estatuto Constitucional; toda a pessoa culta que o tenha lido reconhece que elle, com toda a sua noidez de fructo primeirico, abre um capitulo na philosophia do direito politico; imprime caracteres novos ao systema republicano federal e põe directamente em mãos do povo a soberania do estado; nacionaliza os fundos territoriaes e as grandes fontes da produção; suprime a divisão da sociedade em classes e converte em produtoras as ociosas; e além disso, para synthetizar, consagra quasi todas as reformas que desde ha meio seculo constituíram a aspiração dos partidos radicaes e socialistas.

Este regimen dura desde ha um anno e a imprensa russa opposicionista não faz criticas mais graves que as usuaes contra qualquer dos governos precedentes. Quanto à Constituição, devemos encará-la como um primeiro tactear inseguro rumo ao porvir, experiencia que não é licito julgar em conjunto sem levar em conta as condições particulares do meio social a que está destinada.

A REVOLUÇÃO ALLEMÃ

Estava neste ponto o processo revolucionario russo quando se produziu a derrubada da autocracia allemã, convencendo a seu povo que as relações entre o Kaiser e Deus eram uma de tantas forças com que os maliciosos enganam os tolos. A victoria dos alliaados provocou na Alemanha e na Austria a esperada revolução; ha tres semanas que a bandeira vermelha flameja nos castellos imperiaes e que o poder passou para as mãos dos revolucionarios.

Que echo têm tido esses acontecimentos nos demais paizes europeus? Julgando-nos por uma informação parcial, a unica que até hoje temos, é visível que no primeiro momento da crise os governos exaggeraram o caracter ma-

ximalista dos successos, olhando-os como uma consagração de sua victoria militar. Mas bem cedo as intimações se tornaram tranquillizadoras e querem dar a impressão de que a mudança de regimen se operou sem os caracteres explicitos de uma verdadeira revolução social.

É verosimil que o povo allemão, mais disciplinado que o russo, tenha sido capaz de executar até agora a sua revolução com certa ordem; mas não devemos excluir que os governantes vencidos podem consentir-a como uma força necessaria para illudir o cumprimento de algumas condições reclamadas pelos vencedores. Inclina-nos a desconfiar dos revolucionarios allemães a inesperada sympathia que manifestam pelo maximalismo alguns impudicos germanophilos que até ha um mez adoravam o Káiser e hoje sorriem de felicidade sob o barrete phrygio...

Não nos equivocemos. A crise revolucionaria allemã está em seu primeiro periodo, como a russa nos tempos de Kerensky; é crível que cedo serão desalojados do poder os suspeitos e virão homens que por seus principios provados constituam uma garantia de lealdade para proprios e extranhos. Quando tal occorra, não é difficil que a excitação maximalista, definida já na Suíça, na Hollanda, na Suecia e na Dinamarca, se pronuncie abertamente na França, na Italia, na Belgica, na Polonia e na Inglaterra, se é que não tenha começado nos povos e o cal e o cabo manejado pelos governos.

Credo, firmemente, que a paz definitiva não será firmada pelos actuaes governantes; dentro de poucas semanas ou de poucos mezes, quasi todos os governos europeus terão passado a outras mãos, livres para preparar uma paz cimentada em aspirações distinctas das que mareavam os dirigentes da guerra. Aquella paz de Stockolmo que foi obstada pela vaidade dos governos, seria, provavelmente, imposta ao mundo pela cordura dos povos.

AS ASPIRAÇÕES MAXIMALISTAS

Sem muitos dons propheticos se pode prever que agora virá o que desde antes da guerra se considerava como sua consequencia: uma transformação profunda das instituições em todos os países europeus e nos que vivem em relações com elles. Isso, somente isso, merece o nome de Revolução Social — com maiusculas — e não as passageiras desordens e violencias que a acompanharão.

O resultado final será um bem

para a humanidade, como o da precedente Revolução Francesa; porém muitos de seus episodios serão, sem duvida, desagradaveis no momento de occorrerem. As revoluções nisto se parecem com certas medicinas, ao oleo de castor, por exemplo; no acto de tomar o produz desgosto e nausea, mas depois faz bens muito grandes sobre o organismo, depurando-o de seus residuos inuteis e nocivos.

O momento historico actual é dos que se produzem uma vez em cada seculo, determinando uma attitudé geral favoravel a toda iniciativa renovadora: o **maximalismo é a aspiração de realisar o maximo de reformas possiveis dentro de essa sociedade tendo em conta suas condições particulares**. Não pode concretisar-se em uma formula unica, sendo antes uma attitudé que um programma. Não é legitimo pensar que as nações civilizadas gerarão enalar as innovações discutidas desde ha meio seculo? Muitas dellas não se têm já experimentado nestes annos de guerra sem que ninguém pense em voltar atrás? Que maior oportunidade para effectuar tão generosa experiencia? Longe de nos inspirar o menor receio, o maximalismo deve considerar-se como um desenvolvimento integral do minimalismo democratico enunciado por Wilson.

Conhecemos a objecção dos espiritos tímidos; ha varios mezes que a ouvimos. Dizem que o maximalismo se propõe simplesmente a matar e aniquilar a todos os que possuem alguma coisa, em beneficio dos que não têm nada, como certos conservadores hespanhes que, entretanto, chamam a republica a **repurridora** e a seus partidarios **cannibais**, sem suspellar que receberão seus beneficios muito antes do que creem...

Não cabremos no paradoxo de affirmar que a revolução social a que assistimos tem por objecto favorecer os ricos contra os pobres... Cremos ao contrario que as aspirações maximalistas serão muy distinctas em cada país, tanto em seus methodos como em seus fins. Parece-nos natural, por exemplo, que se nacionalisem os imueis dos "atrindidos" da Russia, mas acreditamos que esse problema não se patenteará na Suíça ou na Belgica, onde a propriedade agraria está já muito subdividida nas mãos dos mesmos que trabalham. Explicamo-nos a liberdade das igrejas dentro dos catados quando pela sua organização ellas não constituam um perigo social, mas cremos provavel em outros casos a nacionaliação de todas as

igrejas e seu **controle** uniforme pelo Estado. Acharnos possível que em povos muito civilizados os municípios sejam a célula fundamental de federações livres ~~mas~~ em villarejos atrazados e rotineiros a mudança de regimen só podera ser estabelecida sob legitimo influxo dos mais adiantados e progressistas.

Esses exemplos muito facéis de comprehender, permitem-nos fixar este conceito geral: as aspirações maximalistas serão necessariamente distintas em cada país, em cada região, em cada município, adaptando-se a seu ambiente physico, a suas fontes de produção, a seu nível de cultura, e ainda a particular psychologia de seus habitantes.

Não haverá um maximalismo uniforme e universal, mas tantos programmas maximalistas quantos são os nucleos sociologicos que recebem o benefico influxo da presente revolução social.

EXPANSÃO NA AMERICA

Que interesse têm estas reflexões para os habitantes da America? Se aqui não houve guerra — dir-se-á — não ha razão para desejar ou temer que nos alcance a revolução social que é sua consequência.

Quem tal diz ignora a historia, carece de consciencia historica, esquece que todos os movimentos politicos e sociais europeus têm repercutido na America, em proporção exacta desse grau de europeização que são chamar-se civilização. É indubitavel que os indios residentes entre os Andes e as nascentes do Amazonas, não sentirão os resultados da guerra; provavelmente ignoram que existiu uma guerra europeia, na improvavel supposição de que conheçam a existencia da Europa.

Mas em todos os países que nasceram de colonização europeia, desde o Alaska até o estreito magalhânico, o que na Europa acontece terá um echo tanto maior quanto maior for seu nível de civilização. Nesse destino, iniludível, como dizia Sarmiento, é "revelar-nos com a Europa", e a experiencia do ultimo século demonstra que lá não tem apparecido um invento mechanico, uma lei politica, uma doutrina philosophica, sem que tenha tido applicação ou resonancia neste continente. Emquanto na Europa se desenvolve a actual revolução social já iniciada, aqui participaremos de suas inquietações primarias e de seus beneficos depósitos. Inquietações enquanto se subvertem

as instituições existentes para provar outras novas; beneficos quando por simples selecção natural se enraizem os úteis e desappareçam os nocivos. A experiencia social não pede conselho aos conservadores espantadicos, nem presta ouvidos aos optimistas illudidos; em cada lugar e tempo se realiza todo o necessario e fraccassa todo o impossivel. Não seria absurdo cortar as asas, antecipadamente, aos idealistas que pedem o mais? Se só conseguirão o menos, não seria em bem de todos os que anhelam um augmento de justiça na humanidade?

Os resultados beneficos desta grande crise historica dependerão, em cada povo, da intensidade com que se definam em sua consciencia collectiva as aspirações maximalistas. E essa consciencia só pode formar-se em uma parte da sociedade, nos jovens, nos innovadores, nos opprimidos, pois são elles a minoria pensante e actualmente de toda a sociedade, os únicos capazes de comprehender e amar o porvir. Exaggerarão as suas ideias ou suas aspirações? Seguramente; não é indispensavel que as exaggerem para compensar o peso morto que representam os velhos, os rotineiros e os satisfeitos?

COMO VIRA?

Alguns curiosos desejarão, sem duvida, saber de que maneira se desenvolverá esta revolução social em que todos somos actores a testemunhas. A resposta, naturalmente hypothetica, obriga a precisar o termo basico da pergunta. Uma revolução social é um largo processo historico, composto de preparativos, resistencias, crises, reacções, depois das quaes se chega a um estado de equilibrio distincto do precedente.

A revolução a que assistimos começou ha muitos annos; a guerra a fez entrar no periodo critico; seguir-se-ão muitos impulsos e restaurações de tudo isso, dentro de um ou vinte annos, segundo os países, resultará um novo regimen democratico que oscillará entre os ideaes minimalistas enunciados por Wilson e os ideaes maximalistas formulados pelos revolucionarios russos.

Se os homens fossem illustrados e razoaveis, seria muito bonito que se puzessem de accordo para navegar juntos em favor da corrente, com boa vontade e coragem optimistas, decididos a ir tão longe quanto se pudesse, em bem de todos. Essa hypothese, com ser

tão agradável, parece-nos a mais absurda.

Não é tão pensar que alguns governos inteligentes, entre os muitos que se revezarão com frequência em cada país, poderão dar salutares golpes de timão e metter prôa rumo do porto feliz das aspirações legítimas, pensando malia em construir o futuro que em defender o passado.

Onde tal não aconteça, a transformação se fará irregularmente, por commoções, como producto de choques, com violências inevitáveis e repressões cruéis; os excessos dos revolucionarios e dos restauradores determinarão uma resultante final, que realisarã, appproximadamente, o maximo possível das aspirações que tenha cada povo ao começar a phaze critica de seu ciclo revolucionario.

Que fazer, pois, ante as aspirações maximalistas? Depende. Os que tenham anhelos de mais justiça, para si ou para seus filhos, podem saúdál-os com sympathia; os que não crêem que podem beneficiál-os, devem recebê-las sem medo. Isso é essencial: serem optimistas e não temer o inevitável. Quando chega, na medida que deva chegar, ao causarã damnos graves aos que pretenderem torcer o curso da historia e aos espantadicos; a rotina fará victimas, porque é causa de medo, e o medo tem engendrado os maiores males de que tem memoria a humanidade.

O desenvolvimento desta revolução não incommodará a quem a espere como a cousa mais natural, anticipando-se-lhe preparando-a, como alliados navegantes que ajustam as velas ao ritmo do vento, recordando as palavras de Maximo Gorky:

"Só são homens os que se atrevem a encarar de frente o Sol."

Novembro de 1918.

A REACÇÃO DA CULTURA

"A cruzada anti-poetica é um facto". — Constatou-o Amadeu Amaral. E é, tristemente, a caracteristica do rastejar em que vivemos, na sociedade, na politica, na arte... Porque — não se contesta — rastejamos. Só o movimento nacionalista, allás não já ensaio, mas definijã e incoercível corrente da ideas e aspirações, assignala o inicio de uma reacção de cultura, que afinal vencerá. Afóra elle, attente-

mos em nós mesmos. O aventureiro, na sociedade; na politica, o chefe; o revisteiro, no theatro; no parlamento... o neerologista; no jornalismo, o reporter — eis os nossos typos, a cuja bitola excepções raras escapam.

Não se produz, falsifica-se. Não se negocela, explora-se. Não se legisla, decreta-se. Não se falla nem se discute, vota-se. Não se commenta, informa-se.

E' que a mania yankee, individualisando ao extremo a ideia, o campanario, sobre os destroços da Nação, oppoz á palavra o facto, á ideia a inconsciencia, á causa o effeito e noa achatou de vez. Res, non verba... é a phrase do dia. A nação instituto de aurdos-mudos — o ideal que ha cincoenta annos nos pré-gam.

Ruiu, assim, tudo o que levemente cheirasse a intellectualismo. Chismada de verborrêa, calou-se a palavra, vehiculo unico do pensamento. O Brasil não teve uma ideia. Teve factos. O maior livro da epocha nasceu de um facto — e que facto! — a campanha de Canudos... Impe-ra a realidade... Tresandamos á materialidade...

Essa, a psychologia de uma epocha que ainda é a nossa. Somos assim na sociedade e na politica. Nunca Taine houve tanta razão: — somol-o tambem na arte. Naquellas, os praticos, os não-preparados; nesta, os anti-poeticos...

Desapparece da scena a aristocracia do talento. Porque permanecerá nella a nobreza da poesia, a aristocracia do verso?... Fôra!

Entretanto, as razões allegadas pelos que, conscientemente, acivam a obra dos tempos?

Duas, talvez: — a inferioridade do genero; o numero illimitado dos poetas...

Inferior, porque primitivo, é o verso. O homem nasceu e cantou,

então o estribilho, rimou. A rima é o estigma... Todavia, o homem nasceu e philosophou. Considerou o que via, imaginou o que não via e a seu modo explicou o mundo e methodizou a vida. No entanto, não estigmas, porém, galardões, são o raciocínio e o methodo...

Ora, cotejem-se philosophia priméva, religião do medo e poesia primitiva, "tantan" africano... Tão inferior e antiga uma como outra, por pensarmos e philosopharmos hoje, nem por isso deixemos de poetar.

Ademais, quando se é de S. Paulo, não se comprehende a segunda razão apontada.

Desde os tempos coloniaes somos raça, sub-raça, familia, ou o quer que seja, positivamente definida entre as gentes brasileiras. Res, non verba — foi a divisa do bandeirante, que tanto fez o nada escreveu nem cantou. Quaes os nossos innumerados poetas? Claudio Manoel, de ascendencia paulletana, é mineiro. Alvarés de Azevedo, si nasceu em S. Paulo, provem de fluminenses. Restam-nos dois: — José Bonifacio, Paulo Eiró... Ao todo, quatro vates duvidosos constituem o nosso cabedal poetico: — este, que desconhecemos; aquelle, que esquecemos e perdemos; um, que o acaso nos deu; outro, que o mesmo acaso nos subtrahiu.

Decididamente, é pouco. E a verdade é que, si nossa cultura é real, poucas provas tem dado de si, fóra da esphera material. Nossos poetas são raros. Rarissimos, os escriptores. Outrora, dois chronistas — Frei Gaspar e Pedro Taques. Depois... Alexandre de Gusmão, portuguezado, os Andradas, talvez.

Em nós, de feito, predomina esse genio da acção ora apregoadado como novo. Si ao Brasil elle se recommenda, a S. Paulo impõe-se a reacção culta. Havemos de estudar, pensar e falar, si quizermos valer-nos. Ora, o amor á poesia é um começo de illustração, um anelão para a cultu-

ra, uma revolta contra a chateza do ambiente. Quem lê ou quem escreve varoa sabe lêr e, pelo menos, quer pensar e quer falar. A humanidade começou pela poesia: — começa por ella o individuo.

Si ha uma cruzada a emprender-se, emprehendamos antes a outra: — "Verba, verba, non res..." para que, com verdade, se diga — "Non ducor, duco!"

(BRENNO FERRAZ. Da "Cigarra". S. Paulo)

CYRANO DE BERGERAC

Até 28 de dezembro de 1897 — a estrepitosa noite da Porte Saint-Martin, universalizada em ovacões infundáveis — Cyrano de Bergerac apenas conhecera, numificando litterariamente, a notoriedade sepulchral dos versos de Boileau.

Do esquecimento funebre, porém, nessa longínqua noite de 28 de dezembro de 1897, resurgiu o intrepido Cyrano de Bergerac, para não mais tornar ao sepulchro. A poesia sobredourada pelo borboteio da comedia heroica de Rostand, erguia-se, animava-se, diffundindo outra vitalidade, outra luz, outro encanto, no theatro e na historia.

Porque a reconstituição historica do semblante e do character de Cyrano é um milagre até hoje pouco celebrado pelos adoradores de Rostand, mas decerto irrealizavel na moderna poesia theatral, se os dramas psychologicamente verdadeiros e scenographicamente poderosos de Schiller, como *Guilherme Tell*, *Maria Stuart* e *Wallenstein*, forem exceptuados. Desde o seu promontório nasal até ao seu odio contra o volumoso e fastidioso actor Monfleury, todos os pormenores da mascara e todos os episodios da acção reproduzem a verdade biographica, de modo tal que, entre a biographia e a comedia, uma similitude harmoniosa prepondera, coordenando os gestos e

victorioso, na cavalgata de som-
bras para a Morte; e a perseve-
rança inquebrantável do lidador
até ao fim, assediado pelos ini-
migos estúpidos que se o vulne-
ram, não o derrubam: **je me bats,**
je me bats, je me bats...

D. Quixote deslumbrava assim
o materialismo dos vassallos de
Sancho Pança, na Ilha de Bara-
taria onde regamos as nossas con-
ves. Mas a divina sedução foi a
que envolveu e enfeitou o artis-
ta-evocador de Cyrano, ah! por
dante acorrentado á flamma des-
sa literatura entre belicosa e sen-
timental, profundamente gauleza:
tres annos depois, o mesmo pen-
nacho estremece com a lenda na-
poleonica, no theatro Sarah Ber-
nhardt, sobre as miragens que
perturbam *L'aiglon*, a sua melan-
colla e a sua impotencia, desde a
leitura de Lamartine á planície
de Wagram, onde os mortos se
queixam e as Victorias galopam;
treze annos depois, refulge a cris-
ta de *Chantecler* no mesmo valor
empunçado, e o canto matri-
nal do gallo de França, desper-
tando o sol, tem a arrogancia e
a estridencia das mesmas fanfar-
ronadas immortaes:

*Je recule,
Ebloui de me voir moi-même tout
[vermeil,
Et d'avoir, moi, le coq, fait lever
[le soleil!]*

Assim a França recuou, mas
para o Marne, vibrante de luz e
coragem, Edmond Rostand não
morreu sem ter visto essa manhã
illusoria do sonho gaulez conver-
tida em realidade flammante. Pur-
pureado mais uma vez de sangue
e de gloria, *Chantecler* faz levan-
tar-se outro sol, aquecendo o es-
paço que elle sonorisa com a
energia do seu canto, avermelhan-
do a terra que elle revolve com o
orgulho dos seus esporões; mais
uma vez, a França retoma o pen-
nacho de Cyrano — emblema do
cavalheirismo, da temeridade, do
sacrificio — e vence na historia
como nenhum povo lograra ainda
vencer. Das terras de Gasconha,

por maravilhosa coincidência, é
que lhe renasce o antigo genio
marcial, para investir, subjugar
as avalanches barbaras. E a se-
gunda edição do Marne actualiza
inictamente o feito da Porta de
Nesle — um homem contra cem.
— (Celso Vieira — O Paiz, Rio,
6-12-18).

O ARSENICO E A HYGIENE DA MESA

Não podemos absolutamente
viver sem o auxilio do arsenico.
Faz elle parte integrante capi-
tal dos nucleos das cellulas or-
ganicas; é elle que protege os
nossos tecidos; é elle que prom-
ove activamente a formação dos
globulos vermelhos e dos globu-
los brancos do nosso sangue; é
elle que faz do nosso sangue um
meio bactericida, altamente im-
proprio para permittir a prolife-
ração dos microbios pathogeni-
cos. Mesmo fóra dos dominios do
genio epidemico precisamos man-
ter o nosso sangue em condições
de resistir efficazmente ás inva-
sões microbianas. No estado nor-
mal o arsenico é a potente cou-
raça, que põe o nosso organismo
ao abrigo de todos os ataques de
surpresa.

O illustre professor Widal, de
Pariz, observou e demonstrou,
no caso de uma moça chlorotica,
que o numero dos globulos ver-
melhos elevava-se, em algumas
horas, de 1.178.000 a 2.821.000
depois da injeção hypodermica
de cacodylate de soda. E o pro-
fessor Bearedka observou o mes-
mo augmento para os globulos
brancos.

O eminente professor de chi-
mica organica de Pariz, o dr.
Armand Gautier, retirou do cor-
po thyroide normal nucleinas ar-
senicaes. Já, alguns annos antes,
outros chimicos notavela haviam
demonstrado a grande riqueza
do figado normal em arsenico.

E, a proposito, e para bem
frisar a materia será convenien-

as rimas, os sentimentos e as metaphoras; a natureza e a arte. Se a idealização genética de William Shakespeare, instruído por algumas páginas do amável e edificante Plutarcho, deu à literatura um Julio Cesar **como devia ser**, na vida interior e exterior, o meticoloso trabalho de Rostand esculpiu um Cyrano **como era**, idêntico a si mesmo, reaparecendo no palco da Porta Saint Martin para se reeditar humanamente, desferir golpes e versos irresistíveis, sob o longo pennacho. Diríamos que até a scintillante contribuição imaginativa, dando um prestígio de amor secreto a esse D. Quixote de Perigord, lhe resalta da própria turbulência e da própria moedade eletrizada em faúlhas e tropos lyricos. Mas nada é tão admirável, por isso mesmo, quanto a espontaneidade, a viveza, o frescor, o perfume de seiva, o impeto de nascente, o lampejo de auro-ra, que a poesia emanada ao real conserva e propaga. Só o genio francez, emoldurando na sua medida impecável toda a sua magia, renova semelhantes prodígios.

O mundo intellectual, por essas alturas de 1897, andava positivamente enfiado, no romance e no theatro, daquelle naturalismo suspeito que, desnaturandose, quasi em rabelaisianismo tanto abusava do mediocre, do vicioso, do torpe. No scenario da Porta Saint-Martin fulgurou, então, com o **Cyrano de Bergerac**, uma estrella bem conhecida e bem festejada, a velha estrella romantica de 1830, que annunciava Hugo e as suas pompas. Meio seculo de nuvens e chacotas, pesando sobre o romantismo, não lhe havia desportado o curso ethereo. E adorámos o idolo renascido em todas as linguas occidentaes.

Nem o proprio Victor Hugo triumphara com essa magestade e esse apparato, soprando alexan-

drinos tempestuosos na sua caverna eolia. Esquadrinhando um paralelo, a critica franceza remontava no **Figaro**, de Beaumarchais, e o jovial **Figaro** empallidecia, ao defrontar **Cyrano**. Por certo, nas Gallias e fóra dellas, produzira esplendidamente o genio humano, antes da comedia heroica de Rostand, obras literarias tão perfectas e graciosas, pelo menos, quanto as balladas do cadete de Gasconha, mas nunca se estabelecera, em torno de obra litteraria, igual corrente magnetica, generalizando o enthusiasmo e a admiração. Os traductores enxa-meavam, mesmo na lingua portugueza, em que nos ufanamos da traducção de Carlos Porto Carrero, e era commovedor o esforço de todos elles para trasladar o signal graphico e roseo, com que o beijo de Christiano e Roxane se imprime no verso famoso:

Un point rose qu'on met sur l'i
[du verbe almer

O ideal que caihavamos sobre os figurinos de Paris, ha vinte annos, era pessoalmente Bergerac, sem o nariz atravancador. Era o typo moral da sua independencia, da sua attivez, da sua dedicacão — um gesto que atira a bolsa ao mercantilismo e desdenha as horas de fome; a replica ponteguda, corrosante, subtil, confundindo os imbecis da luhagem de Valvert; o amor-sacrificio, o amor-castidade, o amor-lyrio do valle, a florir entre plumas de mosqueteiros e durindanas de trancarruas; na guerra ou na paz, de sol a sol, o brago forte, a espada prompta, o golpe certo; um desafio sonoro a toda uma platêa resmoneadora de preconceitos, simulações, misérias d'alma, que applaudem o tartafismo e consagram a nullidade; o encolher de hombros nunca vergados ao sobrececho dos poderosos, o desfranzir de labios sardonicos á propria carranca de Jupiter, o ondear do pennacho sem mancha.



te lembrar um episódio histórico, que põe em plena luz a grande importância e o alcance social das modernas aquisições da química orgânica.

Não vão ainda muito longe os tempos em que a nossa ciência química não conhecia como fazendo parte integrante dos nossos tecidos senão quatorze elementos e nesse numero não figurava o arsenico. Por outro lado, nesses tristes tempos, era muito frequente o emprego do arsenico como o agente mais seguro para a perpetração de envenenamentos homicidas. Até hoje perdura na imaginação das populações do sul da Europa o quadro de terror, que causava o veneno dos Borgias, bem como a famosa "acqua Toffana": era simplesmente o acido arsenioso, que constituia a base desses toxicos.

Era natural a intensa preocupação dos chimicos procuranc o processo de analyse rapidos e seguros, de modo a não deixar passar impunes os crimes de envenenamento pelo arsenico. Com razão foi saudada como uma descoberta sensacional a do aparelho de Marsh, que permite revelar nas visceras do assassinado quantidades infinitesimais de arsenico. Foi precisamente nesse momento que se deu o celebre processo de madame Laffarge, processo para sempre memoravel em que uma virtuosa senhora era accusada de ter assassinado o seu marido empregando para isso o arsenico. Era então professor de medicina legal, em Pariz, e medico legista official, o grande Orfila. Graças á sua eloquencia, graças sobretudo á admiravel perfeição do novo aparelho, foi-lhe facil demonstrar, em pleno tribunal e á vista dos jurados consternados, com um pedaço de figado, a presença palpavel do arsenico criminoso. Debalde a infeliz accusada, em desespero, banhada em lagrimas,

protestava a sua innocencia. Nada valeu contra a immisericordiosa accusação da sciencia implente. Madame Laffarge foi condemnada á morte e executada em Pariz!... Poucos annos depois, a sciencia chimica adulta descobria que no estado planamente normal, em todos os figados, existe o arsenico nas proporções que o aparelho de Marsh revelara;... e que, portanto, um monstruoso assassinato juridico havia sido cometido!... A culpa não foi dos juizes, foi principalmente de Orfila, que personificava uma sciencia incompleta. E' sempre assim. E' sempre a nossa ignorancia que está por detrás de todos os actos precipitados da nossa conducta:

Que a barbara condemnación sirva ao menos de aviso aos meus leitores para não esquecerem que no estado normal temos e precisamos ter no nosso organismo, mais especialmente no nosso figado e na nossa glandula thyroide, a proporção de arsenico indispensavel para o bom funcionamento de todos os nossos organos.

Já indiquei que o arsenico normalmente existente no nosso organismo é o que introduzimos todos os dias nas nossas refeições com o sal grosso, não refinado, de cozinha. E' como impureza do sal que o recebemos, do mesmo modo que em identico caracter recebemos o lodo e o magnesio. As nossas donas de casa não devem, portanto, consentir que em suas cozinhas figure outro sal a não ser o sal grosso, ligeiramente esverdeado, "não refinado"; é apenas toleravel na mesa a presença do sal refinado como supplemento mais elegante. Tudo é relativo. A "impureza" é de rigor na hygiene da mesa. Os que fizerem uso interrupto do sal puro tanto na cozinha como na mesa arriscam-se a ter um sangue impuro. O can-

cro, o implacável cancro especialmente é a ameaça permanente da velhice. E' o arsenico que faz o esplendor da mocidade; é elle que rejuvenesce os velhos alongando-lhes indefinidamente os dias. Couraçar a velhice contra os perigos do cancro deve ser a preocupação constante do hygienista. A chimica organica nos informa que a velhice se caracteriza pela invasão avassalladora dos saes calcareos. E' a cal que soffoca as mais nobres funções vitaes. Para neutralisar ou contrabalançar a fatal invasão só podemos pôr em jogo a actividade do nosso aparelho glandular, das glandulas de secreção interna especialmente como a thyroide. Ora, essas glandulas não podem funcionar activamente se não tiverem á sua disposição a quantidade sufficiente de arsenico. As differentes funções do organismo taes como a digestão, a circulação, a respiração e a nutrição attingem o seu mais alto grau de perfeição quando estimuladas pela espórra do arsenico. Reflorescem na velhice a hematóse e a assimilação, quando cuidadosamente entretida por doses infinitesimaes, mas constantes, de arsenico sob qualquer forma.

E' sabido que de tempos immemoriaes toda a população do Tyrol faz uso constante do arsenico. Pretendem os habitantes que sem o arsenico não poderiam aguentar as repetidas subidas e descidas diarias das altas montanhas do paiz e o que é facto é que toda essa vigorosa gente parece não conhecer o que seja a fadiga muscular. Incontestavelmente o uso prolongado do arsenico traz um acrescimo de força e de resistencia ao cansaço.

Sabemos mais que os negociantes de animaes, para melhor impingir aos incautos os cavallos velhos arrebitados, submettem-nos durante algum tempo

a um tratamento arsenical intensivo.

Graças ao energico poder reconstituinte do arsenico os animaes não tardam em apresentar todas as apparencias da juventude, relinchar alegre, calor, vivacidade, abundante saliva espumante ao morder o bocal do freio. O ingenuo comprador, que nada suspeita da artimanha, não continua naturalmente o tratamento arsenical: e dentro em breve o fogoso ginete está totalmente transformado em um cambaleante e desbrilhado punga. Só resta á misera victima da capadocagem o consolo de exclamar com o poeta:

Ces superbes coursiers qu'on
(voyait autrefois
Pleins d'un noble ardeur obéir á
(sa voix,
L'oeil morne maintenat et la tête
balaisée
Semblaient se conformer á sa
(triste pensée

Da pratica consummada do ardil o leitor não deixará de tirar uma util conclusão: é que o uso do arsenico não deve limitar-se a algumas semanas ou mesmo alguns mezes, mas sim, prolongar-se por todo o decurso da vida. Para este fim, ahí está em primeiro logar o importante papel das nossas cozinheiras, que podem a capricho dar-nos vida longa ou vida curta, conforme lhes aprouver empregar em seus temperos o sal refinado ou o sal grosso não refinado. Está nas mãos da cozinheira o principal segredo de uma velhice sadia. (Dr. L. P. Barretto — O Estado de S. Paulo, S. Paulo).

O CAFE' BRASILEIRO NOS ESTADOS UNIDOS

A proposito do principal artigo do commercio de S. Paulo, nos Estados Unidos, pôde-se acentuar como é formidável a propaganda dos seus succedaneos—

o "Postum" e o "Jaffee". Só o primeiro despende por anno em publicidade um milhão de dollars. E é uma publicidade bem feita, porque chega quasi a ser impossível andar meia hora em New-York, em qualquer direcção, sem achar um cartaz do "Postum" ou um cartaz do "Jaffee".

— Que gosto têm essas bebidas?

— E' uma questão que não vale a pena discutir, porque precisamente diz o rifão: "o que é do gosto regala a vida". Os bebedores de café têm a convicção de que elle é uma bebida deliciosa e quem o prova nunca mais o dispensa.

Por mim, com a profunda competência que me dá o facto de não entender nada do assumpto e nem ao menos beber café, eu acho o commercio deste absolutamente destituido de intelligencia.

O café é exportado para o estrangeiro em grão. No estrangeiro é que o separam, o torram e o moem ou britam (aqui se aprecia muito o café, não moído mas quebrado em pedacinhos muito pequenos).

Primeira pergunta: porque não se faz tudo isso no proprio Brasil? Si o café pudesse servir no estrangeiro para qualquer outra coisa além de ser bebido, compreende-se que fosse exportado tal qual. Mas si elle deve forçosamente soffrer taes e quaes operações, que dariam mais serviço aos nossos patricios, porque não effectuar logo essas operações? Esse modo de agir teria entre outras a vantagem de economisar espaço nos navios, que o têm de transportar para o estrangeiro.

Mas ainda isso não seria o ideal. Por que não lhe extrair a essencia para exportar-a, ou liquida, ou incorporada em açúcar, em comprimidos?

Eu sei que se tem tentado tu-

do isso, sem grande successo. E alguns apreciadores do café dizem, com os olhos com extazia, que é impossível extrair a essencia dessa bebida divina. Tofice! Pois si se extraem as essencias das flôres mais delicadas! A verdade é que não se tem pensado nisso seriamente. A rotina tem feito a maior opposição a essas ideias.

O resultado é que o café tem inconvenientes enormes. A sua exportação exige um espaço vastissimo e inutil. Figurem um sujeito que exportasse grossos troncos de madeira — de madeira muito ruim, absolutamente imprestavel, de que só se aproveitasse a cortiça. Esse homem se desolava, porque não havia bastantes navios para carregalhe os enormes troncos, — troncos de que no estrangeiro se tirava apenas a casca, pondo o resto fora. Um fazendeiro de café o interpellou:

— Por que v. não separa aqui mesmo a casca da arvore e exporta-a sem os troncos?

O interlocutor lhe respondeu:

— Aprendi o seu systema. Tambem v. vive a exportar para fora o café em grão; quando o podia torrar e moer aqui mesmo ou, melhor ainda, reduzi-lo a um extracto, a uma essencia. E isso demandaria apenas para ser exportação a centesima parte do espaço. Talvez menos.

De mais, na sua luta com o chá e com os seus varios succedaneos, o café tem o grave inconveniente das manipulações que exige. O chá se prepara elegantemente, despejando um pouco de agua fervendo sobre algumas folhas. E' uma operação de sala de visitas, que, de facto, nellas se faz correntemente. O café se prepara com uma operação de cozinha: um pó preto sobre o qual se põe a agua a ferver e que é preciso deixar coar. A's vezes, o coamento não se faz depressa.

De todo modo, fica no fundo uma bôrra feia, negra.

Os que estão habituados não veem nada de estranho nisso. Mas os que podem achar bebidas mais simples preferem-n'as. E' por isso que todos os succedaneos do café — o "Postum", o "Jaffee" e outras — são bebidas que não precisam manipulações complicadas.

— Mas não podem ter o effeito do café!

— No fim de contas, pôde-se dizer que tem... Porque o effeito do café que em geral se toma no estrangeiro é o de uma agua suja mais ou menos quente.

Todos sabem, de facto, que, em geral, por toda parte, o café é muito mal feito. Por causa mesmo da complicação do modo de preparal-o, pouquissimos o preparam bem. O resultado é uma escorrença preta, que, si algum effeito faz, é puramente suggestivo. Qualquer outra agua suja — o "Postum", o "Jaffee" e identicos — dá mais ou menos o mesmo resultado.

— Mas ha estudos de sabios, provando os magnificos effeitos do café!

— E' verdade. Mas, quando os sabios vão fazer essas experiencias, preparam café "de verdade". E não é isso o que bebe a maior parte daquelles que supõem beber café.

— V. diz isso porque não bebe essa deliciosa cousa!

— Eu não a bebo, pelo mesmo motivo porque excluo de minhas refeições os excitantes do systema nervoso; o chá, o alcool, todos os demais. Desde, porém, que se trata de uma grande produção de meu paiz, gostaria que ella tivesse o maximo de successo. Não posso, entretanto, achar intelligente que alguém, que pode extrair a essencia de um pro-

duto, valorisando-o, tornando-o mais facil de manipular, fazendo-o ocupar a centezima parte do espaço que hoje exige a sua exportação, só o exporte bruta-mente para que no estrangeiro se façam as operações que no Brazil mesmo se poderiam fazer.

E' bem claro que toda tentativa para mudar tão arraizada rotina achará a opposição — primeiro, dos que repugnam a tudo o que é novo; — segundo dos interessados no systema actual, desde os exportadores, os proprietarios de navios até as grandes casas estrangeiras, que compram o nosso café.

Ha dias, eu visitei a maior dellas: a casa Arbuckle. E' prodigiosa. Não se pôde querer maior ordem, azeite, perfeição. O café é escolhido, torrado, moído ou britado, encaixotado em pequenas caixinhas de papelão — tudo isso quasi se diria: com uma elegancia admiravel. Nesses armazens de dezenas de andares, que se estendem em Brooklyn por mais de um quilometro, tudo é de uma tal limpeza que uma senhora vestida com as roupas mais finas e mais claras poderia passear por elles sem receio de as sujar.

— Mas eu me limitava, dentro de mim mesmo, a perguntar:

— Por que não se faz tudo isso no meu paiz? Pois não seria mais simples, mais intelligente?

E, ao sair, eu la encontrando a cada passo os annuncios do "Postum" e do "Jaffee". Si o "Postum" gasta um milhão de dollars por anno, em annuncios, é de certo porque ganha pelo menos o dobro. O dobro ou muito mais... (Medeiros e Albuquerque — O Estado de S. Paulo, S. Paulo,

AS CARICATURAS DO MEZ



O OBJECTO MYSTERIOSO

O corajoso — Não se mexam!... Nem um passo; guardem distancia.
E' uma lata de sardinhas ... e ainda tem sardinhas.

(J. Carlos — Careta — Illo).

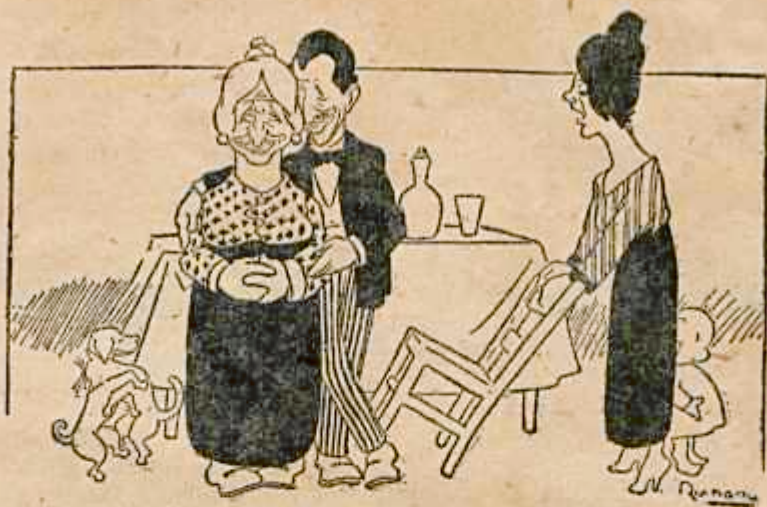


John Bull — Eu sou assim. The right man in the right place.
(J. Carlos — *Careta* — Rio).



Delfim — Ah ! Conselheiro. Isso é mesmo um sacrifício. Que supplício de Tântalo !

(J. Carlos — *Careta* — Rio).



• armistício em família.

(Romano — D. Quixote — Rio).



O gordo — Então, rapaz, estás magro; é por causa da hespanhola ?

O magro — Imagine que aquella diaba deixou-me a semana passada por causa de um turco ...

(Ferrignac — Panoplia — S. Paulo).

INDICE GERAL DO VOLUME IX

N. 33 — 25 de Setembro de 1918

Pequenos cuidados hygienicos, Belisario Penna.	3
O algodão e o futuro do Brasil, Mario Pinto Serva.	19
Luizinha, (comedia), Vicente de Carvalho.	34
Viajando, Martin Francisco	47, 149, 272, 430
Anotações ao livro "Aerides", Othouel Motta	68
Poesias, Lamartine Mendes.	85
Pedro Pichorra, Monteiro Lobato	91
D. Maria de Jesus, Maria Graham.	96
Notas de Sciencia, Roquette Pinto.	99
Bibliographia	103, 217, 362, 483
Resenha do mez	113, 226, 370, 486

N. 34 — 25 de Outubro de 1918

Immigração e Indesejaveis, Brenno Muniz de Souza	133
Ricardo Gonçalves, Heitor de Moraes.	167
Poesias de Ricardo Gonçalves.	179
O Plagio, Monteiro Lobato	194
A Sombra, Pompen Pequeno.	201
Carlyle e a Guerra, Julio de Mesquita Filho.	204

N. 35 — 25 de Novembro de 1918

A Paz, Redacção	245
Outros males, Afrânio Peixoto	249
Poesias, Goffredo Telles e Ronald de Carvalho	295
O que é a Eugénia, Renato Kehl	300
Salão de 1918, Rodrigo Octavio Filho	305
Feitiço contra o feiticeiro, Alberto Faria	311
A Trança, Mario Sette	348
Cartas inéditas, do archivo de José de Alencar	348
A gripe e o seu tratamento, G. do Rêvoredo, R. Meira e Ed. Monteiro	351
Lingua vernacula, Antonio Mauro	360

N. 36 — 25 de Dezembro de 1918

D. Pedro Segundo, Redacção	387
Patria Morta?, Martin Francisco	392
Iniciação literaria, José Maria Bello	398
Do "Cyrano de Bergerac", Ricardo Gonçalves	405
A Rifa, Léo Vaz	409
O Clero Brasileiro, F. Badaró	414
O Imposto Único (Conto), Monteiro Lobato	419
A America e a Guerra, Helle Lobo	447
Impressões de viagem, Porfirio Soares Netto	452
Paiz de ouro e de esmeralda, José Antonio Nogueira	460
rsos —Lezíria—, Lamartine Mendes	467
Um livro nobre, Muelo Leão	471
ltimas palavras de uma nobre consciencia, Alberto Torres	478

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —
Escritório: Largo da Sé, 15
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Tra-
vessa da Sé, 6. Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escritório: Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-
RA — Das Universidades de Ge-
nebra e Munich. — Cirurgia —
Operações — Rua Libero Badaró,
181. Telephone 3492, das 13,30
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica **especialmente das
crianças** — Res.: R. Bella Cintra,
139. Consult.: R. José Bonifacio,
S-A, das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA —
Medico. S. Cruz do Rio Pardo —
S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Pariz.
— Consultas das 9 às 11 e das
14 às 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-

TULOS DE DIVIDA, NESTOR
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escritório: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Te-
lephone 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Títu-
los — Escritório: Travessa do
Commercio, 7. Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
critório: Travessa do Commer-
cio, 5 - Tel. 323 — Res.: R. Al-
buquerque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA — Caixa Pos-
tal 174. End. Teleg. "Leonidas".
S. Paulo. Telephone 626 (Cen-
tral) — Rua Alvarés Pentendo —
S. Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PE-
REIRA BARRETTO — Admissão
aos cursos superiores da Repu-
blica para ambos os sexos —
Rua Carlos Gomes, 50 — Aca-
do G. de Paula Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO — **Emi-
lio Rocco** — Novidades em case-
mira Inglesa. — Importação di-
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
3333 — Cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina,
Engenharia, Litteratura. — Revistas.
— Mappas. — Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPH. NORTE, 5667 — End. Tel.
— "LIVROMOND" — Caixa Postal, 785 — Rio de Janeiro —

Joallerie — Horlogerie — Bijouterie
Maison d'importation
Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)
Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable
Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude ≡

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE
MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Médico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospício de Juquery

Médico interno — Dr. TH. DE ALVARENGA
Médico do Hospício de Juquery

Médico residente e Director
Dr. C. HOMEM DE MELLO

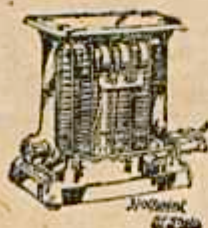
Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplêndido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside à rua Dr. Homem de Mello, próximo à casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12

SÃO PAULO

Telephone, 560



A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO
DE ELECTRICIDADE.
MATERIAL ELECTRICO EM GERAL
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.,

CONVALESCENTES DA GRIPPE

Ilmo. Sr.
Pharmaceutico
C. Fontoura.

Para bem de todos communico-lhe que só tenho tido sa-
bejos motivos de
satisfação com o
emprego, já bas-
tante extenso, de
varios seus prepa-
rados, mórmente o
seu "BIOTONICO"
e os seus compr-
midos da GLAN-
DULA THYROIDE.
A' vista deste suc-
cesso venho lem-
brar-lhe o alvitro
de alargar o cam-
po de suas opera-
ções pharmaceuti-
cas, dando-nos da-
qui por diante pre-
parações da thera-
pia pluri-glandu-
lar...

S. Paulo, 6 - Agos-
to - 1918.

Dr.
Pereira Barreto,
Medico.

"O Biotonico Fon-
toura merece os
meus applausos e
applicação. A associação feliz do phosphoro, arsenico e ferro, nes-
rasthenia e RESULTADOS DA GRIPPE — encontra sua verdadeira
approvação pela feliz combinação das substancias que o compõem.
Nos casos de biptose, taes como dyspepsias atonicas, anemia, neu-
ta época de tanta decadencia organica, será usada sempre com
proveito para os organismos debilitados.

BRAGANÇA.

Dr. J. H. Pereira Guimarães — Medico."

A' VENDA NAS DROGARIAS E PHARMACIAS



Com o uso do
BIOTONICO
novos
CONSERVA-DO

Augmento de peso, va-
riando de um a quatro
kilos.
Levessimio geral das
forças, com vultu do ap-
petito.
Desapparecimento das
dores de cabeça, insomia,
mas estar a nervosismo.
Completa cessação da
febre.
Augmento notavel dos
globulos sanguineos.
Eliminação dos phos-
phores nervosos.
Cura radical da leucó-
ria (fillos brancos) e
mas antiga.
Desarte a gravidez con-
secução dos menses regu-
lares.
Após o parto, rapido
rejuvenescimento das forças e
consideravel abundância
de leite.
Rapido restabelecimen-
to da convalescença de to-
das as moléstias que pro-
duzem debilidade geral.

Guaraná

IDO-KOLA
(GRANULADO)
**SUPERIOR AOS IDURETOS
E COALHADA**

GUARANA
IDO-KOLA
GRANULADO



MOLESTIAS DO CORAÇÃO
MOLESTIAS DO ESTOMAGO
MOLESTIAS DO INTESTINO
MOLESTIAS NERVOSAS :: ANEMIA
FRAQUEZA : ARTHRITISMO : NEURASTHENIA
ARTERIO-SCLEROSE

VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:

**TOSSE, ASTHMA,
COQUELUCHE ETC.**



**SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO**

Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAPIACABA N. 10

Caixa Postal 523 End. Tel. "Anglicus"

■ ■ ■ Armazens de mercadorias e depósitos de carvão ■ ■ ■
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull . . .	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater . . .	Mataborrão
Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	Chá da Índia
Read Bros. Ltd., Londres . . .	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburgo . . .	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne . . .	Champagne
Holzaufels, Ltd., Newcastle-on-Tyne . . .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull . . .	Preservativo de madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . .	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham . . .	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha . . .	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York . . .	Óleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . .	Ferro em barra e em chapas

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE".
Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartu-
chos e em latas. :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::
:: :: :: :: Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundi-
ções e fabricas, drogas e productos chimicos para indus-
trias, louça sanitaria, etc.

Edições da "Revista do Brasil"

Sacy-Pêrêrê — Interessante estudo de folk-lore, em bello volume de 300 paginas, papel Buffon, e illustrado com numerosas gravuras de pagina inteira.

PREÇO — 4\$000

Pelo correio — 4\$500

Urupês — contos por Montello Lobato, terceira edição (4.ª a 7.ª milheiro).

PREÇO — 2\$000

Pelo correio — 2\$300

A SAHIR:

Vida e Morte de Gonzaga de Sá — romance de Lima Barreto o laureado autor do "Triste fim de Polcarpo Quaresma" e das "Memórias do escrivo Isaias Caminha".

Rindo — Os melhores trabalhos satiricos e humoristicos de Martin Francisco.

PEDIDOS A

"REVISTA DO BRASIL"

CAIXA 2 B — S. PAULO

Loteria de São Paulo

PARA 24 DE JANEIRO

50:000\$000

Bilhete inteiro, 4\$500 — Fracções, 900 réis

Os bilhetes estão á venda em toda a
— parte —

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

Rua Libero Badarô, 14

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

**Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

**GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura**

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

**GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences**

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

**Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.**

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

**Rua de São Bento N. 29-C
SÃO PAULO**

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"

